



UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR
Artes e Letras

O Humor na Rádio em Portugal: Os mecanismos que nos fazem rir

Ângela Catarina Pereira Oliveira

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em
Jornalismo
(2º ciclo de estudos)

Orientador: Prof. Doutor João Canavilhas

Covilhã, outubro de 2015

Dedicatória

Aos meus pais por estarem sempre ao meu lado e pelo apoio incondicional

Agradecimentos

Esta dissertação marca o fim de uma etapa. Uma etapa de trabalho e aprendizagem. Se cheguei ao fim foi porque tive a ajuda e o apoio de pessoas que acreditaram em mim.

Ao meu orientador, o Professor Doutor João Canavilhas, pelo conhecimento, pela orientação, pela paciência e pela dedicação neste percurso.

Aos meus pais, aos meus irmãos e à minha avó que foram incansáveis e todos os dias me deram palavras de incentivo. Obrigada por acreditarem em mim.

Em especial à minha irmã, Vera Oliveira, pelo incentivo, pela preocupação e pelo bom humor das conversas.

Ao Nuno Simões, que me ajudou a concluir esta etapa. Obrigada pelas conversas, pelos conselhos, pela força e pelo encorajamento. Obrigada pela paciência, pela preocupação e pelos sorrisos.

Às minhas amigas, que partilharam esta etapa comigo: à Carla Augusto, à Carina Ferreira, à Ana Marcos e à Regina Henriques, obrigada por tudo. Pelo companheirismo, pela amizade, pelos conselhos, pelos desabafos e pelo incentivo nos momentos de maior desalento. Obrigada pelos melhores momentos partilhados nestes cinco anos, naquela que também tem um bocadinho de nós e será sempre a melhor cidade, a Covilhã.

Às amigas Carla Barbosa, à Ana País e à Micaela Ribeiro porque mesmo longe estiveram sempre comigo. Obrigada pelo carinho, pelo incentivo e por serem as melhores ouvintes.

A todos os que em algum momento me transmitiram confiança e apoio, o meu sincero agradecimento.

“O riso é a mais antiga e ainda a mais terrível forma de crítica”

Eça de Queirós

Resumo

A teorização sobre o humor começou na Antiguidade Clássica com o contributo dos filósofos gregos e romanos. O tema continuou a ser objeto de investigação até ao século XX, tendo as teorias sobre o humor e o riso sido agrupadas em três categorias: a teoria da superioridade, a teoria da incongruência e a teoria da libertação. Apesar deste aprofundamento, o humor continua a ser um conceito ambíguo que permite várias interpretações e sentidos. O riso é a resposta a um estímulo humorístico e por isso as narrativas são construídas com base nos mecanismos do humor para que resultem em construções caricatas. A sátira, a ironia ou a caricatura são os auxiliares do trabalho humorístico.

O humor é uma forma de comunicação e, por isso, para além de fazer rir tem ainda outras finalidades. Identificar, esclarecer, executar, diferenciar ou criticar são algumas das funções do humor num discurso. No caso particular do humor oral, o espaço de intervenção começou por ser a rua, ganhou depois o palco dos teatros e chegou à rádio, à televisão e, mais recentemente, à Internet.

A rádio, objeto de estudo deste trabalho, popularizou os programas humorísticos a partir dos anos 30 do século XX. O humor sobreviveu ao período da Censura e hoje os programas e rubricas humorísticas estão entre os conteúdos mais ouvidos na rádio portuguesa. Os novos humoristas apresentam um humor mais diversificado, trabalham sobre qualquer tema e decidem o que deve ser alvo do humor.

O objetivo desta dissertação foi caracterizar os mecanismos do humor que provocam o riso e perceber qual é a função do humor neste tipo de programas. Com essa finalidade foi desenvolvido um trabalho de análise qualitativa e quantitativa aos programas Mixórdia de Temáticas (Rádio Comercial) e Portugalex (Antena 1) procurando-se estudar as teorias, os mecanismos e as funções do humor mais usadas. Os resultados mostram que a ironia, a sátira e a caricatura são os mecanismos mais usados na construção humorística, mas não é possível definir um padrão humorístico nas rádios portuguesas uma vez que os programas diferem nos temas, nos mecanismos do humor utilizados e nos enquadramentos. Por outro lado confirmase que estes espaços são mais que narrativas humorísticas, são uma forma de crítica social, tal como ocorria no passado nos teatros e humor de rua.

Palavras-chave

Humor, Rádio, Modalidades e Mecanismos, Riso, Comunicação,

Abstract

The theorizing on humor began in Classical Antiquity with the contribution of the greek and roman philosophers. The theme continued to be the object of investigation into the twentieth century and theories of humor and laughter have been grouped into three categories: the superiority theory, incongruity theory and the relief theory. Despite this deepening, the humor remains an ambiguous concept that allows various interpretations and meanings. Laughter is the answer to a humorous stimulus and therefore the narratives are built in humor mechanisms that result in caricatures buildings. The satire, irony and caricature are the auxiliary humorous work.

Humor is a form of communication and, therefore, in addition to making people laugh has other purposes. To identify, clarify, enforce, differentiate or criticize are some of the functions of the humor in a speech. In the case of oral humor, the intervention space began as a street, then won the stage and the theater came to the radio, television and, more recently, the Internet.

The radio, this work subject of study, popularized comedies from the 30's of the twentieth century. The humor survived the period of censure and today's the programs and humorous lines are among the most heard in Portuguese radio. Young humorists present a more diversified humor, work on any topic and decide what should be the subject of humor.

The objective of this work was to characterize the mechanisms of humor that provoke laughter and realize what is the function of the humor in this type of program. To this object it developed a work of qualitative and quantitative analysis to the programs *Mixórdia de Temáticas* (Rádio Comercial) and *Portugalex* (Antena 1)) seeking to study the theories, mechanisms and functions of the most commonly used humor. The results show that irony, satire and caricature are the mechanisms used in more humorous construction, but it can not set a humorous pattern in the portuguese radios since the programs differ in the subjects, in the humor mechanisms used and frameworks. On the other hand it is confirmed that these spaces are more than humorous narratives, they are a form of social criticism, such as in the past in theaters and street humor.

Keywords

Humor, Radio, Modalities and Mechanisms, Laughter, Communication

Índice

Lista de Gráficos	xv
Lista de Tabelas	xvii
Lista de Acrónimos	xix
Introdução	1
Capítulo 1. Humor	3
1.1 Definição de Humor	3
1.2 Evolução das teorias do humor: da comédia clássica ao século XX	6
1.2.1 O humor na Antiguidade Clássica	6
1.2.2 O Renascimento	8
1.2.3 O século XVII: o riso como forma de superioridade	9
1.2.4 O Iluminismo: kant e a associação de comédia à incongruência	9
1.2.5 Século XX: Henri Bergson e Sigmund Freud	10
Capítulo 2. Teorias Modernas e Mecanismos do Humor	13
2.1 Teorias modernas do humor	13
2.1.1 Teoria da Superioridade	13
2.1.2 Teoria da Incongruência	15
2.1.3 Teoria da Libertação	17
2.2 Mecanismos do Humor	19
2.2.1 Humor e ironia	19
2.2.2 Sátira e caricatura	20
2.2.3 O riso	21
Capítulo 3. Comunicar através do ato humorístico	25
3.1 A função da comunicação	25
3.2 As funções do humor na comunicação	26
3.3 O humor e a oralidade	30
3.3.1 Humor de rua	30
3.3.2 Humor no teatro	32
3.3.3 Humor na rádio	32
Capítulo 4. O humor em Portugal: o caso da rádio	35
4.1 A rádio em Portugal: do nascimento a 1974	35
4.2 Pós 25 de abril	37
4.3 Os novos humoristas	46
Capítulo 5. Estudo Empírico	47

5.1 Metodologia	48
5.1.1 Universo Estudado	49
5.1.2 Aplicação das metodologias escolhidas ao estudo	50
5.2 Perguntas de investigação	50
Capítulo 6. Resultados e Discussão	51
6.1 Análise dos conteúdos dos programas de humor	51
6.1.1 Mixórdia de Temáticas	51
6.1.2 Portugalex	57
6.2 Discussão	65
Conclusão	69
Referências Bibliográficas	71
Anexos	81

Lista de Gráficos

Gráfico 1 - Caracterização dos assuntos abordados na Mixórdia de Temáticas	51
Gráfico 2 - Número de assuntos por emissão no Portugalex	57
Gráfico 3 - Número de assuntos por emissão na Mixórdia de Temáticas	57
Gráfico 4 - Caracterização dos assuntos abordados no Portugalex	57

Lista de Tabelas

Tabela 1.1 - Temas abordados na Mixórdia de Temáticas	50
Tabela 1.2 - Temas ficcionados ou reais na Mixórdia de Temáticas	51
Tabela 1.3 - Teorias do humor usadas na Mixórdia de Temáticas	52
Tabela 1.4 - Mecanismos do humor usados na Mixórdia de Temáticas	54
Tabela 1.5 - Funções das mensagens humorísticas na Mixórdia de Temáticas	55
Tabela 2.1 - Temas abordados no Portugalex	56
Tabela 2.2 - Temas ficcionados ou reais no Portugalex	58
Tabela 2.3 - Teorias do humor usadas no Portugalex	58
Tabela 2.4 - Mecanismos do humor usados no Portugalex	59
Tabela 2.5 - Funções das mensagens humorísticas no Portugalex	62

Lista de Acrónimos

A1	Antena 1
RC	Rádio Comercial
RDP	Rádiodifusão Portuguesa
RTP	Rádio e Televisão de Portugal
TSF	Telefonia Sem Fios

Introdução

Os programas de humor surgiram na rádio Portuguesa nos anos 30 do século XX e desde aí tornaram-se num dos géneros radiofónicos preferidos dos ouvintes. Neste trabalho são analisados dois dos programas atuais de maior sucesso - A Mixórdia de Temáticas e o Portugalex - procurando-se identificar se existe um padrão de humor nos programas radiofónicos; identificar o tipo de mecanismos do humor utilizados pelos humoristas e as teorias de enquadramento que usam nas suas narrativas para que se tornem cómicas e provoquem o riso; perceber que temas abordam atualmente estes programas e constatar se são assuntos aleatórios ou se seguem a agenda mediática; se são ficcionados ou baseados em factos reais; e ainda perceber qual é a função deste tipo de programas, se são conteúdos de entretenimento ou se pretendem passar uma mensagem.

Com essa finalidade, este trabalho divide-se em duas partes: o enquadramento teórico, constituído por quatro primeiros capítulos, e o estudo empírico.

No primeiro capítulo - “Humor”, faz-se uma contextualização deste fenómeno de diversão cómica segundo a opinião de autores como Martin (2007), Carroll (2014), Kuipers (2008), Mulder e Nijholt (2002) ou Eco (1993). Neste capítulo, o fenómeno humorístico é caracterizado como qualquer ação que promova comicidade e divertimento (Martin, 2007), mas também como uma forma de crítica explícita possível por meio de um jogo de palavras (Eco, 1993). Kuipers (2008) classifica o humor como um formato de comunicação capaz de levantar e criticar de forma criativa os problemas sociais.

Ainda neste capítulo traça-se uma perspetiva cronológica do conceito de humor, desde a antiguidade clássica até ao século XX, abordando-se as teorias da superioridade, da incongruência e da libertação. Estudam-se ainda os principais mecanismos do humor, nomeadamente a ironia, considerada por Santos (2009) a “antítese linguística”, a sátira, outro dos mecanismos que serve para ridicularizar hábitos e comportamentos, e a caricatura, outro auxiliar do discurso humorístico que exagera e distorce a realidade dos factos e pode traduzir-se numa forma de crítica e sátira. Estes são alguns dos estímulos humorísticos que provocam o riso.

No capítulo três enquadra-se o humor na perspetiva comunicacional para o classificar segundo as suas funções. O humor não tem a finalidade exclusiva de entreter e por isso apresentamos neste capítulo a várias funções que pode ter uma mensagem humorística, como identificar, esclarecer, executar, e diferenciar. Neste capítulo é ainda feita uma contextualização do fenómeno humorístico que começa com a retórica dos filósofos gregos e romanos até chegar aos *mass media*, nomeadamente à rádio.

No quarto e último capítulo teórico faz-se uma resenha histórica do humor na rádio em Portugal, desde o seu aparecimento até aos dias de hoje, com um levantamento dos

programas de humor da grelha das principais emissoras nacionais, desde o período conturbado da censura até 2015.

Traçada uma abordagem teórica do humor e do riso, no quinto capítulo apresenta-se o estudo empírico desta dissertação, procurando-se caracterizar os mecanismos do humor tendo em conta a argumentação dos teóricos atrás referenciados para dar resposta às perguntas de investigação:

- Quais são as modalidades de humor mais usadas nos programas humorísticos radiofónicos?
- E quais são os mecanismos usados nestes programas?
- Os programas abordam assuntos aleatórios ou seguem a agenda mediática?
- Os autores procuram passar alguma mensagem ou os programas são meros conteúdos de entretenimento?

Para melhor se compreender os mecanismos do humor e responder a estas questões optou-se por um conjunto de metodologias de investigação quantitativas e qualitativas para analisar 100 episódios correspondentes a duas rubricas humorísticas: 50 episódios da Mixórdia de Temáticas, rubrica da Rádio Comercial, e 50 episódios do Portugalex, rubrica da Antena 1.

No Capítulo VI apresenta-se a análise dos dados, seguindo-se as conclusões onde se destaca a inexistência de um padrão de mecanismos humorísticos nos programas estudados. Conclui-se que não há um padrão rígido na forma como se faz humor em Portugal mas há pontos em comum: os programas assemelham-se na finalidade crítica, característica que já vem da forma de fazer humor do passado, onde os personagens do teatro de rua ou os Bobos da Corte encenavam factos da atualidade e para além de entreter o público, gozavam e criticavam nos seus espetáculos. Por não se desvincularem da vida real estes espaços de humor são mais do que narrativas humorísticas, são uma crítica aos temas abordados num registo satírico, irónico e caricaturado.

Capítulo 1. Humor

1.1. Definição de humor

O termo humor é definido como “a qualidade de ser divertido ou cômico”¹ (Pearsall, 1998, p. 894) através da fala, da escrita ou de uma ação que desperte comicidade, graça e divertimento (Martin, 2007). O humor é o objeto da diversão (Carroll, 2014) que representa a crítica consciente e explícita, ao passo que o cômico, por ser ambíguo, consegue “jogar” com as regras sociais (Eco, 1993, p. 265). Enquanto o cômico é a “perceção do oposto” o humor “é o seu sentimento” (Eco, 1993, p. 265), o que Eco ilustra com o seguinte exemplo: “Se exemplo de cômico era uma velha decrépita que se embelezava como uma rapariga, o humor importaria perguntar-se também porque é que a velha age assim ” (1993, p. 265).

A origem etimológica da palavra humor vem do latim *humore*, que significa líquido ou fluido, incluindo fluidos corporais. Este sentido primordial da palavra ainda é usado na área da medicina, na qual os “humores” ainda são considerados fluidos corporais, que podem ser por exemplo, os fluidos do olho humano: humor aquoso e humor vítreo (Martin, 2007). Carroll (2014) refere que a noção de humor começa a ser utilizada, por volta do século XVI, para designar os comportamentos cujo temperamento se desviava das normas sociais e por isso humor passa a designar alguém que é “excêntrico”, “ridículo” ou “sujeitos aptos a serem imitados por atores cômicos”² (p.5). Uma vez que essas pessoas se tornavam frequentemente objetos de riso, a associação entre humor, divertimento e riso foi sendo cada vez mais reforçada e incluída no campo da comédia (Martin, 2007).

O divertimento cômico “é um estado emocional (...) como o medo ou a raiva”³ (Carroll, 2014, p4), cujo o objeto da diversão é o humor. A diversão cômica ocorre quando uma piada ou algum objeto específico se revelam engraçados para alguém e por isso Carroll (2014) alega que o humor está na origem de todos os objetos que dão origem à comicidade.

O humor é caracterizado como um “fenómeno essencialmente social” onde as expressões humorísticas - as piadas, as anedotas, a comédia ou o *stand-up comedy*⁴ - “são uma forma de comunicação”⁵ (Kuipers, 2008, p.365) que é normalmente compartilhada na interação social. Estes enunciados humorísticos são centrais para a ordem social, cultural e moral de uma sociedade ou grupo social por serem particulares a um assunto e tempo específicos.

¹ Original: “The quality of being amusing or comic”.

² Original: “(...) regarded as eccentric (...) they were seen as ridiculous and, thereby a fit subject for mimicking by comic actors”.

³ Original: “ (...) is an emotional state (...) like fear or anger”.

⁴ O *stand-up comedy* surgiu no final do século XIX nos EUA e designa “um espetáculo de humor onde um comediante (normalmente em pé) apresenta o seu material cômico a uma plateia” (Cruz, 2012, s/p). Algumas das características do *stand-up* são utilizadas pelos humoristas nas rubricas radiofónicas. Em ambos os casos o humor é feito através de monólogos, o material humorístico é original, resulta da observação do dia-a-dia que por muito comum que pareça origina sempre numa piada.

⁵ Original :“(...) quintessentially social phenomenon (...) are a form of communication”.

O humor é baseado nas transgressões dos limites sociais e, como refere Kuipers (2008), pode ser entendido como ofensa ou como divertimento. Portanto, sendo o humor uma parte das diferentes ações sociais, o ambiente social, cultural e as relações interpessoais são essenciais para se entender uma piada. “Uma piada só é entendida com humor quando todas as partes envolvidas concordam que é uma piada” (Mulder & Nijholt, 2002, p.7)⁶. Neste contexto, é de afirmar que um ato humorístico pode fracassar na medida em que o público se recusa a reconhecê-lo como tal, estando ou não cientes de que se trata de humor. A reação do público pode ser de “apoio ou rejeição, apreciação ou diversão ou até mesmo falta de perceber a intenção do orador para produzir humor”⁷ (Attardo, 2008, p.1210).

Jason Rutter dividiu sociologicamente o humor em três grupos associados a três teorias: manutenção, negociação e *frames* (cit in Mulder & Nijholt, 2002).

A teoria da manutenção sugere que as piadas devem obedecer às normas sociais designadas numa sociedade e fortalecer as divisões já estabelecidas entre grupos. O humorista “escolhe grupos muito semelhantes ao dele como alvo de uma piada para se concentrar sobre as diferenças mútuas e dessa forma fortalecer as divisões estabelecidas entre os dois grupos”⁸ (Mulder & Nijholt, 2002, p.7). Esta teoria incide sobre uma perspectiva sociológica, ou seja, classifica o humor como um meio de interação ou um passatempo que envolve um grupo de pessoas e aspetos de uma dada cultura. Mulder e Nijholt (2002) referem que à luz desta teoria “o ouvinte define se uma piada é engraçada ou não, dependendo do contexto social e cultural da piada e do meio envolvente”⁹ (p.7).

A teoria dos *Frames* vê o humor na perspectiva de uma rutura com o lado mais sério do quotidiano. Baseado no lado social e cultural de uma sociedade, o quadro¹⁰ humorístico apresenta críticas sem medo de retaliações. Os autores referem que “a partir do quadro humorístico as pessoas podem fazer comentários e violar tabus sem causar ofensa”¹¹ (Mulder & Nijholt, 2002, p.7). Quando o quadro humorístico perturba alguém é usada a expressão “é apenas uma piada, desculpe”¹² (Mulder & Nijholt, 2002, p.7).

Atualmente, o humor está omnipresente nos meios de comunicação e por isso Gama (2010) refere que somos uma “sociedade humorística” que encontra o humor nos vários formatos difundidos pelos meios de comunicação (p.1). Esta sociedade humorística é reforçada pela opinião de Ziraldo (1979) ao dizer que o “humor é a manifestação comunicativa por

⁶ **Original:** “A joke is only accepted as humorous when all involved parties agree that it is a joke”.

⁷ **Original:** “The reactions of an audience may range along a gamut of options that include support and rejection, appreciation and amusement, and failure to even perceive the intention of the speaker to produce humor”.

⁸ **Original:** “Jokers choose groups very similar to theirs as the target of the joke only to focus on the mutual differences and in that way strengthen the established divisions between the two groups”.

⁹ **Original:** “The hearer defines if a joke is funny or not, depending on the social and cultural context of the joke and its environment.”

¹⁰ **Original:** Jason Rutter referido no texto de Mulder e Nijholt (2002) utiliza o termo “frame”.

¹¹ **Original:** “From the humorous frame people can give comments and breach taboos without causing offence”.

¹² **Original:** “Only joking, excuse”.

excelência” ao caracteriza-lo como a “linguagem do século” (*cit in* Travaglia, 1990, p.55). Está presente em todos os lugares, “no trabalho e no lazer, nos assuntos públicos e privados”, por vezes “fazemo-lo nós mesmo, muitas vezes pagamos para que o criem para nós” (Carroll, 2014, p.6)¹³. Por isso, o humor, uma característica da nossa espécie, é considerado por Carroll (2014) “um componente quase universal das sociedades humanas” (p.6)¹⁴.

Carroll (2014) e Travaglia (1990) defendem que o humor é uma característica que distingue a vida humana.

O humor é uma atividade ou faculdade humana cuja importância se deduz de sua enorme presença e disseminação em todas as áreas da vida humana, com funções que ultrapassam o simples fazer rir. É uma espécie de arma de denúncia, de instrumento de manutenção do equilíbrio social e psicológico, uma forma de revelar e de flagrar outras possibilidades de visão do mundo e das realidades naturais ou culturais que nos cercam e, assim, de desmontar falsos equilíbrios (Travaglia, 1990, p.55).

O humor não tem apenas como finalidade o risível pois, como refere Travaglia, pode ser constituído como ferramenta “séria” com “funções” disponíveis para serem usadas pela sociedade (1990, p.56). Por ser também uma ferramenta, o humor desempenha a sua função de desmistificar assuntos sociais “sem criar perigos ou conflitos” não desejados pelo homem “graças ao seu jeito matreiro de quem não quer nada” que caracteriza “a sua estampa de não-sério” (p.56).

Perante a teoria psicanalítica de Freud, as piadas são uma forma indireta de tratar assuntos e cujos seus conteúdos são geralmente sobre temas socialmente contestados. As piadas podem ser camufladas através de um julgamento anedótico e podem servir para transmitir “discursos proibidos, subterrâneos, preconceituosos” que de outra forma só poderiam ser parcialmente expressos (Gama, 2010, p.5). Por isso “o humor pode ser visto como um carnaval de linguagem” porque se baseia “na resistência à flexão e rutura de regras”¹⁵ (Mulder e Nijholt, 2002, p.11). O humor e as piadas são formas de contornar os impedimentos sociais, ou seja, de forma indireta abordam assuntos sérios que de outra forma poderiam acarretar problemas de índole social ou moral. Também Eco (1993) caracteriza o jogo cómico como um ato “popular, libertário e eversivo” porque permite a licença de violar regras que se presumem invioláveis (p.265).

Estas histórias exclusivas da criatividade humana são consideradas análises críticas divulgadas de forma criativa, onde o humor é uma maneira de levantar e apresentar problemas significativos da sociedade e por isso o aumento do fluxo de piadas comunicadas nos órgãos de comunicação representa uma importância social.

¹³ **Original:** “we find it everywhere - at work and at play, in private and public affairs. Sometimes we make it ourselves; often we pay others to create it for us”.

¹⁴ **Original:** “(...) it seems to be a nearly universal component of human societies”.

¹⁵ **Original:** “Humour can be seen as a carnival of language (...) likewise humour is based on the bending and breaking of rules”.

1.2. Evolução das teorias do humor: da comédia clássica ao século XX

O riso é um componente importante da nossa espécie e a sua importância tem sido reconhecida de várias maneiras por investigadores, escritores e filósofos como Platão, Aristóteles, Kant, Darwin, Bergson ou Freud. Através do riso podem partilhar-se os mesmos sentidos culturais, as mesmas referências e os mesmos desígnios, contudo o riso e o humor também podem ser hostis. Da Antiguidade Clássica ao século XX, a grande maioria dos comentários filosóficos sobre o riso ou humor centravam-se na ideia de escárnio e tinham o efeito de repelir e humilhar por serem entendidos como comédia ou brincadeira.

1.2.1 O humor na Antiguidade Clássica

As características sobre o caricato na Antiguidade Clássica contribuíram para encontrar as três grandes teorias do humor, atualmente designadas por “superioridade”, “libertação” e “incongruência”, algo que será analisado mais adiante.

Na Antiguidade Clássica, a palavra humor não era utilizada no seu sentido atual, e a maioria dos filósofos apresentava uma perspetiva negativa do conceito. Apontavam para “uma conceção de comédia que englobava precocemente elementos como a superioridade e o aviltamento” (Ermida, 2007, p. 79). É com Platão, o primeiro teórico do humor, que surge o caráter negativo e agressivo do humor.

Segundo Platão, o humor corresponde a uma mistura de sentimentos, ou seja, “uma mistura de prazer e dor” (Attardo, 1994, p.18)¹⁶. Em *Filebo*, a posição de Platão é entendida nas palavras de Protarco e Sócrates que estabelecem “a inveja como a causa primeira do riso” ou seja, “quando invejamos os nossos amigos, rimo-nos dos seus males, ainda que isso provoque em nós, alegria e dor em simultâneo” (Ermida, 2007, p.79).

Uma das acusações que Platão faz ao riso é que ele é concebido como algo negativo e malicioso (Morreall, 2013). O filósofo associa o humor ao ridículo e considera que o riso excessivo deveria ser reprovado por ser visto como “esmagador da alma”¹⁷ (Attardo, 1994, p. 19).

Os conceitos de agressividade e superioridade também estão presentes no discurso de Aristóteles sobre o cómico. Embora o filósofo considere o “gracejo uma parte valiosa da

¹⁶ Original: “(...) a mixture of pleasure and pain”.

¹⁷ Original: “Overwhelming of the soul”.

conversa”¹⁸ por considerá-lo uma “insolência educada”¹⁹, concordou com Platão na ideia de “que o riso expressa escárnio”²⁰ (Morreall, 2013, s/p).

Na sua obra Poética, Aristóteles considera a comédia como uma forma de aviltamento que consiste “na imitação de homens inferiores; não, todavia, quanto a toda a espécie de vícios, mas só quanto àquela parte do torpe que é o ridículo” (Aristóteles, 1992, p. 109). O cómico é, no seu entender, apenas uma parte do feio, “que sendo disforme, não tem dor” (Aristóteles, 1992, p. 109).

Neste discurso de Aristóteles está presente o sentimento de superioridade naquele que ri da feiura e da baixeza por se sentir numa posição superior que lhe permite “aviltar e diminuir outrem” (Ermida, 2007, p.80). Contrariamente a Platão, Aristóteles afirma que a dor não se coaduna com a comédia, porque não rimos de atos que envolvam gravidade ou sofrimento.

Sendo o humor definido como um texto que visa um efeito perlocutório, Aristóteles defendia o seu uso na retórica porque a ironia e a brincadeira eram apropriadas na argumentação do orador. O filósofo antecipou assim os mecanismos da teoria da incongruência ao discutir o elemento surpresa nas metáforas, nas piadas ou nos trocadilhos. O elemento enganador de uma metáfora é semelhante às “novidades de expressão” que “surgem quando existe um elemento surpreso e as coisas acabam por ser contrárias ao que esperávamos” (Ermida, 2007, p. 80).

O humor grego insere-se naquilo a que hoje seria chamado “comédia grotesca, vulgar e profana, insultuosa e de trocadilho” (Attardo, 1994, p. 21)²¹.

Nesta época clássica é de realçar também as discussões latinas sobre o humor que foram influenciadas pelos pensadores gregos. A conceção de comédia em que se basearam alguns dos pensadores latinos, como Cícero e Quintiliano, seguem a escola grega no que diz respeito às causas do riso e ao uso do cómico na oratória. O “feio” e o “vil” são abordados aqui também como “a província do risível” (Ermida, 2007, p.80) uma vez que Cícero segue Aristóteles ao concordar que o humor está “contido em algum tipo de baixeza e deformidade” (Attardo, 1994, p.27)²².

À luz da natureza oratória Cícero estipula as regras que o bom orador deve cumprir quando faz uso do humor. De uma forma simplista, a teoria de Cícero assenta na ideia de que o riso não é suscitado pela repugnância ou pela compaixão (Ermida, 2007, p.81). Para elaborar ainda mais a sua reflexão, Cícero alega que o humor engloba “humor referencial”²³ que incluiu anedotas e caricaturas e humor verbal que incluiu ironia, metáforas, ambiguidade ou interpretações figurativas (Attardo, 1994, p.27).

¹⁸ Original: “(...) wit a valuable part of conversation”.

¹⁹ Original: “(...) educated insolence”.

²⁰ Original: “ (...) laughter expresses scorn”.

²¹ Original: “(...) rather crude slapstick, obscenity and profanity, insults, and puns”.

²² Original: “(...) contained in some kind of baseness and deformity”.

²³ Original: “ Referential humor”.

Outro contributo para a reflexão sobre o humor foi de Quintiliano que, tal como Cícero, trata o humor como instrumento que serve a arte da oratória e que nunca deve ser abusivo. O filósofo corrobora as opiniões já aqui estabelecidas, condena o humor quando dele se faz uso excessivo, aproxima-o do escárnio e caracteriza-o como “agressivo” e “negativo”²⁴ (Attardo, 1994, p.30). Se não é feita uma adequação do humor, os seus estímulos desencadeados podem levar ao “aviltamento gratuito e deselegante” (Ermida, 2007, p. 81).

As antecipações de alguns pontos das teorias modernas do humor também foram mencionadas por Quintiliano ao observar que as figuras de estilo também podem traduzir-se em boas fontes de humor (Attardo, 1994). Tanto Cícero como Quintiliano mostraram que o inesperado pode conduzir ao riso quando focaram a questão das “expectativas frustradas” de um sujeito face ao objeto (Attardo, 1994, p.31)²⁵. Esta polissemia e ambiguidade das palavras que estes autores referiram estão hoje no centro da investigação moderna no campo do humor.

1.2.2 O Renascimento

A época renascentista recupera as reflexões sobre o cómico deixadas pelos pensadores da Antiguidade, uma vez que a Idade Média, ou a “idade das trevas”, foi um período de pouca teorização sobre o humor.

Grande parte das definições de comédia e humor produzidas pelos pensadores desta época foram influenciadas pela redescoberta e interpretação da Poética Aristotélica onde a fealdade continua a ser motivo de reflexão. Vettore Fausto é um dos primeiros pensadores a debruçar-se sobre a equação Aristotélica “comédia e fealdade”²⁶ na sua publicação *De comoedia libellus* (Attardo, 1994, p. 36).

No tratado *De Ridiculis*, Madius (1550) baseia-se na dicotomia de Cícero e dá ênfase à “surpresa”/ incongruência como a “causa determinante da comédia” (Ermida, 2007, p. 83). Madius defende que o riso é um reflexo e a sua causa não advém somente da fealdade mas também da surpresa, uma vez que expostos diariamente à feiura de dado objeto, parámos de rir, ou seja, a causa do riso também reside na surpresa (Ermida, 2007).

Outro autor renascentista que contribuiu para os estudos sobre o humor foi Guiangiorgio Trissino (1562) que corrobora as ideias de Cícero e Platão ao falar da questão das “expectativas frustradas” de alguém face a um objeto, definindo o humor como “um prazer que vem até nós, porque o Homem é naturalmente invejoso e malicioso” (*cit in* Attardo, 1994, p. 41)²⁷.

²⁴ Original: “(...) aggressive and negative”.

²⁵ Original: “Frustrated expectations”.

²⁶ Original: “Comedy and turpitude (ugliness)”.

²⁷ Original: “This pleasure comes to us because man is naturally envious and malicious”.

Lodovico Castelvetro é mais um renascentista a corroborar a Poética Aristotélica e a argumentar que uma das abordagens pelas quais o feio provoca o riso é através da sexualidade (Attardo, 1994). Esta categoria, que mais tarde é desenvolvida por Freud, já foi aqui referenciada por Castelvetro, quando diz que os assuntos embaraçosos se tornam motivo de riso por serem apresentados de forma camuflada.

O Renascimento caracterizou-se assim pela recuperação das contribuições dos autores clássicos, como Aristóteles, Cícero ou Platão, antes da divisão entre as teorias psicológicas e literárias do humor, que surgiram no início do século XVII. A comédia concedida até ao Renascimento como género literário e oratório passa nos séculos seguintes a ser analisada individualmente aos olhos dos vários ramos da ciência, da filosofia, da psicologia, da sociologia ou da fisiologia.

1.2.3 O século XVII: o riso como forma de superioridade

O século XVII fica marcado pela associação do cómico ao princípio da hostilidade ou superioridade. Descartes apresenta uma reflexão sobre o que consubstancia uma atitude humorística e destaca o princípio da hostilidade, da troça e da surpresa como essenciais para o despoletar do riso (Descarte, 1992). O filósofo aborda o riso como uma reação sobre o mal quando afirma que “a alegria que resulta do bem é seria, ao passo que a que o mal provoca é acompanhada de riso e de troça” (Descartes, 1992, p. 101). O autor acrescenta que é a inesperada “surpresa da admiração que provoca o riso” (idem, p. 164).

Também neste século, Thomas Hobbes retoma a discussão sobre o riso ao caracterizá-lo como uma reação de superioridade perante os outros. Hobbes defendeu a ideia de que o riso é despoletado pela comparação com defeitos ou fraquezas dos outros, fazendo com que “subitamente nos aplaudamos a nós mesmos” (Hobbes, 2009, p. 62). Contudo, Hobbes, refere-se a esse ato cómico repentino como uma atitude de cobardia porque afirma que “o que é próprio dos grandes espíritos é ajudar os outros a evitar o escárnio e comparar-se apenas com os mais capazes” (Hobbes, 2009, p. 62).

Estes autores ditaram as bases da teoria moderna da superioridade analisada no capítulo 2, ao cimentarem que o riso “é uma reação de prazer perante os males alheios” porque “salvuarda e eleva a nossa autoestima” (Ermida, 2007, p. 84).

1.2.4 O Iluminismo: Kant e a associação da comédia à incongruência

No campo da comédia, o século XVIII fica marcado pela passagem a outro paradigma, do do riso como hostilidade à incongruência como característica do fenómeno cómico imposto por Kant. A incongruência no campo da comédia passa a designar “a ideia de que o humor surge da

combinação de elementos díspares e se alimenta do efeito de surpresa daí decorrente” (Ermida, 2007, p. 85).

Kant considera que tudo o que pode despoletar o riso contém algo absurdo e, conseqüentemente, apresenta-se sob o efeito surpresa (Kant, 1998). Kant descreve mesmo o riso como “um afeto resultante da súbita transformação em nada de uma tensa expectativa” (Kant, 1998, p. 239). Face a uma incongruência inesperada o entendimento do indivíduo alterna entre a dúvida e o engano até interpretar verdadeiramente o problema. Assim, Kant reforça que “o chiste tem de conter sempre algo que num momento pode enganar” para permitir que o entendimento do indivíduo oscile numa “rápida sucessão de tensão e distensão” (1998, p. 241). É este movimento que produz o divertimento perante uma incongruência.

1.2.5 Século XX: Henri Bergson e Sigmund Freud

O século XX fica também marcado pelo contributo de Bergson e Freud na caracterização do humor. Na sua obra “O Riso: Ensaio sobre o significado do cómico”, Bergson (1993) determina que o cómico infiltra-se nas formas, nas atitudes, nos gestos, nas distintas situações, nas ações e nas palavras. O autor defende a ideia de que a comédia “é um jogo que imita a vida” (idem, p.58) que “exprime, pois, uma imperfeição individual ou colética que pede correção imediata” (idem, p. 69). Defende que o riso e o humor se constituem como um prazer e um meio de correção porque “reprime as manifestações exteriores de certos defeitos, nos convida (...) a corrigir esses mesmos defeitos e a aperfeiçoarmo-nos interiormente” (idem, p. 134). Nesta perspetiva, o autor encara o riso como uma forma de escapa às tensões sociais e por isso os sonhos têm semelhanças com o caricato porque em ambos “há um movimento de relaxamento” porque permitem que “desliguemos das coisas” e “rompamos com a lógica” (idem, pp. 132-133).

O cómico permite ao individuo uma espécie de liberdade e relaxamento:

Há no fundo do cómico (...) a tendência a deixarmo-nos deslizar ao longo de um fácil declive (...) Já não procuramos adaptar-nos e readaptar-nos sem cessar à sociedade de que somos membros. Desleixamos a atenção que deveríamos à vida. Mais ou menos, passamos a ser distraídos (...) Temos o ar, enfim, de alguém que se diverte (Bergson, 1993, p. 133).

Ainda no século XX, Sigmund Freud debruçou-se sobre o tema do humor estruturando os princípios da que hoje é chamada de teoria da libertação baseada em noções psicológicas. Os princípios desta teoria defendem que o riso não é mais do que a energia mental descarregada livremente (Ermida, 2007).

No seu artigo “Humor”, Freud (1927) estabelece a relação entre economia e humor e afirma que a “produção do prazer humorístico surge de uma economia de gasto em relação ao

sentimento” (idem, p. 161)²⁸ ou seja, essa economia de sentimentos que é acumulada “é dissipada nos espasmos da gargalhada” (Ermida, 2007, p. 87). Assim, a teoria da libertação desenvolvida por Freud compreende o riso como um escape aos sentimentos recalçados do indivíduo que ao rir acaba por libertar energia afetiva.

Freud associa a concretização dos atos humorísticos à satisfação do ego do indivíduo ao afirmar que “o humor (...) é insubordinado e significa não só o triunfo do ego mas também o princípio do prazer que se afirma contra a crueldade das circunstâncias reais” (idem, p. 163)²⁹. Assim, a concretização do humor apresenta “algo de libertador” mas também “algo de grandeza e elevação” (idem, p. 162)³⁰.

Apesar de separados no tempo, estes pensamentos sobre a comicidade contribuíram para a caracterização moderna das teorias do humor, que serão usadas na parte empírica deste trabalho para analisar e caracterizar as técnicas humorísticas utilizadas na rádio, nos espaços Mixórdia de Temáticas (Rádio Comercial) e Portugalex (Antena 1).

²⁸ **Original:** “The yield of humorous pleasure arises from an economy in expenditure upon feeling”.

²⁹ **Original:** “Humour (...) is rebellious (...) signifies not only the triumph of the ego but also of the pleasure principle, which is able here to assert itself against the unkindness of the real circumstances”.

³⁰ **Original:** “Something liberating”; “Something of grandeur and elevation”.

Capítulo 2. Teorias Modernas e Mecanismos do Humor

2.1 Teorias modernas do humor

Para se perceber a natureza do humor, e como é que este provoca estados emocionais caricatos, é necessário analisar as principais teorias modernas sobre o assunto, que não perdem de vista as perspectivas definidas pelos pensadores da Antiguidade. Qual é a origem do humor, qual é o elemento humorístico que nos faz rir ou porque é que rimos apenas de determinadas coisas? Vários autores propuseram as suas teorias mas não há concordância para estipular uma única resposta que explique o que leva o ser humano a rir só de determinadas coisas.

De acordo com Lippitt a expressão “humor” aqui apresentada é usada “como um termo guarda-chuva para cobrir todas as categorias do cómico, incluindo o humor irónico, a sátira e as piadas”³¹ (1994, p. 147). Apesar de humor e riso não serem sinónimos e, por isso, não estarem inevitavelmente ligados, são abordados em conjunto dentro destas três categorias.

Como se viu no capítulo anterior, desde o Renascimento que várias teorias derivadas do humor foram apresentadas. A variedade de teorias que hoje se debruçam sobre humor é apresentada por Salvator Attardo (1994) em três grandes campos teóricos: o campo cognitivo, o campo sociológico e o campo psicanalítico. No âmbito cognitivo são enquadradas as teorias da incongruência e do contraste; no âmbito sociológico o autor incluiu as teorias da superioridade, hostilidade, agressividade, triunfo, escárnio e depreciação; por último, no campo psicanalítico são abordadas as noções de libertação, sublimação, liberação e de economia (idem, 1994, p.47). Cada teoria explica, em perspectivas diferentes, quais são os mecanismos que levam o ser humano a rir de determinadas coisas.

2.1.1 Teoria da Superioridade

Como se viu antes, Platão, Aristóteles e Hobbes defendiam a ideia de que o humor e o riso eram uma forma de expressar sentimentos de superioridade e, ainda hoje, são essas ideias que estão na base na Teoria da Superioridade. Platão e Aristóteles caracterizam a teoria da superioridade do humor como “malícia” ou “abuso” contra as pessoas (Carroll, 2014, p.8)³². Esta teoria sustenta que encontramos humor nas desgraças dos outros e por isso os seus defensores argumentam que há um sentimento de superioridade que envolve um lado agressivo do humor e em cada situação humorística há sempre um vencedor e um perdedor. A

³¹ **Original:** “An umbrella term to cover all categories of the funny including wit, satire and jokes”.

³² **Original:** “The association - found in Plato and Aristotele - of humour with malice and abuse towards people (...)”.

percepção de humor está associada a um sentimento de superioridade em relação a alguém, ou seja, muitas vezes o riso surge como triunfo sobre o outro e reflete a afirmação de superioridade do “Eu” relativamente a alguém ou a alguma coisa. No seu livro *Leviatã*, Hobbes explica que os seres humanos estão constantemente em disputa, procurando as deficiências uns dos outros e por isso o riso é um “entusiasmo súbito” provocado “pela alegria da imaginação do próprio poder e capacidade” que se traduz na “exultação do espírito” de que somos melhores do que os outros (Hobbes, 2009, p. 62).

Para Hobbes, considerado o teórico da teoria da superioridade, o riso, é provocado pelo “entusiasmo súbito” e despoletado pelas imperfeições dos outros ou seja, “é provocado ou por um ato repentino de nós mesmos que nos diverte ou pela visão de alguma coisa deformada em outra pessoa, devido à comparação com a qual subitamente nos aplaudimos a nós mesmos” (Idem, p. 62).

À luz desta teoria, o humor e o riso são uma forma de desprezo e malícia para aqueles que são alvo de ridicularização. Os defensores desta teoria consideram que o riso é uma forma de expressar prazer motivado pelas imperfeições ou falhas dos outros (Morreall, 2009).

Baseado em Charles Baudelaire, outro teórico da superioridade, Carrol defende que “a malícia intrínseca da comédia é a mais clara demonstração do satânico dos seres humanos” (Carrol, 2014, p.9)³³. Assim, o humor e a diversão acontecem à custa de personagens estupidificadas. Por exemplo, anedotas sobre loiras colocam quem as conta num patamar superior ao objeto humorístico, ou seja, a quem se referem.

Embora algum humor aconteça à custa dos outros, nem todas as coisas a que achamos graça dependem disso. Em termos Hegelianos³⁴, a teoria da superioridade revela a fragilidade, os constrangimentos sociais e culturais que a humanidade impõe a si mesma (Watson, 2014). Assim, a teoria da superioridade é estruturada em torno dos conceitos de agressão, superioridade e triunfo, inseridos no campo social como ferramentas de regulação, concretizados através do riso.

Morreall (2009) defende que o humor e o riso funcionam como ferramenta de regulação por apresentarem uma vertente moral que serve para corrigir erros na sociedade, já que a comédia se faz muitas vezes à custa dos erros ou imperfeições de alguém. Outro defensor da vertente moral da comédia é Bergson (1993) que refere o humor e o riso têm o poder de servir de corretor social.

Hoje, uma grande quantidade de dados desafia esta teoria pois, como explica Carroll (2014), “a capacidade de induzir sentimentos de superioridade não é uma característica necessária

³³ **Original:** “ (...) who regarded the malice inherent in the comic as the clearest token of the satanic in human beings”.

³⁴ O hegelianismo é uma corrente filosófica desenvolvida pelo filósofo alemão Georg Wilhelm Friedrich Hegel, um dos primeiros pensadores preocupado com a “modernidade” tendo por base os estudos sociológicos.

do humor” nem é “o reconhecimento da nossa superioridade face aos outros uma condição suficiente para o riso”³⁵ (p.14).

Verificando-se que os sentimentos de superioridade não são necessários nem suficientes para suscitar o riso, a teoria da superioridade enfraqueceu (Morreall, 2013). Duas novas teorias de humor e riso surgiram: a teoria da incongruência e a teoria da libertação.

2.1.2 Teoria da Incongruência

Enquanto a teoria da superioridade defende que o riso é provocado pela presença de sentimentos de supremacia sobre alguém, a teoria da incongruência defende que o riso é estimulado pela detecção de algo incongruente, da falta de harmonia, de consistência ou de compatibilidade num assunto (Morreall, 2009).

A teoria da incongruência do humor tem por base os conceitos de contraste e surpresa e é vista como “humor irracional” (Morreall, 2009, p.9)³⁶. O cerne desta teoria assenta nos desvios à norma e nos contrastes que são considerados a causa do riso (Carroll, 2014). Schopenhauer (1883) concorda com esta ideia quando diz que “a causa do riso em todos os casos é simplesmente a percepção súbita da incongruência entre um conceito e os objetos reais que foram pensados por ele em alguma relação, e o próprio riso é apenas uma expressão dessa incongruência”³⁷ (*op.cit* em Mulder & Nijholt, 2002, p.4). À luz desta teoria entende-se que o riso é provocado pela violação das expectativas do público. Morreall (2009) refere que a incongruência de um assunto se pode tornar cômica porque viola os nossos padrões mentais e também as nossas expectativas acerca do desfecho de dado assunto.

Tanto os textos trágicos como os humorísticos têm como finalidade a descoberta da incongruência, a diferença está que num texto trágico o conflito é resolvido com um castigo para o infrator e num texto humorístico essa incongruência não será resolvida só compreendida com a finalidade de provocar o riso. Assim, num ato humorístico o riso é o recurso para resolver a incongruência (Romão, 2005) porque “decorre de uma súbita expectativa que se transforma em nada” (Morreall, 2013, s/p)³⁸.

Embora Aristóteles nunca tenha usado o termo “incongruência” as suas ideias referiam que este poderia ser a base do humor ao defender que para suscitar o riso é necessário criar uma expectativa na plateia e em seguida violá-la (Morreall, 2013).

³⁵ **Original:** “(...) the capacity to elicit feelings of superiority is not a necessary feature of humour. (...) Nor is the recognition of our superiority to others a sufficient condition for laughter”.

³⁶ **Original:** “Humor as irrational”.

³⁷ **Original:** “the cause of laughter in every case is simply the sudden perception of incongruity between a concept and the real objects which have been thought through it in some relation, and the laugh itself is just an expression of this incongruity”.

³⁸ **Original:** “Laughter is an affection arising from the sudden transformation of a strained expectation into nothing”.

De acordo com esta teoria, para que haja diversão cômica é fundamental a presença de uma anomalia ou incongruência relativamente à nossa visão de como as coisas deveriam acontecer. Carroll define esta ideia como “uma subversão de expectativa”³⁹ (2014, p.17).

Na perspectiva da teoria da superioridade, o fato de alguém escorregar numa casca de banana provoca riso porque há um sentimento de superioridade em relação à pessoa que escorregou. À luz da teoria da incongruência, rimos porque escorregar numa casca de banana é um desvio da nossa convenção do que é caminhar (Watson, 2014).

A “incongruência é uma noção comparativa” porque “pressupõe que algo está discordante com outra coisa”⁴⁰ (Carroll, 2014, p. 18), pelo que a diversão “emerge num contexto de congruências e normas presumidas”⁴¹. (Idem, p.18) Por isso, Morreall (2013) defende que uma piada pode ser um divertimento que consegue evocar, mudar ou dissipar os nossos pensamentos. Esta mudança de ideias que ocorre na mente é descrita por Kant (1998) “como um jogo livre de sensações” que agrada pela sua alternância de pensamentos (p. 238).

As piadas quebram as regras sociais e apresentam-se sob a forma de uma incongruência para despoletar o riso. Essas regras sociais são classificadas por Foucault (1999) como interdições que englobam o tabu do objeto, o ritual da circunstância e o “ direito privilegiado ou exclusivo do sujeito que fala” (p.9).

É da quebra destas regras, e por isso da incongruência, que nasce o riso. Como refere Fourastié (*cit in Romão, 2005, p. 290*):

O homem ri cada vez que passa uma rutura, um incidente, uma interrogação num processo determinado previsto (...) o riso nasce de uma rutura de determinismo. Espera-se uma coisa e acontece outra. (...) Assim, o objeto risível, a coisa ou a narrativa da qual se ri, apresenta uma rutura de determinismo, uma dualidade, um conflito, um contraste de... lógicas, da qual precisamente a tomada de consciência pelo candidato ao riso, depois a repetição, a persistência ou a solução convidam ao riso.

Sendo a diversão cômica por deteção de incongruência a principal ideia desta teoria, Carroll (2014) ilustra-a com referência aos personagens do filme *Fuga das Galinhas* e ao *SpongeBob*. No primeiro caso, a incongruência é facto de o comportamento das aves do filme ser idêntico ao dos humanos, enquanto o segundo caso é incongruente porque *SpongeBob* é um sabão falante.

Os protocolos conversacionais com os quais lidamos diariamente são muitas vezes violados pelo humor. Considerado por Carroll uma importante fonte de humor, o trocadilho é incongruente por ser um absurdo. O autor refere que este “pode incitar leviandade,

³⁹ **Original:** “(...) this idea is stated in terms of a subversion of expectation”.

⁴⁰ **Original:** “ Incongruity is a comparative notion. (...) presupposes that something is discordant with something else”.

⁴¹ **Original:** “(...) emerges against a backdrop of presumed congruities or norms”.

deslocando o sentido provável de uma palavra ou frase de um contexto específico, para um significado secundário ou metafórico”⁴² (Carroll, 2014, p.21).

De cariz cognitivo, esta teoria requer o confronto de dois planos de ação que coexistam lado a lado num mesmo pensamento. São esses dois planos que potenciam o humor e que são atualmente abordados no *stand-up comedy*. A piada é composta por duas partes, o *set-up* e a *punch (line)*: o “*set-up*” é a primeira parte da piada, a que cria a expectativa; a “*punch (line)*” é a última parte, viola a expectativa (Morreall, 2013, s/p). Quando o final da piada é incongruente com o início, a nossa expectativa é dececionada porque esperávamos uma coisa e é dita outra. É isso que causa o riso.

Tal como as outras teorias do humor, também esta recebeu muitas críticas, contudo Morreall (2013) defende que a teoria da incongruência é mais abrangente que a teoria da superioridade ou a teoria da libertação, uma vez que não engloba apenas sentimentos de triunfo ou libertação psíquica, explicando outros tipos de humor, como os trocadilhos ou jogos de palavras.

2.1.3 Teoria da Libertação

A teoria da libertação e a teoria da incongruência surgem no século XVIII para contestar a teoria da superioridade (Morreall, 2009). Enquanto a teoria da superioridade defende que a causa do riso é a presença de um sentimento de superioridade e triunfo, e a teoria da incongruência defende que é a perceção de algo incongruente ou absurdo, algo que viole os nossos padrões mentais e as nossas expectativas, a teoria da libertação defende que a causa do riso advém da energia nervosa acumulada.

A teoria da libertação, associada a Freud, é principalmente uma teoria psicológica do humor que realça o riso como forma de libertação psíquica. Esta teoria sustenta que rimos para libertar tensão emocional ou psíquica e ao fazê-lo sentimos prazer.

Pensadores como Spencer (1966) ou Freud (1905) defendem a ideia de que a energia nervosa reprimida se alivia através do riso. Ambos supõem que no sistema humano há quantidades de energia reprimida que deve ser libertada. Spencer (1966) defende que as emoções tomam a forma de energia nervosa e são libertadas através das gargalhadas e assim empurradas para fora do nosso sistema. A energia libertada através do riso é a energia nervosa acumulada das nossas emoções. O autor defende que “o riso é o resultado do prazer que temos ao escapar das restrições de alguns sentimentos dolorosos” (Spencer, 1966, 304)⁴³.

⁴² **Original:** “A pun can incite levity by shifting the likely meaning of a word or phrase in a specific context to a secondary or metaphorical meaning”.

⁴³ **Original:**“(…) laughter is a result of the pleasure we take in escaping from the restraint of grave feelings.”

A energia nervosa aliviada através do riso é a energia das emoções que fica acumulada (Morreall, 2013). À luz desta teoria, o riso é o culminar de um período de expectativa ou suspense e por isso torna-se no mecanismo de relaxamento. Por isso o riso é o suspiro de alívio (Spencer, 1966).

O humor é aqui entendido como um escape às normas e inibições impostos pela sociedade. O indivíduo escapa aos recalcamientos da sociedade quando o humor substitui sentimentos negativos. De natureza psicofisiológica, esta teoria atingiu o seu auge quando Freud propôs que o riso é um mecanismo para libertar a energia psíquica (Mulder & Nijholt, 2002). A teoria de Freud defende que esta energia psíquica se forma para ajudar a suprimir sentimentos tabu, como o sexo ou a morte. Na sua perspetiva, as piadas são “uma fonte de prazer” porque permitem libertar sentimentos “estancados pela crítica racional” (Freud, 1905, s/p). O autor defende ainda que as piadas se exprimem geralmente através de comentários e por isso diz que o riso pode ser suscitado por um jogo de palavras. Na perspetiva psicológica de Freud, todas as piadas servem uma satisfação do Homem no sentido em que é através delas que suspendem a inibição interna. Segundo o autor, as piadas “podem ter a força de suspender inibições e repressões profundamente arraigadas” (Freud, 1905, s/p). Esta produção de prazer que se obtém através do humor corresponde à libertação psíquica que é economizada.

Aos olhos desta teoria, as piadas permitem contornar certos constrangimentos sociais, porque, uma vez que provocam o riso permitem aos interlocutores abordarem assuntos que seriam intratáveis em contextos sérios. Baseada na perspetiva de Freud, Gama (2010) argumenta que “o prazer do riso de todo o chiste decorre da suspensão de uma inibição, proporcionando a satisfação de uma tendência sexual ou agressiva” (p.2). Assim, e segundo a teoria psicanalítica de Freud, o risível torna-se numa ferramenta na busca do prazer que é alcançado através do “alívio da despesa psíquica” (Freud, 1905, s/p), ou seja, esta energia acumulada para reprimir impulsos ou certos assuntos tabu é libertada pelo riso. É através do riso que se chega ao fim de um período de tensão.

Watson (2014) considera que o prazer humorístico motivado pela excitação da emoção liga a teoria do alívio à teoria da incongruência. Muitas vezes a ansiedade criada pela nossa expectativa acerca da resposta a uma piada é dissipada, ou seja, a nossa expectativa é esticada ao máximo para eclodir em algo óbvio, desencadeando o riso. Kant (1998) sugere que esse riso é originado por algo absurdo e é esse absurdo que nos conduz à teoria da incongruência. Por isso Carroll (2014) também defende que a noção de alívio ou relaxamento restringida a esta teoria como uma condição necessária para haver divertimento cómico deve juntar-se com outras características identificadas nas anteriores teorias para poder englobar outros focos de humor.

A teoria da libertação afasta-se dos princípios que norteiam a teoria da superioridade e a teoria da incongruência. Aqui não se trata de “humor antissocial” ou “humor irracional”,

trata-se simplesmente “de uma maneira de descarregar energia nervosa encontrada por ser desnecessária” (Morreall, 2009, p. 17)⁴⁴.

Face ao exposto pode dizer-se que estas três teorias se complementam uma vez que o ser humano pode rir da incongruência face a um objeto, pela superioridade face a algo ou alguém, mas também pela libertação de energia acumulada face a algum assunto ou ação.

Nos programas radiofónicos de humor é mais comum rirmos da incongruência. A discordância de discursos, o uso da ironia, da caricatura e de estereótipos resultam em diversão porque à luz da teoria da incongruência as regras podem ser transgredidas conduzindo à paródia.

2.2 Mecanismos do humor

A nossa resposta a um estímulo humorístico é dada consoante o grau de comicidade ou divertimento a que fomos expostos. Os mecanismos de humor, como a ironia, a sátira, ou a caricatura, são os auxiliares dos atos humorísticos que fazem despoletar o riso, quer se trate de uma anedota, de um comentário jocoso ou de uma expressão facial. Na rádio, os textos e as interpretações dos humoristas recorrem a estes mecanismos para que resultem em comédia e provoquem o riso.

2.2.1 Humor e ironia

Humor e ironia são ações que têm aspetos em comum, mas são melhor compreendidas em separado. Com a finalidade de divertir, a ironia tem a particularidade de se apresentar com uma ideia que está a camuflar outra.

Historicamente, o conceito de ironia esteve sempre ligado à comicidade, mas também ao discurso retórico e foi Aristóteles que a caracterizou como uma ferramenta usada pelos interlocutores para se desviarem da verdade e assim evitarem a vaidade e o orgulho (Santos, 2009).

Considerado um modelo indireto do discurso auxiliar dos atos humorísticos, a ironia pretende transmitir a ideia oposta ao que é dito, ou seja, algo diferente daquilo que o locutor enuncia. Por isso, é da responsabilidade do interlocutor interpretar a mensagem camuflada em tons de ironia.

Bergson faz uma abordagem ao humor aproximando-o da ironia, referindo que ambos são uma forma de sátira, com a particularidade de que “a ironia é de natureza oratória” e o humor “tem qualquer coisa de mais científico” (Bergson, 1993, 92). O autor refere que o humor é o inverso da ironia, porque no processo do humor “descreve-se minuciosamente e

⁴⁴ Original: “ (...) but simply a way of discharging nervous energy found to be unnecessary.”

meticulosamente o que é, fingindo-se acreditar que é isso que as coisas deviam ser” ao passo que o uso da ironia consiste em falar “naquilo que devia ser, fingindo que se acredita que é precisamente o que é” (1993, pp.91-92). O filósofo francês considera ainda que a ironia é de natureza oratória porque “se deixa arrebatado cada vez mais pela ideia do bem que deveria reinar” ao passo que o humor “destaca cada vez mais o interior do mal real, para notar as suas particularidades com uma mais fria indiferença” (Bergson, 1993, p.92) por isso requer factos rigorosos, termos e pormenores mais concretos.

Santos (2009) apresenta a ironia como antítese linguística vista como o protótipo da mentira porque encobre dois significados para o mesmo discurso. Mas, ao contrário da mentira, a ironia permite inverter o significado porque o humorista sinaliza a mensagem como tal para que o interlocutor seja capaz de perceber que o discurso está camuflado. O uso da ironia permite ao humorista não desvendar qual o verdadeiro sentido da mensagem enviada, permite-lhe passar apenas uma descodificação superficial deixando a interpretação para o interlocutor. Neste sentido, Santos afirma que o humor irónico “é uma propriedade da incerteza e da dúvida” (2009, p. 130) porque, como se referiu anteriormente, o interlocutor pode, ou não, perceber a intenção de humor.

Como se verá no capítulo VI, a ironia é usada pelos humoristas na maioria dos programas de humor das rádios nacionais. Os locutores, nas suas rubricas, fazem uso desta figura que se assemelha à ambiguidade, pois tanto uma como outra permitem a dupla interpretação. Por ser dissimulada, mas voluntária, os humoristas socorrem-se da ironia para apresentarem temas mais controversos ou simples histórias humorísticas com a finalidade de serem interpretadas pelos ouvintes.

2.2.2 Sátira e caricatura

O humor não se desvincula necessariamente da vida real e por isso Carroll (2014) refere que uma das principais formas de humor é a sátira da sociedade, em específico da sua hipocrisia. Descrita como uma divertida distorção da realidade, a sátira, tal como a ironia, conduz a uma representação ambígua de comédia, que exige do público um esforço cognitivo no processamento das piadas (LaMarre, Landreville & Beam, 2009).

Ainda antes da caricatura, uma fisionomia já pode ser caricata. Bergson afirma que é incontestável “que algumas disformidades têm sobre outras o triste privilégio de, em certos casos, poderem provocar o riso” (1993, p.29). As disformidades podem então tornar-se risíveis porque conduzem ao ridículo.

Já a comicidade de caricatura é distinta da ironia porque distorce e exagera as suas demonstrações estereotipadas, conduzindo à sátira. Para gerarem o efeito humorístico, as histórias recorrem à caricatura, à representação grotesca dos objetos ou acontecimentos com que lidam. Muitas vezes o exagero da caricatura é tão grande que as histórias passam para o

campo do absurdo. Perante este efeito, Gama (2010) realça que se desencadeiam “situações improváveis ou impossíveis, contextos inexistentes, e a sátira de certos personagens é fora de ordem real” (p.6). Normalmente, a caricatura traduz-se numa sátira a alguma coisa ou a alguém, é “uma síntese” que “amplia o grotesco” e é “uma representação que denota uma ideia e pensamento maiores” (Carvalho & Fonsaca, 2006, p.11). O exagero é definido por Bergson (1993) como uma espécie de comicidade porque numa caricatura “nunca o seu equilíbrio é absolutamente perfeito” (p.31) uma vez que há sempre traços que através da caricatura são tornados visíveis com o propósito de fazer rir.

As caricaturas “revelam particularidades”, “sublinham algum gesto”, “provocam os nossos sentidos” (Carvalho & Fonsaca, 2006, pp.10-11). Estas funções da caricatura têm a finalidade de ser bem-humoradas através das deformidades, do exagero e dos pormenores realçados, mas é também “uma arte poderosa para escarnecer figuras públicas” ou para “ridicularizar a moral e os valores de uma época” (idem, p.11). A caricatura através do exagero é o exemplo do absurdo cómico.

Numa história caricaturada, o riso não é desencadeado a partir da caricatura: Gama (2010) refere que este feito serve apenas para aumentar a ansiedade pelo final porque o riso é suscitado pela “qualidade do contraste exposto e o quão surpreendente ele se mostra” (p.7). Essa qualidade do contraste é defendida também por Bergson (1993) que refere que ela deve ser levada ao extremo “através de desproporções e disformidades que poderiam ter existido na natureza em estado de veleidade mas que não puderam concretizar-se” (p.31). A caricatura é uma arte que põe em evidência os pormenores menos perceptíveis.

A caricatura realça particularidades para se tornarem mais visíveis e para que não passem despercebidas aos olhos de todos. A arte do caricaturista é captar os movimentos mais minuciosos e ampliá-los para os tornar vivíveis aos olhos de todos, o que resulta num efeito anedótico.

Na rádio, o humorista é também um caricaturador. Usa a sátira e a caricatura para despoletar o riso no ouvinte. O exagero e a distorção que acompanham esta arte são audíveis nas representações do humorista, que consegue transmitir a sua intenção e transportar o ouvinte para o ambiente pretendido através dos sons, dos enredos que muitas vezes se tornam contextos improváveis, da alteração do timbre ou do sotaque. Ricardo Araújo Pereira demonstra bem este mecanismo do humor nas suas crónicas na Mixórdia de Temáticas, onde a representação grotesca, o exagero ou a caricatura são uma constante, como se analisará no capítulo VI.

2.2.3 O riso

O riso é uma manifestação particularmente humana e com muitos significados. É ambíguo pois pode ser suscitado de variadas formas: pode ser desencadeado pelo estímulo humorístico (ser

fruto de uma piada) mas, como expõe Attardo (2003), pode também ser desencadeado pelo estímulo não humorístico (as cócegas) ou por imitação (através da observação do riso de outras pessoas).

O riso pode ser fruto de atos quotidianos porque muitas vezes rimos das expressões humanas, de animais ou objetos nos quais encontramos uma atitude ou manifestação humana, por isso Bergson assume que “não existe cómico fora do que é propriamente humano” (1993, p.18).

O Homem “é um animal que ri” mas, como refere Bergson, poderia ser definido também “como um animal que faz rir”, pois se algum animal ou objeto inanimado o conseguisse também seria “por semelhança com o homem, pelo sinal com que o homem o marca ou pelo uso que o homem dele faz” (1993, p.18). O homem sabe como suscitar o riso ou tornar algum assunto ou objeto em cómico.

Muitas vezes os termos “riso” e “humor” são usados como sinónimos e no mesmo contexto. Contudo, embora estes dois termos estejam relacionados, não são a mesma coisa: “o riso pode ser o resultado do humor, mas nem todas as situações humorísticas invocam o riso”⁴⁵ (Mulder & Nijholt, 2002, p.7). Attardo (2003) refere que “o riso, longe de ser exclusivamente uma reação ao humor, é usado pelos oradores para sinalizar a sua intenção humorística” (p.1288)⁴⁶. Apesar de o riso ser adjacente ao humor e ser despoletado após atos humorísticos, Provine (1996) argumenta o contrário e defende que o riso é um sinal social e não uma expressão de comoção cômica.

Attardo (2008) sugere que o humor faz parte do lado das competências e o riso é um problema do lado do desempenho, ou seja, o autor defende que rir pode ser uma das muitas reações a um estímulo humorístico e por isso “isto não é o segundo membro de um par de adjacência, nem um evento mais ou menos aleatório sem relação com o humor”⁴⁷ (p.1211).

O riso pode ser desencadeado pelo estímulo humorístico mas, como defende Attardo (2003), é também desencadeado pelo estímulo não humorístico - através de cócegas - ou por imitação - através da observação do riso de outras pessoas. Assim, quando desencadeado por um estímulo humorístico, o riso pode ser encarado como uma resposta a uma incongruência ou ato humorístico (Morreall, 2013).

Attardo (2003) expõe uma abordagem do humor e do riso baseada na competência, “que vai estabelecer a relação básica entre o estímulo (humor) e a resposta (risos)”⁴⁸ (p.1288) ou seja, pretende mostrar que o humor tem como objetivo divertir quem ouve. Esta teoria demonstra que a resposta do ouvinte, ou seja, o riso, pode ser afetado por alguns fatores que

⁴⁵ **Original:** “Laughter can be the result of humour, but not every humorous situation will invoke laughter”.

⁴⁶ **Original:** “Laughter, far from being exclusively a reaction to humor, is used by speakers to signal their humorous intention”.

⁴⁷ **Original:** “Laughter is one of the many possible reactions to humor, so it is neither the second member of an adjacency pair, nor a more or less random event unrelated to humor”.

⁴⁸ **Original:** “A competence-based approach, conversely, will establish the basic relationship between stimulus (humor) and response (laughter)”.

impossibilitam a reação esperada pelo orador. Como refere Attardo (2003), a resposta do ouvinte pode ser afetada “pela falta de percepção do estímulo, pela incapacidade de compreendê-lo, pela recusa de o considerar adequado para um momento de humor (por razões ideológicas ou outras)” ⁴⁹ (p.1288). Por outro lado, a relação entre riso e humor também é explorada pelos oradores para sinalizarem a presença de um momento divertido. Assim, na base desta teoria está a afirmação de que “existe riso sem humor e humor sem riso” ⁵⁰ (Attardo, 2003, p.1288).

O riso é usado como uma ferramenta na elaboração de um ato humorístico e por isso é usado como uma das estratégias no desempenho de um estímulo humorístico por parte dos oradores (Attardo, 2008). Muitas vezes, a ausência do riso depois de um ato humorístico pode ter vários significados: Por parte dos ouvintes, o riso depois de uma piada, significa que houve algum grau de concordância com o que foi dito e que a ocasião era também oportuna. Por outro lado, a retenção do riso confronta o orador com a desaprovação do que foi dito, por questões ideológicas ou por falta de compreensão.

Para Gama (2010), “a contradição é a característica do risível” (p.6). A autora defende que o riso é desencadeado pela percepção súbita e inesperada de uma contradição entre dois ou mais elementos de um assunto. Segundo ela o riso é despoletado de forma mais natural quanto mais a incongruência se apresentar de forma descendente porque o desenlace da piada é feito subitamente provocando uma sensação de prazer. Kant (1998) descreve o mesmo sentimento de outra forma, considerando que o riso é fruto de algo absurdo e por isso “é um afeto resultante da súbita transformação em nada de uma tensa expectativa” (p. 225). Segundo o autor, rimo-nos depois do súbito desenlace da piada porque a nossa expectativa dissipa-se em nada.

Quando associado ao risível, o ato humorístico é classificado por Romão (2005) como um texto que “visa ao ato perlocucionário do riso” (p.288). O riso pode ser provocado pela violação das convenções sociais e culturais estipuladas numa sociedade, que ao serem quebradas manifestam-se sob a forma de uma incongruência e apresentam-se ao ouvinte como surpresa (Romão, 2005). É a surpresa, provocada pela rutura com o convencional que despoleta o riso, por exemplo, “um bolo na cara faz rir porque se pressupõe que, numa festa, os bolos se comem e não se atiram à cara dos outros” (Eco, 1993, p. 263).

Contudo, não é apenas a simples constatação de uma violação do convencional que é caricato. O humor nasce de duas circunstâncias: a simultaneidade da confirmação de uma rutura convencional com o reconhecimento por parte do indivíduo de que tal ação se constitui numa violação às regras sociais (Romão, 2005).

⁴⁹ **Original:** “Such as lack of perception of the stimulus, failure to understand it, refusal to consider it appropriate for a humorous exchange in the current situation (for ideological or other reasons)”.

⁵⁰ **Original:** “The theory will assume that there exists both laughter without humor and humor without laughter”.

Como se verá no capítulo VI, os mecanismos que fazem rir nos programas radiofónico de humor, como a Mixórdia de Temáticas ou o Portugalex, são de carácter áudio e por isso são intencionais e estão pré-determinados para causarem o riso em quem ouve. O riso é muitas vezes usado pelos oradores para sinalizarem a sua intenção humorística: o som do riso ou outros sons característicos da intenção humorística acompanham geralmente as peças para guiarem e transportarem os ouvintes para uma outra realidade.

Capítulo 3. Comunicar através do ato humorístico

3.1 A função da comunicação

O termo comunicação vem do latim *communicatio*, que remete para “simultaneidade, reunião, atividade” (Martino, 2001, p.13). Assim, comunicar é tornar alguma coisa comum entre comunicadores, ou seja “uma informação, uma experiência, uma sensação, uma emoção” que em determinado contexto causa determinado efeito (Sousa, 2006, p. 22). É portanto “a relação entre seres humanos, quer face a face, quer à distancia, utilizando diversas modalidades de suporte (Rodrigues, 2000, p.29).

A comunicação, “componente básico da vida social” (França, 2001, p. 44) é “um objeto que está à nossa frente, disponível aos nossos sentidos, materializado em objetos e práticas que podemos ver, ouvir, tocar” (idem, p. 39), como os meios de comunicação social e outras plataformas de comunicação usadas diariamente para nos fazerem chegar mensagens. Nesta linha, a comunicação está igualmente presente nas conversas e nossas ações do dia-a-dia porque “comunicar é tornar comum” a muitos e identificar o que “não deve permanecer privado” e oculto (Sfez, 1991, p.17). É na relação comunicacional que a sociedade se “constitui, se fundamenta, se alimenta, se restabelece” (Rodrigues, 2000, p.29).

Independentemente do conteúdo ou forma da mensagem, a comunicação exalta emoções, torna público ou dissemina ideias, seja através de um poema, de uma canção, de uma história ou até de uma piada (Sousa, 2006). O autor propõe uma categorização da comunicação, propondo quatro tipos: a) persuasiva (quando a mensagem pretende influenciar e promover mudanças ou hábitos; exemplo: publicidade); b) Informativa (quando procura informar; exemplo: jornalismo); c) Entretenimento (quando o objetivo é entreter; exemplo: humor); d) Popular (quando envolve tradições e aspetos culturais).

A comunicação permite identificar, conhecer ou conceber práticas através “da palavra a ser dita, da palavra a ser escutada, da palavra em busca da sua legitimação, da palavra que se prolifera” (França, 2001, p.46). A palavra é o instrumento primário do homem, o instrumento que o tornou capaz de autonomia e ação.

Os processos comunicacionais têm reflexos nos desenvolvimentos sociais porque a troca de mensagens, sejam elas mais ou menos abstratas, têm implícitas várias funções que, segundo Hohlfeldt (2001), podem ser: “informar, constituir um consenso de opinião - ou, ao menos, uma sólida maioria - persuadir ou convencer, prevenir acontecimentos, aconselhar quanto a atitudes ou ações, constituir identidades, e até mesmo divertir” (p. 63).

3.2 As funções do humor na comunicação

Os momentos caricatos do quotidiano ajudam a libertar tensões, a lidar com o *stress* e a ultrapassar problemas, facilitando muitas vezes as interações sociais. O humor pode ser usado como uma estratégia de comunicação, porque para além de agradável e de gerar boa disposição é um mecanismo de persuasão. O humor está presente em todas as culturas, usando diversas formas e modalidades para se expressar. O humor que surge das ironias, incongruências, surpresas e dos paradoxos do dia-a-dia, permite uma maior facilidade na gestão de conflitos e do *stress* e por isso é possível utilizá-lo como veículo para passar mensagens (Davis, 2008).

Como refere Lynch (2002), “todo o humor é fundamentalmente uma atividade comunicativa”⁵¹ (p.423) por ser uma mensagem que se destina à interpretação de alguém. É uma manifestação própria do ser humano (Bergson, 1993) que se tornou omnipresente nos meios de comunicação. Tal como foi referido no primeiro capítulo, na Antiguidade Clássica o humor servia como instrumento da arte oratória. Atualmente o humor mantém a forma de discurso (Gama, 2010) tendo um forte poder persuasivo (Meyer, 2000).

O humor pode ser usado simplesmente para divertir, mas pode igualmente despertar consciências, tornando-se numa forma, ainda que divertida, de abordar temáticas transversais à Humanidade. O humor pode transmitir uma visão do mundo porque as suas representações transportam conhecimento de uma forma diferente daquela que ocorre num ato comunicacional formal.

Tal como refere Gama (2010), as piadas nunca são neutras e por isso os humoristas são “sujeitos discursivos cujas palavras manifestarão determinada ideologia” tornando-os em “agentes coercitivos” (p.9). As piadas têm um carácter ideológico e por isso o humor é usado para transmitir ideias sob uma capa de brincadeira (Gama, 2010). Por isso Bergson (1993) defende que o riso resultante dos atos humorísticos pode intimidar tanto como a humilhação quando entre a audiência está quem não partilhe a ideia transmitida pelo humorista.

As peças humorísticas transmitidas nos programas radiofónicos, tema deste trabalho, inspiram-se em ações ficcionadas aparentemente neutras e com a única finalidade de divertir mas, como se referiu antes, têm o poder de modelar o pensamento de quem ouve. Gama refere que estes programas humorísticos, por terem a vantagem de serem escritos por humoristas da mesma nacionalidade de quem os ouve e num curto espaço de tempo “tratam de questões que atingem determinada comunidade naquele momento, emitindo pareceres de valor com impacto maior sobre o quotidiano” (Gama 2010, p.10). Por isso, humor radiofónico facilita a identificação necessária para “a coerção” (idem, p.10) por ser baseado em acontecimentos nacionais.

⁵¹ Original: “All humor is fundamentally a communicative activity”.

Pela grande receptividade dos cidadãos aos programas humorísticos, e porque o humor tem a característica das suas mensagens serem facilmente memorizadas pelos recetores, é visto como forma de comunicação alternativa, ou seja, de forma discreta e lúdica levanta questões “que nos remetem à revisão, reflexão e ponderação de certos pontos de vista” (Gama, 2010, p. 11).

O humor pode ter várias funções. Mais do que um ato divertido, o humor tem geralmente “a função conversacional” (Hay, 2000, p. 710) e, conseqüentemente “é um elemento comum na interação humana”⁵² (Romero & Cruthirds, 2006, p. 58) porque tem um efeito positivo no processo de socialização e isso reflete-se em grupos de trabalho, organizações ou simplesmente numa conversa ocasional. Muitas vezes humor é usado num discurso com o propósito de ser mais fácil para o orador abordar e posicionar um assunto diante da audiência. Por exemplo, os políticos Ronald Reagan e Bill Clinton usavam “humor auto derrotista” nos seus discursos para se aproximarem dos cidadãos e melhorarem a comunicação com eles (Romero & Cruthirds, 2006).

O humor é entendido como uma experiência cognitiva que envolve uma realidade sociocultural da qual o riso ou o sorriso são sinónimos da percepção de humor (Meyer, 2000). Mas não são apenas os indicadores não linguísticos que indicam a experiência de humor: Meyer realça que “a comunicação é um fator chave em praticamente todas as teorias de humor”⁵³ porque dela resulta uma mensagem ou um ato que é percebido por alguém (2000, p. 311). O humor está presente nas várias formas de comunicar e é utilizado para tornar mais fácil a aceitação de mensagens. Quando utilizado nos discursos o humor permite libertar tensões e despertar emoções positivas “que facilitam a compreensão, a persuasão e a ligação emocional”⁵⁴ (Romero & Cruthirds, 2006, p. 61).

“A inclusão do humor nas mensagens tem o potencial de satisfazer uma variedade de objetivos retóricos”⁵⁵ (Meyer, 2000, p. 315). Contudo, o efeito do humor varia consoante as situações e a audiência porque a linguagem humorística é estabelecida pelos grupos sociais ou pelos indivíduos (Gama, 2010). Assim, através da comunicação o humor pode ter a função de unir os que o vivenciam e dar ao orador maior credibilidade dentro de um grupo como pode também ter a função de dividir o grupo quando o orador invoca atritos e conflitos sociais (Meyer, 2000).

O humor serve várias funções num discurso: por um lado, identifica, esclarece, executa, e diferencia (Meyer, 2000), por outro é solidário, dá poder e apresenta uma função psicológica (Hay, 2000). São estas as características analisadas de seguida.

⁵² **Original:** “Humor is a common element of human interaction”.

⁵³ **Original:** “Communication is a key factor in nearly all theories of humor”.

⁵⁴ **Original:** “(...) improved comprehension, persuasion and emotional connection”.

⁵⁵ **Original:** “(...) the inclusion of humor in messages has the potential to fulfill a variety of rhetorical goals”.

A **identificação** é usada num discurso humorístico para aumentar a coesão do grupo. O orador identifica aspetos de um determinado assunto com a intenção de criar consenso e entendimento dentro de um grupo ou entre grupos (Meyer, 2000).

Os oradores também recorrem ao humor para esclarecerem questões ou posições. O humor tem aqui a função de **esclarecer** ou **clarificar**. O uso do humor num discurso serve, neste âmbito, para elucidar melhor sobre as normas sociais ou opiniões sem recurso à correção ou censura mais severa. É usado como motivação para o público interpretar uma situação ou questão. Esta forma bem-humorada de explicar tem a finalidade de persuadir, ensinar ou esclarecer comportamentos socialmente esperados relativamente a uma questão ou assunto (Meyer, 2000). Estes discursos são mais facilmente memorizados pelos ouvintes porque são apresentados de forma lúdica, incongruente e inesperada.

A **execução** é outra função do humor que, mascarado num discurso dá ao comunicador a liberdade de fazer cumprir as regras socialmente impostas sem levantar conflitos. Em vez de adotar um discurso ríspido e crítico, o orador comunica num discurso mais humorístico e lúdico que lhe permite opor-se a um assunto e incitar ao que é desejado (Meyer, 2000; Hay, 2000). A função da execução do humor é requerer a correção das normas violadas indicando por meio do riso a pessoa responsável pela violação (Meyer, 2000).

Outra função do humor é a **diferenciação**, usada pelos comunicadores para confrontarem pontos de vista centrando-se na violação de normas ou situações inaceitáveis. Este tipo de humor pode ser usado na política para confronto de ideias de vários candidatos ou até mesmo por líderes que querem distinguir o seu grupo de outros. Quando usam esta função do humor procura-se “criticar ridicularizando a oposição através do riso e não através da indignação, raiva ou violência” (Meyer, 2000, p.322)⁵⁶. É a função mais eficaz para salientar e diferenciar as barreiras entre grupos e por isso o autor considera-a como a função mais forte do humor. A diferenciação permite “fazer divisões e oposições claras entre opiniões, pessoas e grupos” (Meyer, 2000, p.323)⁵⁷, servindo igualmente para unir os elementos de um grupo contra comportamentos e problemas.

Hay (2000) fala no uso do humor como mecanismo **solidário** cuja função é gerar consenso dentro de um grupo ou entre grupos através de semelhanças e partilha de interesses comuns. Neste sentido, o objetivo do humor é reforçar normas e valores, esclarecer e manter os limites dentro do que é socialmente aceite (Hay, 2000). O seu cariz solidário funciona para expressar harmonia e conformidade através da “função limitadora” do humor “que ridiculariza quem tenha inadvertidamente ultrapassado os limites da aceitabilidade (idem, pp.719-720)⁵⁸.

⁵⁶ **Original:** “One can criticize with humor by ridiculing the opposition through laughter rather than through indignation, anger, or violence.”

⁵⁷ **Original:** “(...) making clear divisions and oppositions among opinions, people, and groups”.

⁵⁸ **Original:** “(...) boundary function (...) who has unwittingly overstepped the boundaries of acceptability”.

O uso do humor pode servir também para evidenciar o **poder** do orador quando é usado para criar conflito (Hay, 2000). Este tipo de humor procura transmitir mensagens sérias com a premeditação de rebaixar outrem. Pode ser usado como “mecanismo regulador” que controla e influencia comportamentos e opiniões, ou como provocação a aspetos pessoais. “O humor desafia as fronteiras existentes, tenta definir novas, criar ou manter limites” ⁵⁹ (Hay, 2000, p.724), por isso os comunicadores recorrem a declarações exageradas, tendo por base mensagens sérias, para suavizarem o seu sentido real de provocar.

Outro propósito do uso de humor apontado por Hay (2000) é a sua função **psicológica**, usada pelo orador para proteger uma fraqueza pessoal ou para lidar com um problema. É frequente um orador usar humor para lidar com um “problema contextual” que ocorre no desenrolar da conversa, por exemplo, recorrer ao humor para se defender de uma gafe. Pode ainda lidar com um problema não contextual, recorrendo ao exagero humorístico para abordar temas como a doença ou a morte (Hay, 2000).

De uma forma sintética pode dizer-se que o uso do humor na construção de mensagens tem duas grandes funções - “unificar e dividir” (Meyer, 2000) quem os vivencia porque o riso e o humor pode desencadear um efeito solidário entre os elementos do grupo, mas pode igualmente revelar-se agressivo com outros. As funções de identificação, esclarecimento e solidariedade têm em vista unir humoristas e audiência sobre determinado assunto. Já as funções de execução, diferenciação e poder salientam a discórdia com as normas ou questões cimentadas e tendem a reforçar divisões entre grupos e comunicadores. É este humor divisionista e persuasivo que une grupos contra grupos porque ataca, culpa e questiona as ações dos outros (Meyer, 2000).

Graças à sua natureza ambígua, o humor é tão usado na comunicação. Romero e Cruthirds (2006) afirmam que é a “ambiguidade inerente ao humor que ajuda a subverter a resistência que normalmente as pessoas sentem quando são criticadas” ⁶⁰ (p.61). Os humoristas servem-se do humor e das suas rúbricas diárias para também eles passarem as suas opiniões, criticarem comportamentos ou incitarem mudanças sem sofrerem os efeitos negativos para quem ouve. Aqui, tanto o humor mais leve como o mais agressivo são entendidos como algo divertido que produz uma resposta afetiva dos ouvintes.

Mas nem tudo são vantagens: o humor também é uma “faca de dois gumes” (Meyer, 2000) porque algo divertido para uma pessoa pode ser bastante ofensivo para outra, situação crítica quando do outro lado está a audiência vasta e diversificada característica dos *mass media*. O humor agressivo ou negativo manipula, menospreza, reprime e humilha através da ridicularização e do riso. Este é o tipo de humor que leva os indivíduos que o praticam a perder a credibilidade junto dos grupos sociais.

⁵⁹**Original:** “Humor can challenge existing boundaries, attempt to set new ones, or create or maintain boundaries”

⁶⁰**Original:** “Humor’s inherent ambiguity aids in subverting the resistance that people usually feel when they are critiqued”.

Apesar de tudo, o humor está cada vez mais presente no dia-a-dia e a sociedade percebe a sua importância e o seu poder, como ficou patente nas reações ao atentado contra o jornal satírico Charlie Hebdo.

3.3 O humor e a oralidade

O humor é um fenómeno social e uma atividade comunicativa (Lynch, 2002), sendo uma forma de comunicar o mundo que nos rodeia com recurso às mais variadas formas (Damasceno & Nishizawa, 1999).

Os espaços radiofónicos de humor estão entre os mais ouvidos nas rádios portuguesas e ocupam cada vez mais espaço nas grelhas de programas. As rubricas de humor da Rádio Comercial ou da Antena 1, por exemplo, cativam os ouvintes e são referência para várias gerações.

Mas a grande visibilidade do humor oral não é um fenómeno recente. Tal como foi referido anteriormente, as suas origens remontam a Atenas e a Roma, onde o uso de humor era presença habitual na oratória, levando o homem a rir de si mesmo, das suas tragédias e dos seus absurdos.

As formas de fazer humor mudaram muito ao longo da história. Antes dos meios de comunicação se tornarem um suporte para a formação e expansão de rubricas humorísticas, o humor era uma constante nas Cortes europeias e, mais tarde, no teatro. Os Bobos e o teatro popular caricaturavam, exageravam e ironizavam aspetos da sociedade com o objetivo de fazer rir, mas também de alertar para certos aspetos sociais ou políticos. Por isso mesmo, a liberdade de criação humorística foi muitas vezes proibida pelos regimes ditatoriais, sobrevivendo mais ou menos camuflada em meios, suportes e ambientes capazes de sobreviver à repressão do poder. O humor foi-se adaptando às situações socioculturais, mas também às inovações tecnológicas, tendo sido capaz de se recriar a adaptar continuamente ao longo dos séculos.

3.3.1 Humor de rua

O humor de rua existe desde o advento da própria cidade (Carreira, 2005) onde os espaços abertos e as festas civis eram o local de atuação e declamação dos narradores, dos cómicos e dos artistas. Já nesta altura existiam personagens de rua que faziam rir através do seu aspeto desajeitado e disforme (Castro, 2005). Em todas as cortes da antiguidade há referências a figuras cómicas que tinham a função de fazer rir. Estas figuras tiveram várias designações: o “Macaco” começou por ser o personagem cómico na China; os gregos tinham a figura dos

“Parasitas”, eram os convivas responsáveis por alegrarem os banquetes e as festas; e em Roma os “Cicirrus” ou os “Stupidus” eram as figuras que faziam rir (Castro, 2005). Este género de personagens cómicas, que sempre existiram, faziam rir através “do inesperado, da imitação de figuras conhecidas ou de críticas aos acontecimentos do momento” (Castro, 2005, p.20).

Na idade média surgem outros cómicos de rua. Na cidade medieval a rua é o local de comunhão e de encontro e por isso o local escolhido para os comediantes dos chamados teatros de rua se apresentarem com as suas performances.

O espetáculo humorístico do “teatro de rua” e, mais tarde, do “teatro de feira”, foram influenciados pelos artistas da comédia Italiana - *A Commedia D’ell Arte* - que passou por toda a Europa com os seus personagens característicos (Carreira, 2005). Estas performances de teatro humorístico tinham o objetivo de se mostrarem ao maior número de pessoas com o intuito de produzirem impacto e gerar interpretações. Eram encenados os factos da atualidade, com a intenção de divertir o público mas também com a intenção de criticar. “Os artistas ambulantes” vinham para as ruas com o intuito de passarem as suas mensagens por meio de humor. Procuravam as ruas mais movimentadas e os parques mais visitados para apresentarem os seus diálogos encenados de modo a que chegassem ao maior número de pessoas (Carreira, 2005).

É durante a Idade Média que surge o “Bobo”, uma personagem presente na Corte que tinha a função de divertir a realeza e os convidados (Castro, 2005). Os Bobos da Corte eram os personagens cómicos que divertiam a nobreza e por isso eram presença habitual nas Cortes europeias e no teatro popular. Eram cómicos e, por isso, estavam autorizados a dizer o que mais ninguém podia e a apontar de forma grotesca os vícios e as características da sociedade e da própria nobreza.

Estas manifestações cómicas num tom satírico e grotesco incidiam sobretudo nos papéis sociais e retratavam, através dos estereótipos, as hierarquias superiores. Nesta época, o Bobo era o único que tinha o poder de gozar, brincar e criticar nos seus espetáculos cómicos, uma vez que a criação humorística era condicionada. Contudo os humoristas desta época não desapareceram, escolhiam situações específicas e animavam feiras, festas e celebrações.

O palhaço é mais recente figura cômica e “agrega diferentes tipos de cómicos, com inúmeros e variados estilos de comicidade” (Castro, 2005, p. 60). O novo personagem aparece nos circos europeus no início do século XIX e surge como um novo personagem cômico porque incorpora em si todas as características dos comediantes de épocas anteriores, dos Bobos da Corte, dos animadores de feiras ou dos personagens cómicos da *Commedia Dell’Arte* (Castro, 2005). Os números cómicos deste personagem são baseados na estupidez, na desordem e no anormal. Os palhaços usavam também a habilidade física para provocar o riso e por isso são acrobatas cómicos pela sua “agilidade, perícia, elasticidade, ritmo dos tombos e pontapés, saltos, quedas e rolamentos” (idem, p.77).

3.3.2 Humor no teatro

Depois dos espetáculos de rua e das feiras, o humor do teatro surge com o teatro de revista. Este tipo de “revista” surgiu em França no século XVIII com o objetivo de “fazer uma revisão dos factos reais oriundos da sociedade, sob um olhar crítico e cómico” (Aguiar, 2012, p.3). Os espetáculos cómicos do teatro de revista traduziam-se numa crítica social e política da sociedade.

Neste género de peças, que constituíram uma janela de crítica política e social, prevalece “a crítica aos costumes de um país ou de uma localidade, ou então faz passar à vista do espectador acontecimentos como revoluções, grandes eventos, modas, acontecimentos artísticos ou literários, espetáculos, crimes, desgraças, divertimentos, feitos e sucessos nacionais e dos seus protagonistas” (Silva, 2010a, s/p). Este tipo de humor socorria-se dos factos e situações do quotidiano e misturava-os com trocadilhos, metáforas, ironias e recurso à caricatura de personagens importantes, para fazer rir e entreter o público.

Em Portugal, o teatro de revista surge no século XIX, sendo “uma evocação, memorização ou descrição dos eventos relevantes passados em determinada época” e, por isso, era também designada como “revista do ano” (Cruz, 2014, s/p). “Lisboa em 1950” foi o nome do primeiro teatro de revista português, apresentado em 11 de janeiro de 1951. Este género de teatro musical era composto pelos acontecimentos que marcavam a atualidade, quer fossem “revoluções, grandes inventos, modas, acontecimentos artísticos ou literários, espetáculos, crimes ou desgraças” (Cruz, 2014, s/p). Durante mais de um século através da caricatura ou da sátira, o teatro de revista “constituiu uma janela de crítica política e social” (idem, s/p).

O teatro de revista também teve grande importância dentro da comédia e da sátira política e social no período do Estado Novo. Este espetáculo musicado, que faz parte do campo da comédia e da crítica, era considerado “menos subversivo” do que o teatro declamado e por isso escapava mais facilmente à censura (Cruz, 2014, s/p). Através dos espetáculos, o teatro de revista conseguiu transmitir as suas mensagens revolucionárias camufladas pelo ambiente de espetáculo e música (Guilhoto, s/d). Mas é depois do 25 de abril que o humor ganha um novo impulso: a liberdade de expressão permitiu o seu desenvolvimento e trouxe liberdade para se criticar abertamente. Apesar de ter sido um género muito apreciado ainda no século XX, o teatro de revista em Portugal entrou em decadência.

3.3.3 Humor na rádio

O início do século XX marca a chegada do humor aos *mass media*. Antes restrito a manifestações de menor alcance, como a rua ou as salas de teatro, o humor “é absorvido pelo cinema e pela indústria cultural e ganha amplitude global” (Levino & Martins, 2012, s/p).

“O trinómio humor - oral - popular” (Pavan, 2013a, p.3) passa desde então a ser o ingrediente estratégico da produção mediática contemporânea e encontra espaço de reprodução em vários suportes. O certo é que as representações cómicas ganharam mais visibilidade e popularidade com a expansão da comunicação oral permitida pela rádio (Pavan, 2013a). Nos altos e baixos momentos do percurso da rádio “o humor constituiu um dos mais importantes dispositivos interativos da mídia radiofónica” (Pavan, 2013a, p.3). Os programas e rubricas humorísticas multiplicaram-se e invadiram as programações das estações radiofónicas reformulando-as, e de “erudito, instrutivo e cultural” este meio de comunicação passou a ser “popular, de lazer e de diversão” (Idem, p.3).

A compreensão do humor é possível porque ele espelha o dia-a-dia de uma sociedade. É através da rádio que o humor consegue aproximar os locais de escuta dos espaços públicos mediatizados. O sotaque e os apelidos característicos de uma região, ou as histórias e os insólitos que ocorreram numa localidade, podem tornar-se nos protagonistas de uma rubrica humorística de uma rádio nacional. A oralidade humorística, que antes ficava confinada a uma rua ou a um teatro, ganha nova dimensão com o surgimento da rádio, permitindo a expansão da comunicação oral e das histórias que se transformam em humor. Por exemplo, as rábulas de Ricardo Araújo Pereira, interpretadas pelo próprio na Mixórdia de Temáticas, têm sucesso pelo conteúdo, mas também pelos recursos sonoros e interativos, pela mistura de sotaques e gírias, pelas expressões identitárias e pela mistura dos universos sociais.

O humor mediatizado permite ao humorista interpenetrar o global, o local e a interculturalidade porque “é comum detetar elementos universais e provinciais nos personagens humorísticos contemporâneos” (Pavan, 2013a, p.6). A rádio expandiu o discurso humorístico e permitiu-lhe a apropriação e massificação de discursos identitários de vários locais e regiões, através da linguagem, dos sotaques, modos de falar, do quotidiano e do comportamento social (Pavan & Gattermann, 2007; Pavan, 2013a, 2013b).

A rádio popularizou os programas humorísticos tornando-os em elementos da cultura popular e atribuindo-lhes outros sentidos. O humor mediatizado pode ser um explicador e intérprete do mundo porque os seus discursos, mesmo lúdicos, são numa forma de apreensão da realidade (Pavan, 2013a; Damaceno & Nishizawa, 1999).

A rádio transmite maior fidelidade à sonoridade dos sotaques e dialetos e permite aos ouvintes criar vínculos com a voz e com as expressões utilizadas. Nos programas humorísticos radiofónicos qualquer grupo ou pessoa está sujeita a ser objeto das piadas uma vez que no território da comicidade todas as classes sociais são objeto de caracterizações (Pavan, 2013b).

Quer seja para retratar assuntos da atualidade ou para apresentar histórias fictícias, o humor é uma forma de expressão, é um ato comunicativo de alcance popular. Com a intensão de persuadir, os humoristas interpretam os personagens para os tornar mais credíveis. Procuram

expressões típicas, adaptam o tom de voz e os comportamentos procurando uma identificação que aproxime da audiência.

Como se verá no próximo capítulo, é partir dos anos 30 do século XX que começaram a surgir as primeiras incursões de humor, juntamente com os primeiros programas de carácter político ou cultural, na rádio Portuguesa.

Capítulo 4. O humor em Portugal: o caso da rádio

Os primeiros passos da rádio ocorrem em 1864, momento em que se conhece a existência de ondas eletromagnéticas, que só virão a ser produzidas em 1887 pelo alemão Heinrich Hertz. Em 1894, o italiano Marconi usa as ondas hertzianas nas primeiras experiências da comunicação à distância em código Morse, primeiro a 400m e depois a 2000m. Mais tarde, em 1889, é o responsável pela primeira ligação que atravessa o canal da Mancha, e em 1901 realiza a primeira ligação hertziana transatlântica.

Só numa etapa posterior foi possível transmitir voz por meio das ondas hertzianas. A primeira ligação europeia realizou-se em 1908 a partir da Torre Eiffel, sendo ouvida em Villejuit. Os militares são os primeiros a aperceberem-se do interesse desta invenção, agora com a possibilidade de transmitir voz. Só no início dos anos 20 do século XX se começaram a desenvolver as emissões dirigidas a recetores múltiplos e não identificados: “na evolução da rádio, o continente antecedeu o conteúdo: brincou-se com os tubos antes de se saber o que se faria passar através deles” (Jeanneney, 2003, p.123).

4.1 A rádio em Portugal: do nascimento a 1974

Em Portugal, as tentativas de ligação através da TSF começaram em 1901. Em 9 de Março desse ano, os militares foram os responsáveis pelo primeiro contacto via Morse no país. Os anos que se seguiram ficaram marcados pelas experiências e ensaios com ondas hertzianas e, em 1912, Alberto Carlos de Oliveira é reconhecido como o primeiro “radiotelegrafista” amador (Silva, 2010b). O primeiro registo de emissão de voz e música sem fios é atribuído a Fernando Cardelho Medeiros em 1914. Mas foi a CT1AA - Rádio Portugal- a primeira estação com emissões regulares, em 1925 (Portela, 2011). Na sequência destas experiências, novas emissoras amadoras abrem portas, entre elas está, em 1928, a CT1DY, que deu origem à Rádio Clube Português.

Com a multiplicidade de emissoras deste período, em 1930 o Governo Português decretou o fim de muitas estações de rádio e entregou ao Estado o monopólio dos serviços de radiotelegrafia (Portela, 2011). Durante o regime político e autoritário de Salazar e Marcelo Caetano, entre 1933 a 1974, a rádio fazia parte da estratégia do poder político para manipular a opinião pública em defesa das normas praticadas pelo Estado Novo. O poder da rádio foi reconhecido pelo regime como fundamental para a propaganda e manipulação da opinião pública. Por isso, em 1935, por iniciativa estatal, nasce a Emissora Nacional de Radiodifusão, que mais tarde se veio a chamar de Radiodifusão Portuguesa (RDP) (Portela, 2011).

Depois de um longo período experimental, a rádio teve um importante impulso a partir de 1938, ano em que nasce oficialmente a Rádio Renascença (Portela, 2011). Os chamados “anos

de ouro da rádio”, entre 1930 e 1950 “traduziram-se num fenómeno de radiodifusão que procurava reconstruir a realidade dentro do estúdio, com dramatizações e espetáculos produzidos na própria estação emissora” (Cordeiro, 2004, p.2). Pela falta de liberdade, os programas humorísticos obrigam-se “a manobras linguísticas” para que não fossem censurados (Cordeiro, 2004, p.2). “Muitos *sketches* faziam piadas disfarçadas ao regime, à semelhança do que se fazia no teatro de revista” (Cordeiro, 2004, p.2).

É neste rol de experiências e tentativas de criar conteúdos e da apropriação da rádio para fins políticos que surge o humor, que mesmo sob a censura do Estado tenta divertir e provocar o riso na audiência. Também a nível internacional foi durante os períodos mais conturbados que este tipo de programas surgiu para distrair a população dos acontecimentos que a afetavam. Desta forma, o humor radiofónico teve o seu auge na Grã-Bretanha, durante a II Guerra Mundial, e em Espanha floresceu nos anos pós Guerra Civil (Muñoz & Gil, 1988).

O teatro radiofónico nasceu no pós-Guerra e neste período inicial o humor viveu do amadorismo de quem se dedicava a esta arte de fazer rir (Cordeiro, 2006). O teatro radiofónico era fundamentalmente um espaço para a formação cultural, mas a partir de 1950 os folhetins ganham contornos menos literários e, em 1952, surge o Rádio Comédias, um programa semanal que, apesar da Censura, sobreviveu até 1974 (Cordeiro, 2006).

A uma fase de “rádio-espetáculo” preenchida por emissões diretas, seguiu-se “um modelo de passagem de discos e conversa entre dois locutores” (Cordeiro, 2005, s/p). Nesta fase, os grandes êxitos da rádio eram os programas de humor, os folhetins, os discos pedidos e os programas desportivos.

A par dos folhetins humorísticos, os programas de humor surgem a partir dos anos 30, momento em que começaram as primeiras emissões regulares públicas e privadas. No humor destacam-se três programas que marcaram o entretenimento radiofónico até 1974. “As Lições do Tonecas”, em 1934, “A Voz dos Ridículos”, a partir de 1945, e os “Parodiantes de Lisboa”, que surgem em 1947 e fazem a diferença no panorama nacional pela inovação humorística que rapidamente se espalhou também à publicidade.

O primeiro programa de humor em Portugal, “As Lições do Tonecas”, nasceu nos jornais, transitou para o Rádio Clube Português e só depois para a televisão (Ferreira, s/d). Em 1945, “A Voz dos Ridículos” foi outro programa de humor, transmitido a partir da Portuense Rádio Clube, assinalando-se a passagem do jornal humorístico para o humor radiofónico (Santos, 2004). A emissora do norte também sofreu com a Censura e chegou mesmo a ser fechada pelo regime de Salazar. Apesar das pressões, o programa de humor continuou no ar, passando depois por outras rádios nacionais, como a Ideal Rádio, a Rádio Comercial Norte, tendo acabado na Rádio Festival, em julho de 2013 (Santos, 2013). Foi o programa de maior longevidade na história da rádio portuguesa: esteve no ar durante 68 anos.

“Os Parodiantes de Lisboa” surgem em 18 de Março de 1947 com o programa “Parada da Paródia”, que ia para o ar todas as terças, às 20h, na Rádio Peninsular (Cordeiro, 2006;

Cabana dos Parodiantes, 2006). Foram fundadores deste programa os escritores e intérpretes Mário de Meneses Santos, Mário Ceia, Ferro Rodrigues, Santos Fernando, Manuel Puga, José Andrade e Ruy Andrade, aos quais ao longo dos anos se foram juntando outras vozes (Cabana dos Parodiantes, 2006). Ao longo dos anos, o grupo de humoristas foi lançando novos programas e rubricas nas emissoras associadas de Lisboa, destacando-se programas como “Graça com Todos”, que esteve diariamente na antena da Rádio Clube Português durante 50 anos, com emissão em Lisboa, Porto, Madeira e também em estações estrangeiras de Angola e Moçambique (Ferreira, s/d; Cordeiro, 2006). “O humor fino e mordaz” do teatro radiofónico dos Parodiantes de Lisboa, que “criticava os usos e costumes, a sociedade e o regime” (José, 2010, s/p), transmitiu o último programa 50 anos depois, em 18 de Março de 1997. São, por isso, um marco do humor radiofónico em Portugal.

O humor que surge neste período combina a educação e a reflexão acerca do ambiente de censura deste período. Nas “Lições do Tonecas”, o humor residia nos trocadilhos e tinha também um propósito de ensinar: a “Voz dos Ridículos” e os “Parodiantes de Lisboa” retrataram através de figuras populares as injustiças e a crueldade do regime (Santos, 2004).

Como foi referido, os programas de humor foram alvo de censura do Estado Novo. A falta de liberdade condicionava a criatividade destes humoristas que procuravam esconder a mensagem política no humor. Apesar dos entraves, a censura acabou por ser um incentivo para os humoristas e, conseqüentemente para o desenvolvimento do humor. Num tom descontraído e criativo, os seus discursos eram críticas sociais, políticas e ideológicas, razão pela qual os programas humorísticos eram censurados.

4.2 Pós 25 de abril

Depois de um longo período de carácter experimental com um modelo comunicacional submetido ao controlo do regime autoritário do país, a rádio afastou-se do “cunho monocórdico” que vigorou até ao 25 de abril e tornou-se mais “emotiva e experimentalista” (Cordeiro, 2004, p.2). Antes “demasiado hermética” a rádio “tornou-se flexível e criadora de novas tendências” (Cordeiro, 2005, s/p).

Em meados dos anos 80, o nascimento da Rádio Comercial e a multiplicação de “rádios piratas” (Cordeiro, 2005, s/p), alterou completamente a paisagem radiofónica nacional. Foi também nesta década que o humor se afirmou nas rádios nacionais, com o aparecimento de nomes como Carlos Cruz, Herman José, Ana Bola ou Vítor de Sousa.

A Rádio Comercial impulsionou o desenvolvimento do humor nacional e transmitiu vários programas humorísticos ao longo desta década. “Flor do Éter” foi o primeiro programa de humor da Rádio Comercial e também o que marcou a estreia de Herman José no meio. Transmitido em direto todos os sábados, o humor do programa foi considerado “*non-sense* em todo o seu esplendor” onde a narrativa assentava no trocadilho, “na seriedade das coisas

ridículas, no saber gozar com os nossos próprios defeitos e fraquezas” (HermaNet, 1999a, s/p).

Em 1986 surge outro sucesso de humor na Rádio Comercial: “Rebéubéu Pardais ao Ninho”. Escrito e interpretado por Herman José, contava ainda com a participação de Lídia Franco, Vítor de Sousa e Margarida Carpinteiro, mais tarde substituída por Ana Bola. O programa, emitido aos sábados de manhã era composto por várias rubricas e foi considerado imoral pela linguagem das narrativas ficcionadas e pelas cenas violentas que transmitia tendo chegado ao fim em 1988 (HermaNet, 1999b).

A Rádio Comercial lançou ainda mais dois programas de humor no final da década de 80. Em 1989, “Água mole em pedra dura entra muda e sai calada” foi mais um programa escrito e interpretado por Herman José, com Lídia Franco, Vítor de Sousa e Ana Bola. Mas foi o “Pão com Manteiga, interpretado por Carlos Cruz, José Duarte, Mário Zambujal, Orlando Neves, Bernardo Brito e Cunha e Eduarda Ferreira, que introduz um humor diferente do que era apresentado até então.

O “Pão com Manteiga” começou em 1989 e era transmitido todos os sábados, entre as 10 e as 13 horas na Rádio Comercial. Composto por vários segmentos humorísticos, foi considerado o programa que revolucionou a forma de fazer humor em Portugal (Fonseca, 2009). Aqui, o humor começava logo na forma de apresentação do programa: “este é o Pão com Manteiga por favor não nos telefonem, não nos digam nada, desliguem a rádio, não estamos aqui para vos dizer nada, vão ouvir outra estação” (Cruz, 2010, s/p). O humor do programa era diferente do que era feito na rádio até então porque não baseavam as suas narrativas nos enredos políticos ou na crítica social, como era o caso dos “Parodiantes de Lisboa” ou da “Voz dos Ridículos”, que ainda eram transmitidos na Rádio Portuguesa. Os autores do “Pão com Manteiga” deixaram-se influenciar pelo estilo *non-sense* dos *Monty Python*⁶¹ (Fonseca, 2009).

O humor radiofónico continuou a ser uma aposta da Rádio Comercial, que no início da década de 90 apresentou a radionovela humorística da autoria de Nuno Markl intitulada de “A Saga de Abílio Mortaça”. Esta aposta da Rádio Comercial foi seguida por outras rádios nacionais, que na segunda metade da década de 90 abriram espaço para o humor na sua programação.

Na TSF, Herman José apresentou diariamente, entre 1997 e 1998, o programa de humor “Herman SF” composto por um conjunto de *sketches* sobre variados temas do dia-a-dia que durante cinco minutos se traduziam numa sátira à sociedade (HermaNet, 1999b). Ao mesmo tempo, o humorista é a voz de outro programa na RDP, atual Antena 1. O “Hermandifusão Portuguesa” esteve no ar entre 1997 e 2001, com cinco minutos de humor duas vezes por dia

⁶¹ Os *Monty Python* são um grupo de comédia britânica que fizeram a sua estreia na BBC1 em 1969 e ficaram conhecidos pelos seus *sketches* televisivos *Monty Python Flying Circus*. O humor do grupo é baseado na desconstrução da realidade e por isso derrubaram as convenções da comédia tradicional por apostarem numa abordagem cômica imprevisível, agressiva e irreverente. O estilo *non-sense* do grupo baseado no insólito influenciou o humor britânico, a comédia americana e em Portugal inspirou os novos humoristas que utilizam o humor absurdo e incongruente nas suas rubricas e programas. <http://www.montypython.com/home>.

e era, para além da Antena 1, transmitido pela Antena 3, RDP África e RDP Internacional (HermaNet, 1999b).

Em 1997, as manhãs da Rádio Comercial passam a contar com uma nova rubrica de humor que se viria a tornar num dos maiores êxitos da rádio. Nuno Markl é o autor de “O Homem que mordeu o cão”, uma rubrica feita de histórias reais bizarras que normalmente não entram nos noticiários nacionais (José, 2010). A rubrica tirou partido da interatividade permitida pela internet, que permitia aos ouvintes enviarem as próprias histórias que depois eram esmiuçadas no programa. A rubrica chega ao fim em 2003, sendo retomada em 2013 também nas manhãs da Rádio Comercial.

Em 1998, a RDP, atual Antena 1, apostou noutro sucesso de humor radiofónico. “A Conversa da Treta” foi do teatro para a televisão e posteriormente foi transformada em programa de rádio. António Feio e José Pedro Gomes vestiam a pele de Toni e Zézé, que em jeito de “conversa de café” encetavam diálogos do quotidiano com uma linguagem maliciosa, onde faziam considerações acerca da política, do desporto ou da sociedade. Os diálogos incoerentes, o uso de trocadilhos, a construção frásica popular e a confusão de ideias compunham este programa de humor que era pautado pelo disparate e pelo contraste entre o indivíduo esclarecido “ou que se julga esperto” em oposição à “ingenuidade de outras figuras” face aos acontecimentos do quotidiano (Santos, 2004, s/p). A incongruência do humor da “Conversa da Treta” esteve na rádio até 2001.

Nos últimos 15 anos, de 2000 a 2015, as rádios continuaram a incluir cada vez mais rubricas humorísticas nas suas grelhas, uns com mais êxito que outros. A Antena 1, a Antena 3 e a TSF são as estações que mais apostaram neste tipo de programas nos últimos 15 anos, contudo a Rádio Comercial, a RFM e mesmo a Rádio Renascença também atribuíram importância a este tipo de conteúdo.

O humor da radionovela da “Palmilha Dentada”, dos programas “Quem és tu Zé Tó”, do “Portugalex” ou “Tal País”, bem como das mini rubricas “Táticas de Paulo Bento” e “A Copa é Nossa”, marcaram a programação da Antena 1 de 2000 em diante.

O humor do teatro da “Palmilha Dentada” fez parte da grelha da Antena 1 no período de 2003 a 2005. Neste período, os “teatreiros do Porto” apresentaram dois programas de humor sobre a atualidade, o “Enigma” - entre 2003 e 2004 - e o “Palmilha News” - entre 2004 e 2005 (Santos, 2012). Estes programas diários faziam humor com os temas e os assuntos da atualidade, criticavam e satirizavam os sectores da sociedade. À semelhança do programa satírico “Contra Informação”, que também fez parte do humor da Antena 1, os “Palmilha Dentada” comentavam humoristicamente temas e situações atuais.

“Quem és tu Zé Tó?” foi uma radionovela humorística e interativa da Antena 1. Um projeto de Roberto Pereira e Rui Sinel de Cordes, com interpretação dos atores Pedro Borges, Pedro Diogo e Joana Capucho. Zé Tó é a encarnação satírica do típico português, um personagem político que ambicionava poder e protagonismo, era aldrabão e vigarista (Cordes, 2007). Zé

Tó era Presidente de uma Câmara de Trás-os-Montes que decidiu mudar-se para a capital e juntar-se aos políticos para se tornar assessor. É em torno deste ambiente político que assenta o humor da radionovela na qual o desfecho semanal da história fica a cargo dos ouvintes que decidem qual o rumo dos personagens. A radionovela, transmitida entre 2005 e 2007, era emitida de segunda a quinta-feira, com um resumo semanal à sexta.

Uma marca forte de humor radiofónico na Antena 1 é o Portugalex, um dos objetos de estudo deste trabalho. Começou em 2006 e é emitido de segunda a sexta-feira, de manhã e à tarde na Antena 1, com repetição na Antena 3. Trata-se de um magazine humorístico que tem a missão de “simplificar Portugal” em quatro minutos, dando voz a todos os protagonistas da atualidade. Os textos da autoria de Patrícia Castanheira e Fábio Benídio são baseados em matérias das notícias, quer sejam da política, de desporto ou de sociedade, desde que tenham um potencial cómico (Castanheira, 2015). Segundo a autora, o objetivo do Portugalex “é sempre fazer rir” mas também tentam “fazer pensar e desmontar algumas situações” (Castanheira, 2015, s/p). A interpretação de vozes e situações estão a cargo de Manuel Marques e António Machado, com sonoplastia de Gualter Santos.

Entre março e dezembro de 2008, Herman José regressou à Antena 1 com “O Tal País”, uma rubrica de três minutos onde se realçavam “os cromos hermanianos” que retratam e parodiam a atualidade do país (Pereira, 2008). As crónicas e os personagens de Herman que misturavam o possível e o absurdo eram emitidos duas vezes ao dia e tinham repetição nas tardes da Antena 3. Os textos eram de Maria João Cruz e Roberto Pereira, das Produções Fictícias, e a sonoplastia, importante neste tipo de programas, de César Martins. As crónicas satíricas de Herman José incidiam na imitação de vozes das principais figuras do país e apresentavam um humor que levava a refletir a atualidade.

Dos programas referidos, o “Portugalex” é o único que ainda está na grelha da Antena 1. No passado recente a emissora regista apenas mais duas rubricas humorísticas, mas de curta duração: “As Táticas de Paulo Bento” e “A Copa é Nossa” em 2014.

“As Táticas de Paulo Bento” foram uma mini rubrica humorística de 5 episódios, emitida entre 21 e 25 de abril de 2014. No ano em que decorreu o Campeonato do Mundo de Futebol no Brasil, António Macedo entrevistava Paulo Bento, interpretado e imitado por Luís Franco-Bastos, que na pele do Selecionador Nacional, caricaturava e satirizava as escolhas e as opiniões do treinador. “A Copa é Nossa” foi outra aposta da Antena 1, tendo sido emitida durante a competição. A rubrica, que teve 32 episódios entre 2 e 14 de julho de 2014, acompanhou o campeonato do mundo de futebol e apresentou aos ouvintes os desabafos e opiniões das mais reconhecidas figuras do futebol que estavam no Brasil. A sátira, a caricatura e a imitação de figuras de jogadores e treinadores ficou a cargo de Luís Franco-Bastos, com os comentários irónicos de “Zé Manel Taxista”, interpretado por Maria Rueff. Os textos de Joana Marques e Maria João Cruz.

Por pertencerem ao mesmo grupo de comunicação⁶², os programas humorísticos das Antena 1 e da Antena 3 são geralmente partilhados, contudo, a Antena 3 apresentou ao longo do novo milénio programas de humor próprios, que analisamos de seguida.

Entre 2001 e 2007, “Bolas com Creme” foi o espaço de humor do programa da manhã da Antena 3. Com autoria e interpretação de Búbú, a rubrica baseava-se em assuntos do dia-a-dia transportados para o campo do absurdo.

Em 2003, no programa da manhã “As Manhãs da 3”, da Antena 3, Nuno Markl lança “Há Vida em Markl”, uma rubrica radiofónica emitida às 8h25 e baseada nos *cartoons* do suplemento Inimigo Público, do jornal Público.

Em 2006 surgem mais duas rubricas de Nuno Markl nas “Manhãs da 3”: “Laboratolarilolela” e “O Livro dos Porquês”. “Laboratolarilolela” passava todas as sextas-feiras e era uma rubrica dedicada à música portuguesa. Semanalmente era escolhida e transmitida uma música portuguesa que era analisada e comentada num discurso humorístico irónico. A rubrica esteve na Antena 3 até 2009. “O Livro dos Porquês” era baseado num livro infantojuvenil com o mesmo nome. As respostas de Nuno Markl nada tinham a ver com as originais do livro, fazendo-se uma explanação humorística, irónica e muitas vezes incongruente.

Em 2008 nasce outra rubrica nas “Manhãs da 3”, escrita e interpretada por Nuno Markl: “Coisas que acontecem”. Idêntica a outras do mesmo autor, esta rubrica era um espaço humorístico onde as histórias partiam de acontecimentos verídicos e eram sonorizadas com efeitos especiais e música para se tornarem mais divertidas.

Entre 2005 e 2006, Nuno Markl foi também o autor da radionovela semanal da Antena 3: “Perdidos no Éter” que relatava a história de “uma estação de rádio no Portugal profundo” (Markl, 2015, s/p). A comédia radiofónica com cerca de sete minutos semanais desenrolava-se em torno do dia-a-dia e das vivências de Simão Palma, um jovem que foi trabalhar para a Rádio Universo Infinito, situada na vila de Tremeçal de Abrunhos. A par dos textos humorísticos e das peripécias em que se envolve o personagem, a radionovela é acompanhada de sonoplastias que transportam o ouvinte para o ambiente cénico.

Em 2009 surge mais uma rubrica humorística escrita e interpretada por Nuno Markl. De segunda à sexta, durante 5 minutos, a Antena 3 transformava-se na rádio local “Talismã FM” que era “um misto de paródia e homenagem ao espírito inabalável e empreendedor de inúmeras rádios locais que continuavam a falar ao ouvido dos seus ouvintes como se ainda fosse 1988” (RTP, 2009, s/p). A ideia da rubrica foi reproduzir fielmente as rádios locais: com emissão a partir de Sobralinhos de Alhambra, a “Talismã FM” tinha tudo o que caracteriza a emissão de uma rádio local: “informação local, música criteriosamente selecionada das melhores coletâneas, discos pedidos, passatempos impossíveis para ganhar cassetes, programas noturnos de música relaxante e compromissos comerciais” (RTP, 2009, s/p).

⁶² O Grupo Rádio e Televisão Portuguesa - RTP - é composto pelos canais de televisão RTP1 e RTP2 e integra também as rádios Antena 1, 2, 3, RDP Internacional e RDP África.

Outro programa emitido pela Antena 3 a partir do mês de dezembro de 2009 foi “Aleixo FM”. Protagonizado por Bruno Aleixo e Busto, tinha duas edições, às 8h20 e às 9h20 de segunda à sexta-feira. Para além do Aleixo e do Busto, esta rubrica, inspirada no programa emitido na televisão, contava com outros personagens que surgiam ao longo dos episódios, como o Homem do Bussaco, o primo do Busto, o médico Doutor Ribeiro ou Nelson Pinto, o porteiro, para comentarem notícias de imprensa, boatos ou darem sugestões de fim-de-semana. O humor desta rubrica, que chegou ao fim em 2010, residia nas características dos personagens que personificavam alguém, nas suas diferenças de personalidade e de estatuto dentro do programa, visíveis nos jogos de superioridade e inferioridade entre personagens. A voz e as expressões dos personagens eram outro foco de humor (RTP, s/d).

Depois da televisão, os “Homens da Luta” tiveram uma rubrica na Antena 3, com o mesmo nome. Em 2010, “Neto” e “Falâncio”, os personagens interpretados pelos irmãos Nuno e Vasco Duarte, apresentaram diariamente até 2012 a rubrica humorística baseada na atualidade política e económica. “Neto” e “Falâncio” evocam os valores do 25 de abril de 1974 e são vistos como revolucionários que reivindicam melhores condições de vida e são contra as medidas vigentes no país. Diariamente, durante três minutos, eram apresentadas notícias ou factos atuais, comentados em forma de crítica. A pronúncia e as expressões que popularizaram também eram estratégias para fazer rir.

Em 2013, ainda nas “Manhãs da 3”, surge uma rubrica da autoria de Filipe Homem Fonseca e Luís Franco-Bastos chamada “Outra Coisa”. Durante cerca de três minutos, Luís Franco-Bastos imita figuras públicas das distintas áreas e coloca-as a comentar assuntos da atualidade. O humor da rubrica reside na imitação exímia de figuras como Passos Coelho, Marcelo Rebelo de Sousa ou Jorge Jesus e no discurso incongruente e absurdo que cada um faz, porque em nada tem a ver com a realidade. A rubrica continua diariamente nas manhãs da Antena 3.

A TSF Rádio Notícias também apostou ao longo do novo milénio neste género de entretenimento. Em 2003, Maria Rueff, António Feio, José Pedro Gomes, Ana Bola e Joaquim Monchique formaram a equipa de cromos da TSF. “Cromos TSF” passou diariamente na antena da TSF entre setembro de 2003 e junho de 2007. A caderneta era preenchida por um “cromo” por dia: António Feio interpretava “Tony” que era o cromo da segunda-feira, com textos da *Script Doctors*; às terças-feiras Maria Rueff era o “Zé Manel taxista”, com textos das Produções Fictícias; o “cromo” da quarta-feira era um cidadão bem informado e crítico interpretado por José Pedro Gomes, com textos de Eduardo Madeira; às quintas-feiras os comentários eram do “Bispo Tadeu sem Fortuna” interpretado por Joaquim Monchique, com textos do próprio; e à sexta-feira a caderneta ficava a cargo da “Tia Pureza Teixeira da Cunha”, interpretada por Ana Bola e com textos da própria. O humor da rubrica reside na caracterização dos grupos sociais da sociedade portuguesa. Cada personagem pega nos estereótipos de cada grupo social e retrata-os através dos discursos, dos sotaques e da gíria.

Em 2007, Bruno Nogueira surge com uma rubrica que terminou em julho de 2015. “Tubo de Ensaio” é um “noticiário em jeito de *stand-up*” com entrevistas ficcionadas, temas quentes,

coisas que irritam” com “soluções para os principais problemas da humanidade” (TSF, s/d). Bruno Nogueira dispõe de cerca de 3 minutos para comentar os assuntos que marcam a atualidade. Com textos de João Quadros, o humor da rubrica reside no discurso irónico e por vezes sarcástico com que faz observações bem como nas observações que faz dos temas escolhidos.

No ano seguinte, em 2008, surge mais um programa de humor que se mantém na antena da TSF até ao momento. “Governo Sombra” é um programa semanal que passa às 19h todas as sextas-feiras e reúne os comentadores Ricardo Araújo Pereira, Pedro Mexia e João Miguel Tavares, moderados por Carlos Vaz Marques. É um programa com características diferentes dos que têm vindo a ser referidos por não se assumir à partida como formato humorístico. Com a duração de cerca de 45 minutos, o “Governo Sombra” é um programa que analisa e comenta a atualidade com humor mas de uma forma diferente dos demais. Sem recurso à sonoplastia, à imitação de vozes ou ao uso de sotaques e gírias, os comentários pessoais da equipa do “Governo Sombra” parodiam a atualidade e as decisões políticas da semana num tom informal e com recurso a piadas e comentários descontextualizados para gerar um ambiente descontraído e humorístico.

Maria Rueff e Ana Bola foram a voz de mais duas rubricas da estação em 2008. Interpretaram “Denise e Maria Delfina”, as manicuras que passavam o dia a “fofocar”. O humor residia no jogo de superioridade de “Denise” sobre “Maria Delfina”, na caracterização do que é um salão de beleza onde as gaffes e o português mal falado são o ponto forte. Mais tarde as duas retomam as personagens e dão nome a uma rubrica chamada “Denise e Maria Delfina no Corner com...”. Todas as semanas, às sextas-feiras, as manicuras recebiam uma figura pública para entrevistar. O foco do humor era o carácter atrevido das perguntas e as afirmações inoportunas das manicuras. A rubrica esteve no ar entre outubro de 2008 e Março de 2009.

Ainda em junho de 2008, aquando do Europeu de Futebol na Áustria e na Suíça, a TSF apostou numa mini rubrica humorística intitulada “Missão Euro” para acompanhar a Seleção. “Zé Manel Taxista”, interpretado por Maria Rueff, era o “espião no seio da seleção portuguesa” que tinha a missão de contar os bastidores do evento desportivo (TSF, 2009, s/p). Esta rubrica contava também com a participação de Luís Franco-Bastos, que interpretava as vozes dos interlocutores. O que dava aos comentários um tom humorístico era a gíria utilizada, o sotaque e os tiques do personagem que nem no Europeu se desvinculava da imagem de adepto fanático do Sport Lisboa e Benfica.

“O exame da Dona Rosete” esteve na antena da TSF entre fevereiro e outubro de 2009. Uma rubrica de Maria Rueff que interpretava a Dona Rosete, porteira há 40 anos, que se tornou comentadora da TSF. De segunda à sexta-feira, às 8h20, a Dona Roseta tinha quatro minutos para fazer os seus comentários sobre a atualidade, principalmente política. A voz, o sotaque, a entoação dada ao discurso e o tipo de comentário de alguém que se acha entendida no assunto eram os pontos humorísticos da rubrica.

Os eventos desportivos ou políticos são geralmente um bom mote para se fazer humor. As eleições europeias de 2009 foram a inspiração para a mini rubrica humorística “27 Fora Nada”. Bruno Nogueira, com textos de João Quadros, acompanhou diariamente as duas semanas que antecederam as eleições europeias. De 25 de maio a 5 de junho, as crónicas de Bruno Nogueira incidiam sobre a atividade dos candidatos, numa abordagem irónica e pouco séria.

À semelhança desta rubrica, de 31 de maio a 2 de julho de 2010, aquando do Mundial na África do Sul foi emitida a mini rubrica “Maria Vuvu”. Maria Rueff desempenhava o papel de comentadora, com discursos pouco jornalísticos e sotaque estereotipado, acompanhado por uma sonoplastia que transportava o ouvinte para o ambiente da prova.

Na RFM, Francisco Menezes esteve no ar diariamente com o programa “O Verdadeiro FM”. Durante três minutos, Francisco Menezes apresentava algumas das suas personagens conhecidas de programas televisivos em “N- Cromos” e “Portugal FM”.

Nilton também apresentou rubricas humorísticas na RFM. No programa “Café da Manhã”, o humorista lançou em 2012 a rubrica “Há Pessoas que Dizem Supcelente”. Durante 5 minutos Nilton faz humor com base nas características da população portuguesa. O humorista pegava em vocábulos ou expressões típicas usadas pelas pessoas e de seguida explicava o seu significado. Era nesta explicação argumentativa num tom sério que residia o humor, uma vez que eram realçados detalhes e pormenores do quotidiano dos portugueses.

Em 2013, o autor apresenta “A arvore que dá pães de forma”, uma rubrica que explicava cenas, hábitos ou manias dos portugueses. O humorista ficcionava cartas enviadas pelos ouvintes para explicar situações ou hábitos de figuras públicas das várias áreas da sociedade e num tom sério apresentava argumentos que corroborassem as atitudes e comportamentos dos inquiridos. Ainda em 2013 Nilton abre o “Livro de Reclamações”, outra rubrica onde se reclamava de tudo, por tudo e por nada. Interpretadas por Nilton, várias personagens apresentavam-se em estúdio para reclamar. Os motivos das reclamações absurdas, o sotaque dos personagens e os argumentos apresentados para justificar a reclamação eram o foco do humor.

Atualmente, na grelha da RFM há três rubricas de humor da autoria de Nilton: “Telefonemas do Nilton”, “O teu pai tem bigode” e “Pastilhas para a tosse” passam no programa matinal “Café da Manhã”. Os “Telefonemas de Nilton”, nascidos em 2014, são inspirados na rubrica com o mesmo nome do programa televisivo “5 Para a Meia Noite”, e é constituído por partidas telefónicas sugeridas pelos ouvintes da RFM, desenrolando-se com base no improvisado. O humor da rubrica resulta da paródia durante o telefonema, do discurso e do tema discutido com quem se encontra ao telefone. “O teu pai tem bigode” é outra rubrica do humorista que passa nas manhãs da RFM desde 2014: neste caso Nilton trabalha os modos de falar, expressões, situações do dia-a-dia, comportamentos e momentos caricatos dos cidadãos para os analisar e explicar. O “Pastilhas para a tosse” surgem também em 2014 como um magazine

humorístico no qual Nilton informa, desinforma e descontextualiza a realidade do dia-a-dia. O humorista apresenta as notícias mais controversas da ordem do dia e faz uma breve análise irónica pessoal.

Em 2014, o fim-de-semana da RFM começou a contar com a rubrica “Pensa Rápido”, de Salvador Martinha, que se propõe a pensar e analisar o mundo num minuto. O humorista representa situações que acontecem no dia-a-dia, analisa modos de falar, comenta e reflete a atualidade nacional e mundial. O humor é à base da ironia, da escolha e do modo de apresentação dos temas, da sonorização que acompanha toda a rubrica e nos argumentos e explicações possíveis.

Ainda na RFM, desde 2014 que o “Café da Manhã” inclui a rubrica “A vida de Unas”, com Rui Unas. Neste espaço são abordados todos os tipos de temas, desde a atualidade mediática até aos momentos caricatos do dia-a-dia. A rubrica esteve no ar até ao dia dois de julho de 2015.

A Rádio Comercial também aumentou a sua aposta nos programas de humor. Antes de passar para a RFM, Nilton esteve na Rádio Comercial com “As Teorias de Nilton”. À semelhança do tipo de humor que se tem vindo a fazer no século XXI, “As teorias de Nilton” eram uma espécie de *stand-up comedy* na rádio.

No final de 2009, Nuno Markl regressou à Rádio Comercial como autor da “Caderneta de Cromos”, uma rubrica humorística sobre o que marcou a geração dos anos 70 e 80. A rubrica ia para o ar diariamente no programa da manhã e pretendia dar resposta a tudo. Numa abordagem descontraída e animada, a “Caderneta de Cromos” recupera os assuntos e as referências daquelas décadas, desde os desenhos animados, programas, músicas, moda, hábitos ou modos de falar que pertenciam a esses tempos. A rubrica passava duas vezes por dia e começava sempre com um enquadramento na época a que correspondia, através do discurso oral e de efeitos sonoros. Depois da contextualização, o humor da rubrica residia nas observações, nos comentários e nas histórias contadas pelo humorista acerca do “cromo”. A rubrica chegou ao fim em 2012.

A partir de 2012, a Rádio Comercial começa a emitir a “Mixórdia de Temáticas”, de Ricardo Araújo Pereira. Este programa é um dos objetos de estudo deste trabalho, é emitido dentro do programa “Manhãs da Comercial” e conta já com três temporadas. Como analisaremos na parte empírica deste trabalho, o humor de Ricardo Araújo Pereira passa pela criação de personagens e pela escolha e comentários aos temas que são, tal como o nome indica uma “Mixórdia de Temáticas”.

A par desta rubrica diária nas “Manhãs da Comercial”, Nuno Markl retoma, em 2013, “O Homem que Mordeu o Cão”, depois de uma paragem de 9 anos. O formato mantém-se igual ao que foi relatado anteriormente na sua primeira versão.

A Antena 1, a Antena 3 e a TSF foram as estações que mais apostaram nos espaços de humor, tendo mais recentemente sido seguidas pelas restantes emissoras com assinalável êxito. Cada

programa apresenta códigos implícitos que fazem rir porque adotam um discurso descontraído e abordam qualquer tipo de temas.

4.3 Os novos humoristas

O “Levanta-te e ri”, um programa televisivo de *stand-up comedy*, abriu caminho a nomes como Nilton, Bruno Nogueira, João Quadros ou Luís Franco-Bastos. A maior parte destes comediantes televisivos saltaram para a rádio que, em paralelo com a informação e a música, encontraram no humor uma importante forma de ganhar audiências.

Ao contrário do que acontecia nos “Parodiantes de Lisboa”, na “Voz dos ridículos” ou nas radionovelas humorísticas, hoje os programas ou rubricas de humor são na sua maioria monólogos, da autoria de um humorista. Os humoristas servem-se das vivências dia-a-dia para fazerem humor, tornam cómicas as observações mais banais através da ironia, da sátira ou do exagero e da incongruência dos discursos. “Os atuais programas humorísticos radiofónicos tem uma nova proposição baseada na promoção de um riso fácil e despreocupado, no qual o próprio ouvinte participa como mediador” (Ribeiro e Ribeiro, 2013, p.127).

O humor do “Portugalex” ou da “Mixórdia de Temáticas” é uma forma de comunicação criativa que é primeiramente visto pelos ouvintes como forma de entretenimento por gerar riso. Quadros (2008) refere que o humor “é utilizado como fenómeno social e comunicativo” (p. 357) uma classificação que se enquadra na forma de fazer humor em Portugal. Ricardo Araújo Pereira, Manuel Marques e António Machado não são apenas imitadores dos protagonistas da atualidade portuguesa, eles criam narrativas alusivas a acontecimentos da atualidade ou ficcionados, transmitindo aos ouvintes a informação de forma mais criativa e cativante.

Os humoristas deste século apresentam um humor mais diversificado no sentido em que não são só atores ou escritores de derivações humorísticas, são humoristas ou comediantes profissionais que escrevem narrativas e decidem o que é divertido e o que deve ser motivo de humor. “O humor não tem nacionalidade, tem a marca da língua e da cultura onde se inscreve” (Silva, 2009, s/p). Neste sentido, o humor apresenta-se também como interventivo, inovador e como forma de valorizar a cultura e a sociedade de que se rodeia (Silva, 2009). As narrativas do Ricardo Araújo Pereira são o exemplo desta caracterização, o seu humor recorre frequentemente aos chavões e aos clichés da língua portuguesa, sendo uma estratégia para fazer rir é uma forma de inovar e valorizar os padrões sociais.

Capítulo 5. Estudo Empírico

O humor é um fenómeno universal que acompanhou a humanidade desde os seus primórdios (Lynch, 2002). Esta forma de comunicar e entreter começou a ser estudada na Antiguidade Clássica e continua a ser objeto da curiosidade científica. Aristóteles, Hobbes, Descartes e, mais recentemente, Freud e Bergson, procuraram identificar os mecanismos que fazem despoletar o riso nas pessoas.

A ligação humor-rádio em Portugal começou nos anos 30 do século XX, com o aparecimento dos primeiros programas de humor nas grelhas de programação. Mas foi a partir da década de 80 que este tipo de programas passou a ser uma constante nas principais emissoras da rádio portuguesa.

Para estudar as características dos programas humorísticos portugueses, e verificar o seu enquadramento nas teorias enunciadas nos capítulos anteriores, este trabalho analisa dois programas de humor atualmente emitidos: a *Mixórdia de Temáticas* (Rádio Comercial) e o *Portugalex* (Antena 1). A escolha destes programas está relacionada com dois fatores: são os mais ouvidos e ambos têm emissão diária.

A *Mixórdia de Temáticas* é uma rubrica da Rádio Comercial que surgiu em 2012. Os textos, bem como a voz e a interpretação, são da autoria de Ricardo Araújo Pereira que durante a emissão contracena com os elementos do programa da manhã. A *Mixórdia de Temáticas* é composta por três temporadas: a série *Miranda*, a série *Ribeiro* e a série *Lobato*. Os apelidos de cada série correspondem aos apelidos dos personagens que Ricardo Araújo Pereira interpreta em cada temporada. A rubrica, feita em direto no programa das manhãs, vai para o ar todos os dias de segunda à sexta às 8h15, com repetição às 9h15 e às 19h15.

O outro objeto de estudo é o *Portugalex*, um programa humorístico que começou a ser emitido na Antena 1 em maio de 2006. Atualmente é emitido de segunda à sexta, às 07h15, com repetição às 12h25, e também na Antena 3, às 09h20 e às 15h20.

Esta rubrica apresenta uma estrutura diferente em relação à *Mixórdia de Temáticas*. É uma imitação de um noticiário radiofónico, composto pelas notícias que marcam a atualidade, com recurso a entrevistas, fóruns e comentários. Os temas são reais mas a abordagem é humorística. Este magazine humorístico imita os protagonistas que marcam a atualidade, mas com diálogos inventados. Este noticiário é composto por lançamentos⁶³ que correspondem a

⁶³ O lançamento nos noticiários radiofónicos corresponde à introdução daquilo que vai ser noticiado, mais precisamente, antecede o primeiro parágrafo da notícia. Prado salienta que é nesta introdução que se encontra “a resposta ao “o quê” e, como variável, ao “quem” ou ao “como”, predominando aquele que tenha maior capacidade de atrair a atenção” (1985, p.50). O lançamento é breve, simples e atrativo.

factos reais e dão ao ouvinte a informação real sobre os acontecimentos. As vozes e os discursos das figuras públicas, através do recurso à imitação e à caricatura, dão ao Portugalex o realismo de um noticiário.

5.1 Metodologia

A metodologia escolhida para este trabalho foi a análise de conteúdo. Esta técnica agrega um conjunto de instrumentos que podem ser usados para a interpretação de qualquer tipo de mensagens com o objetivo de desvendar aquilo que está para além dos discursos sobre os quais se debruça. Laurence Bardin (1977) define a análise de conteúdo como:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objectivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (p.42).

A análise de conteúdo pode ter uma abordagem quantitativa ou qualitativa. Segundo Bardin (1977), na análise quantitativa “o que serve de informação é a frequência com que surgem certas características do conteúdo”, ao passo que na análise qualitativa “é a presença ou a ausência de uma dada característica num determinado fragmento de mensagem que é tomado em consideração” (p.21). Neste trabalho são usadas as duas perspetivas.

Na análise de conteúdo é possível adaptarem-se as variáveis ao caso estudado uma vez que não há uma forma pré-estabelecida de análise. Procura-se, na escolha das variáveis, que elas sejam as mais adequadas para explicitar e aprofundar as mensagens descobrindo outra significação.

A análise de conteúdo organiza-se em torno de três fases: a “pré-análise”, a “exploração do material” e o “tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação” (Bardin, 1977, p.95). Na “pré-análise” estabelece-se o universo a estudar, as hipóteses, os objetivos da análise e ainda os indicadores que apoiam a interpretação final. Na segunda parte, a “exploração do material”, consiste na codificação, processo através do qual os dados brutos são transformados sistematicamente e agregados em unidades que permitem uma descrição exata e aprofundada sobre o conteúdo (Bardin, 1977). A última parte é a do tratamento dos resultados obtidos e, com base neles, propõem-se inferências e fazem-se interpretações.

5.1.1 Universo Estudado

Para responder às questões de investigação foram analisados 100 episódios de dois programas humorísticos: 50 da *Mixórdia de Temáticas*, programa iniciado em 2012 com autoria e interpretação de Ricardo Araújo Pereira; 50 do *Portugalex*, programa que começou em 2006 e é interpretado por Manuel Marques e António Machado.

Optou-se por analisar os últimos 50 episódios emitidos antes da paragem de verão dos dois programas. Optou-se por analisar os programas emitidos nos mesmos dias para perceber se os assuntos abordados coincidem. Devido a interrupções pontuais nos programas, os 50 episódios não são consecutivos, pois quando se verificava interrupção de uma das emissões passava-se para o dia seguinte. Não são também contabilizados os sábados e os domingos por haver reposição de programa.

Depois de definido o *corpus* da análise foi elaborado um sistema de codificação e uma grelha de análise composta por sete variáveis que são explicadas na lista que se segue.

Categorias definidas para a análise empírica dos programas de humor:

- I. Dia/Mês
- II. Duração do programa
- III. Tema. Esta unidade tem o propósito de analisar se os temas/assuntos abordados coincidem em ambos os programas de humor uma vez que os dias em análise são os mesmos.
- IV. Ficção ou Realidade (F/R). Esta codificação vem na sequência da anterior uma vez que a partir da escolha do tema pretendemos analisar se o humor é feito com base nos acontecimentos do dia-a-dia ou é um tema ficcionado.
- V. Teorias usadas (Superioridade, Libertação, Incongruência). Esta categoria procura verificar quais as teorias de enquadramento usadas nos programas. O objetivo é perceber se há padrões.
- VI. Mecanismos usados (ironia, sátira, caricatura, sonoplastias, sotaques, gírias, expressões identitárias, imitação de vozes, caracterização de universos sociais). Este parâmetro tem como objetivo classificar quais os mecanismos utilizados pelos humoristas com o propósito de fazer rir e enquadrar a história contada.
- VII. Funções (identificação, esclarecimento, execução, diferenciação, solidariedade, poder, função psicológica, entretenimento). Este parâmetro pretende observar se as mensagens humoristas têm alguma finalidade e se os humoristas recorrem a esta forma de comunicar para transmitirem posições e mensagens. Pretende-se identificar se os programas de humor têm a única finalidade de entreter ou se tem outra função.

5.1.2 Aplicação das metodologias escolhidas ao estudo

Como o estudo empírico se baseia na análise de conteúdo dos episódios radiofónicos recorreu-se à página de *podcast* da Mixórdia de Temáticas⁶⁴ e do Portugalex⁶⁵ para aceder aos programas. Os primeiros dois episódios submetidos a esta análise, correspondentes a cada um dos programas, saíram no dia 2 de março de 2015 e os últimos correspondem ao dia 28 de maio do mesmo ano.

5.2 Perguntas de investigação

Tendo por base a revisão teórica, e recorrendo às metodologias e técnicas antes enunciadas, neste trabalho pretende-se dar resposta às seguintes perguntas de investigação:

1. Quais são as modalidades de humor mais usadas nos programas humorísticos radiofónicos?
2. E quais são os mecanismos usados nesses mesmos programas?
3. Os programas abordam assuntos aleatórios ou seguem a agenda mediática?
4. Os autores procuram passar alguma mensagem ou os programas são meros conteúdos de entretenimento?

De uma forma geral, o objetivo é perceber quais são os mecanismos utilizados pelos humoristas para que os temas abordados nas rubricas radiofónicas se transformem em humor e provoquem o riso. Uma vez que no campo do humor o riso é a resposta a um ato humorístico, o objetivo deste trabalho é perceber quais são os estímulos humorísticos que desencadeiam o riso.

⁶⁴ http://radiocomercial.iol.pt/player/mixordia_de_tematicas.aspx.

⁶⁵ <http://www.rtp.pt/play/p293/portugalex>.

Capítulo 6. Resultados e Discussão

Neste capítulo são apresentados e discutidos os resultados obtidos na análise de conteúdo dos programas humorísticos Mixórdia de Temáticas e Portugalex. O objetivo é verificar quais são as modalidades e os mecanismos de humor mais usados nas narrativas humorísticas. Pretende-se ainda identificar se os assuntos abordados em cada rubrica seguem a agenda mediática e, nesse caso, se usam os mesmos assuntos para fazer humor. Pretende-se ainda identificar as diferenças na forma de fazer humor nos dois programas e analisar se os seus autores procuram passar alguma mensagem através do humor.

6.1 Análise dos conteúdos dos programas de humor

Os dois programas selecionados para a análise têm em comum o humor, mas com especificidades próprias e distintas. Apresentamos agora os resultados provenientes da análise quantitativa e qualitativa. Os parâmetros da análise de conteúdo, selecionados com o objetivo de caracterizar quais são os mecanismos do humor radiofónico que nos fazem rir, são os seguintes: tema - real ou ficcionado; teorias usadas (superioridade, libertação, incongruência); mecanismos usados (ironia, sátira, caricatura, sonoplastias, sotaques, gírias, expressões identitárias, imitação de vozes, caracterização de universos sociais) e a função das mensagens humorísticas (identificação, esclarecimento, execução, diferenciação, solidariedade, poder, função psicológica, entretenimento). Para além da análise individualmente feita a cada um dos programas será feita também uma análise comparativa.

6.1.1 Mixórdia de Temáticas

Temas

Tabela 1.1 Temas abordados na Mixórdia de Temáticas

Programa	Temas	Total %
Mixórdia de Temáticas	Cinema	8%
	Medicina	4%
	Comportamentos/ hábitos dos Portugueses	58%
	Religião	2%
	Sexualidade	2%
	Literatura	2%
	Livros infantis	2%
	Media	4%
	Ensino	6%
	Música	2%
	Economia	2%
	Sociedade	4%
	Tecnologia	2%
	Insólitos	2%

Tal como o próprio nome indica - “Mixórdia de Temáticas”- aborda uma mistura de temas uma vez que tudo pode ser alvo de trabalho humorístico. Cada episódio é uma espécie de apontamento ou comentário pessoal sobre um assunto aleatório referente ao dia-a-dia dos cidadãos. Este é precisamente o tema mais focado e representa 58% das emissões.

A Mixórdia de Temáticas não é inspirada na atualidade mediática, como vemos pelo gráfico 1 90% das emissões abordam assuntos aleatórios e apenas 10% temas da agenda mediática.

Gráfico 1. Caracterização dos assuntos abordados na Mixórdia de Temáticas



Os acontecimentos mediáticos que inspiraram o trabalho humorístico da rubrica foram: “Mães fazem provas de amamentação” no dia 20 de abril, “A Anita muda de nome” no dia 14 de maio, “o novo acordo ortográfico entra em vigor” no dia 15 de maio, “o problema dos exercícios de Física e Química” do dia 22 de maio e o “IRS” do dia 26 de maio. Estes temas foram também abordados no Portugalex mas em dias diferentes. Os dois programas de humor diferem no tipo de temas escolhidos para a construção de narrativas cómicas, como analisaremos mais adiante.

Tabela 1.2 Temas ficcionados ou reais na Mixórdia de Temáticas

Programa	Temas:	Total %
Mixórdia de Temáticas	Ficcionados	46%
	Reais	54%

O humorista Ricardo Araújo Pereira recorre mais vezes a temas baseados em particularidades reais, do quotidiano, contudo, os temas ficcionados também são uma constante nesta rubrica. Como se comprova na tabela 1.2 não podemos falar numa maioria mas antes num equilíbrio entre o recurso a temas ficcionados e a temas da realidade. Em 50 episódios analisados 54% são dedicados a observações reais e 46% dedicados a temas ficcionados pelo autor. Nesta

rubrica qualquer tema pode ser alvo do trabalho humorístico, seja ele ficcionado ou baseado em factos reais.

Teorias

Tabela 1.3 Teorias do humor usadas na Mixórdia de Temáticas

Programa	Teorias	Total%
Mixórdia de Temáticas	Superioridade	46%
	Libertação	2%
	Incongruência	54%

Também neste ponto não se verifica a existência de uma maioria mas sim um equilíbrio entre o recurso à teoria da superioridade e à teoria da incongruência. Como se comprova pela tabela 1.3 das três teorias analisadas há duas que prevalecem no trabalho humorístico do Ricardo Araújo Pereira, que é o recurso à “incongruência”, registado em 54% das emissões, e o recurso à “superioridade” registado em 46% dos episódios. A utilização da teoria da libertação é um recurso praticamente inexistente nesta rubrica, tendo-se registado a sua utilização em 2% dos episódios analisados.

A incongruência é a técnica mais usada e traduz-se no recurso ao absurdo e à falta de harmonia e consistência entre as ideias. A teoria da incongruência assenta na combinação de elementos díspares que violam os nossos padrões mentais e as nossas expectativas.

Apresentam-se alguns excertos dos episódios desta rubrica para se mostrar de que modo a incongruência é usada na Mixórdia de Temáticas:

Exemplo 1:

[...] Quem gosta de medicina dentária vai ter aqui um festim (...) o responsável por esta inovação foi o Necas (...) um homem responsável pela canalização.

(...) - Ai não me posso rir, diz o Filipe.

Porquê? Pergunta o Necas.

- Dói-me um dente.

- Eh pah, mas isso é capaz de ser higiene oral deficiente que tu tens. Olha a mim nunca mais me doe um dente desde que bochecho com este elixir caseiro que fiz.

-Isto é bom? Diz o Filipe.

-Isto é superior ao Tantum pah! Mais barato.

-E o que é?

- É soda cáustica.

O Necas tinha muita soda cáustica por causa de desentupir canos. (...) Na nossa ladeia está tudo muito feliz com aquilo. O Filipe foi para casa, bochechou com soda cáustica e ficou maravilhado. Um gajo bochecha duas vezes com soda caustica e fica com os dentes todos desvitalizados (...) esta deia do Necas faz ver muitos doutores. (...) O Filipe bochechou e a mulher e os filhos ficaram sem dentes também. A continuação dos gargarejos traz benefícios maravilhosos (...) porque os dentes caiem todos. Isto é ótimo porque se acabaram as discussões, ninguém percebe nada do que ninguém diz. O Necas já não se chateia porque não percebe; terminaram coisas desagradáveis, do género: que nojo, tens uma coisa nos dentes! Ninguém tem dentes, ninguém se ri de ninguém. Algumas pessoas compraram placas mas como aleijam mais que os dentes, normalmente anda tudo sem placa. Eu pus esta para vir aqui, até nem é minha, é do Filipe (Ricardo Araújo Pereira, Mixórdia de Temáticas, 03-03-2015).

Exemplo 2:

[...] A minha mulher se fosse um bolo era um bolo mármore porque tem as características todas misturadas e tortas. É tipo um micro clima de características em que uma pessoa parte uma fatia e leva com tudo. A parte amarela é o gritar, está sempre a gritar; a parte mais escura é a brutalidade, é bruta, boa mulher mas bruta; e aquela crostazinha por cima é a estupidez (...) a minha mulher volta e meia é estúpida (Ricardo Araújo Pereira, Mixórdia de Temáticas, 14-04-2015).

Exemplo 3.

[...] A palavra “arquitetas” perde o “c”. O que é que sucede? Fica “arquitetas”. Assim como arqui-inimigo é o maior inimigo, arquitetas são as maiores tetas. Agora imaginem que eu entro numa livraria e vejo um livro chamado: “As arquitetas de Samantha Fox”. Adquiro o livro imediatamente, como é óbvio. Chego a casa e constato com desilusão que se trata das senhoras que projetaram a casa da Samantha Fox e processo o instituto Camões. E obtenho uma indemnização de milhares de euros, sobretudo por danos morais (Ricardo Araújo Pereira, Mixórdia de Temáticas, 15-05-2015).

Estes foram três exemplos de situações humorísticas incongruentes uma vez que cada um apresenta dois planos distintos: no primeiro caso há o contraste entre um elixir e a soda cáustica; no segundo caso há um paralelo entre personalidade e pastelaria; e no terceiro exemplo o novo acordo ortográfico é explicado com a Samantha Fox. A percepção da incongruência e da expectativa frustrada provocam o riso, fruto da surpresa e do contraste.

Contudo, o humor utilizado pelo Ricardo Araújo Pereira na Mixórdia de Temáticas também se relaciona com a perspetiva de humor de Descartes, a teoria da superioridade. Nos seus comentários e observações com recurso a exemplos e num tom explicativo o humor do Ricardo Araújo Pereira é algumas vezes agressivo e hostil apresentando-se por vezes num patamar de superioridade em relação àquilo que comenta. Conforme a tabela 1.3 dos 50 programas analisados 46% apresentam recursos à superioridade, como se verifica nos seguintes exemplos:

Exemplo 4.

O meu filho é homossexual, mas é só um bocadinho, não é muito. É ligeiramente homossexual, só! (...) Não é daqueles que vai na rua e uma pessoa diz: olha, vai ali um homossexual. (...) Uma pessoa pode estar ao pé dele sossegada que ele não faz mal. Se fosse um indivíduo extremamente homossexual às vezes podia irritar as pessoas. (Ricardo Araújo Pereira, Mixórdia de Temáticas, 14-04-2015).

Exemplo 5.

Estou com muita pressa porque tenho de ir para casa ver dois programas. Nas manhãs da SIC e a TVI há dois programas apresentados por bruxas. Entre as 8h00 e as 10h00 a Sic tem uma bruxa e a TVI uma equipa de bruxas. (...) Parece o início do *Macbeth*. (...) As bruxas dizem coisas que acertam sempre. Por exemplo: as cartas estão a dizer que já sofri um bocadinho no passado. E como não há basicamente ninguém que não tenha sofrido um bocadinho no passado, as pessoas dizem: olha, quer dizer que a carta do enforcado sabe muito bem como é que foi a minha vida. (...) Eu tenho muita admiração por isto porque também nunca tive um emprego a sério (Ricardo Araújo Pereira, Mixórdia de temáticas, 28-05-2015).

Exemplo 6.

Tenho um projeto e precisava de concretizá-lo. (...) Precisava de um chinês, em princípio bastava-me um. (...) Um chinês é um gajo que é pequenino e é dobradiço. O chinês com jeito mete-se em todo lado. (...) Depois dizem: ah, o país não avança! Pois, sem chineses! (Ricardo Araújo Pereira, Mixórdia de Temáticas, 24-03-2015).

Estes excertos de três emissões da rubrica Mixórdia de Temáticas evidenciam uma posição de superioridade sobre alguém. Neste caso, o humor e a comédia são feitos à custa das imperfeições ou características de alguém. Descartes (1992) defende que o princípio da hostilidade, da troça e da surpresa são essenciais para provocar o riso.

Mecanismos

Tabela 1.4 Mecanismos do humor usados na Mixórdia de Temáticas

Programa	Mecanismos	Total %
Mixórdia de Temáticas	Ironia	76%
	Sátira	90%
	Caricatura	46%
	Sonoplastia	26%
	Sotaques	48%
	Gírias	22%
	Expressões identitárias	22%
	Imitação de vozes	0%
	Caracterização de universos sociais	30%

Os mecanismos mais utilizados (tabela 1.4) são a sátira, registada em 90% das emissões, a ironia presente em 76% dos episódios, o recurso aos sotaques, verificado em 48% dos episódios e à caricatura, presente em 46% das emissões.

Cada emissão inclui comentários sobre incidentes, hábitos e costumes dos cidadãos portugueses, na maioria irónicos, satíricos e caricaturais. O autor não recorre à imitação de vozes de figuras públicas: quando usa sotaques, registados em 48% dos programas, o humorista recorre a personagens ficcionados que dão voz às suas reivindicações e argumentam sobre o assunto selecionado.

Para tornar a narrativa mais apelativa, o discurso é composto por figuras de estilo e por trocadilhos para que a argumentação seja mais dinâmica. A repetição de palavras na mesma frase e o uso de sinónimos são uma constante, bem como o recurso à aliteração para intensificar o ritmo e os sons: (ex: “O Necas tinha caspa no kispo” (Ricardo Araújo Pereira, Mixórdia de Temáticas, 03-03-2015).

Mesmo com recurso à ironia (verificada em 76% das emissões) e à sátira (registada em 90% das emissões) para ridicularizar os vícios e as ações dos cidadãos, o Ricardo Araújo Pereira adota um tom sério e explicativo para abordar qualquer tema. A construção frásica, o exagero do

que é dito, a escolha das palavras e os propositados erros de portugueses misturados com os sotaques ajudam a criar histórias humorísticas.

As narrativas do Ricardo Araújo Pereira apresentam um humor que recorre ao absurdo e à incongruência para provocar o riso. Contudo esta forma de comentário cómico sobre costumes ou hábitos, incidentes ou modas são muitas vezes enquadrados com agressividade e hostilidade. O autor coloca-se num patamar superior relativamente àquilo que comenta. Como referido na tabela 1.4 dos 50 programas analisados 90 % apresentam humor satírico, no qual o Ricardo Araújo Pereira ridiculariza vícios e atos. Esta rubrica confirma a teoria de Carrol (2014) quando refere que o humor não se desvincula da vida real e por isso umas das principais formas de humor é a sátira da sociedade, bem como a ideia de Carvalho e Fonsaca (2006) ao afirmar que as caricaturas sublinham gestos. Podemos reparar nestas formas de ridicularização de gestos e hábitos no seguinte exemplo:

Exemplo 7.

No meu tempo os géneros alimentícios não eram fotografados. Hoje ninguém começa a comer sem tirar uma fotografia ao prato. Os víveres são todos fotografadinhos! A gente vai jantar fora e parece um festival de pirlampos ou uma conferência de imprensa. (...) Para? Porquê? É porque agora todos temos uma máquina fotográfica no bolso ou foi a comida que ficou de repente mais fotogénica? (...) Não será só porque antigamente era mais difícil fotografar.

- Oh Vicente chegou a sopa. Monta o tripé, enfia-te de baixo do paninho, coloca nesse tabuleiro aquela substancia explosiva que rebenta para fazer de *flash* e tira uma... ah, (a sopa) já está fria! (...) No meu tempo meus amigos, a única hipótese de tirar fotografias à comida era, por exemplo, se nós fotografássemos uma paisagem verdejante e lá ao fundo aparecessem vacas. (...) Atenção, (hoje) só se fotografam certas vitualhas. Há racismo da vitualha. Só se fotografa o sushi ou uma sobremesa estilosa. Não se fotografa a chanfana. (...) Ontem estava num restaurante e assisti um episódio: vem um bolinho para a mesa e a filha dessa família mete um bocado de sobremesa na boca e a mãe obriga-a a cuspir! Regurgita, volta a meter o bolo com a parte mastigada para baixo porque ainda não tinha fotografado (Ricardo Araújo Pereira, Mixórdia de Temáticas, 11-05-2015).

Neste excerto é visível o exagero do exemplo e a caricatura é uma síntese dos novos hábitos da sociedade. Nesta rubrica a caricatura também se traduz numa sátira aos costumes e é isso que faz despoletar o riso.

Funções

Tabela 1.5 Funções das mensagens humorísticas na Mixórdia de Temáticas

Programa	Funções	Total%
Mixórdia de Temáticas	Identificação	24%
	Esclarecimento	4%
	Execução	0%
	Diferenciação	42%
	Solidariedade	0%
	Poder	0%
	Função	2%
	Entretenimento	100%

Nos 50 programas analisados verificou-se (tabela 1.5) que em todos o objetivo da rubrica era “entreter” e fazer rir, contudo também é notório que em algumas emissões as críticas e observações humorísticas traduzem a opinião de Ricardo Araújo Pereira.

Outra função do trabalho humorístico, presente na rubrica do Ricardo Araújo Pereira, é de criticar comportamentos e hábitos. Em 42% das mensagens humorísticas da Mixórdia de Temáticas surge a função de “diferenciação”. Esta função, como refere Meyer (2000) serve para os comunicadores salientarem e confrontarem comportamentos e problemas. A diferenciação é feita através da crítica, da ridicularização e do riso.

Em número mais reduzido surgiram em 24% das mensagens a função de “identificar”, em 4% registou-se a função de “esclarecer” e em 2% a função “psicológica”.

Em suma, o humor da rubrica Mixórdia de Temáticas parte de observações ou assuntos reais mas também recorre muitas vezes a contextos inexistentes ou fictícios. O humor da rubrica enquadra-se no âmbito da teoria da incongruência por recorrer frequentemente ao absurdo e ao contraste de exemplos. Contudo também é um humor agressivo e de ridicularização, que se enquadra também na teoria da superioridade. A sátira e a ironia, a caricatura e os sotaques são os mecanismos mais usados pelo autor. O recurso à representação grotesca, ao exagero, à ridicularização e ao contraste de exemplos são frequentes para dinamizar os discursos. Quanto às mensagens humorísticas destaca-se a característica “entreter”, mas como também é visível (tabela 1.5) a crítica através da mensagem humorística está presente em 42% das emissões que apresentam a função de diferenciação. É desta “mixórdia” de mecanismos que é despoletado o riso. Conforme Gama (2010), o riso é suscitado pela qualidade do contraste entre o que acontece e aquilo que foi exposto.

6.1.2 Portugalex

Temas

Tabela 2.1 Temas abordados no Portugalex

Programa	Temas	Total %
Portugalex	Cinema	6%
	Medicina	4%
	Política	42%
	Religião	4%
	Moda	6%
	Desporto	24%
	Justiça	2%
	Media	8%
	Ensino	4%
	Música	4%
	Economia	16%
	Sociedade	42%
	Tecnologia	2%
	Astronomia	4%
	Informação cor-de-rosa	16%
	Cultura	4%

Na análise dos temas (tabela 2.1) constata-se que as emissões abordam normalmente dois temas que remetem para assuntos da atualidade. Os lançamentos correspondem rigorosamente aos factos pelo que o objetivo também é informar o ouvinte sobre o assunto.

Dos 50 programas analisados 98% têm como alvo acontecimentos da agenda mediática, e apenas 2% (emissão do dia 8 de maio) não segue a mesma linha porque assinala o aniversário da rubrica.

Gráfico 2. Número de assuntos por emissão no Portugalex

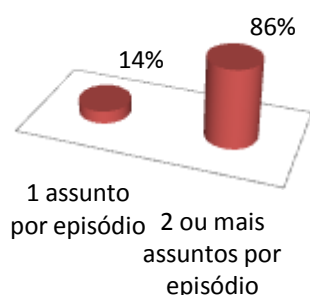
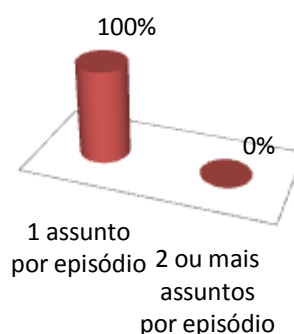
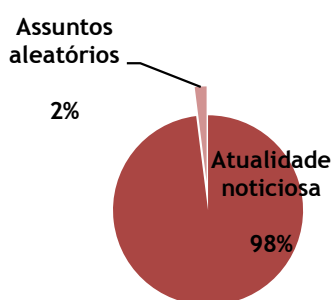


Gráfico 3. Número de assuntos por emissão na Mixórdia de Temáticas



Os gráficos 2 e 3 permitem observar também as diferenças em relação ao programa Mixórdia de Temáticas. Enquanto no Portugalex 86% dos episódios abordam dois temas por emissão, na Mixórdia de Temáticas em 100% das emissões foca-se apenas um assunto e é a partir dele que se desenrola o discurso humorístico.

Gráfico 4. Caracterização dos assuntos abordados no Portugalex



Outro ponto em que diferem é no tipo de temas escolhidos para fazer humor. Como é visível pelo gráfico 1 e 4 em ambos os programas predomina o recurso a temas do dia-a-dia, mas no Portugalex os temas que são alvo de humor pertencem à atualidade noticiosa do país (98%), enquanto na Mixórdia de Temáticas os alvos do humor são pequenos aspetos do quotidiano dos portugueses. Na Mixórdia de Temáticas apenas 10% das emissões foram dedicadas a acontecimentos mediáticos: as emissões do dia 20 de abril, 14, 15, 22 e 26 de maio.

Uma vez que o Portugalex aborda exclusivamente assuntos da atualidade mediática, os temas abordados em ambos os programas nunca coincidiram. O que se verificou foi o facto de alguns temas terem sido alvo de humor por parte dos dois programas, mas em dias diferentes. Foi o caso do assunto sobre as mães que tiveram de fazer prova de amamentação diante de médicos de saúde ocupacional para continuarem a ter horário reduzido. Este tema foi abordado no dia 24 de abril na Mixórdia de Temáticas e no dia 24 e 30 de abril no Portugalex. A entrada em vigor do novo acordo ortográfico também foi tema nas duas rubricas: dia 15 de maio na Mixórdia de Temáticas e dia 19 do mesmo mês no Portugalex. Por fim, os exames nacionais do Ensino Secundário também foram alvo de humor: dia 22 de maio na Mixórdia e dia 27 de maio no Portugalex.

Tabela 2.2 Temas ficcionados ou reais no Portugalex

Programa	Temas	Total %
Portugalex	Ficcionalados	2%
	Reais	98%

Uma vez que os temas desta rubrica são retirados da agenda noticiosa do país 98% das emissões são baseadas em factos reais (tabela 2.2).

Se compararmos as tabelas 1.2 e 2.2, no que refere ao recurso a factos ficcionados ou factos reais, a Mixórdia de Temáticas apresenta mais programas cujos temas são ficcionados com personagens inventadas (46% das emissões são ficcionadas) que o Portugalex, este apenas registou esse recurso em 2% das emissões. Apesar de não se focar na atualidade noticiosa, Ricardo Araújo Pereira também faz humor recorrendo à realidade, neste caso do quotidiano dos portugueses (54% das emissões correspondem a factos reais).

Teorias

Tabela 2.3. Teorias do humor usadas no Portugalex

Programa	Teorias	Total%
Portugalex	Superioridade	26%
	Libertação	0%
	Incongruência	100%

A tabela 2.3 enquadra os episódios analisados dentro de uma ou mais teorias do humor. Nas 50 emissões analisadas verificou-se que o recurso humorístico do Portugalex é à “incongruência”, presente em 100% dos episódios. Em segundo plano, mas numa dimensão muito inferior encontra-se o uso da superioridade, contabilizada em apenas 26% das emissões.

A incongruência é tudo o que contém algo de absurdo ou inesperado. Como referiu Carroll (2014) a incongruência pressupõe que há discordância entre os planos abordados. Esta constatação é visível na rubrica Portugalex porque há um contraste entre o que é esperado e aquilo que acaba por ser dito. Uma vez que o Portugalex é um noticiário baseado nos acontecimentos da atualidade, a incongruência reside na ligação entre os dois planos utilizados, ou seja, no contraste entre os temas e o seu desfecho, como se pode constatar nos seguintes exemplos.

Exemplo 8.

Diz a imprensa cor-de-rosa que a Angelina Jolie e Brad Pitt querem adotar mais uma criança e desta vez uma menina Síria. O que a imprensa não diz, mas o Portugalex sabe, é que o casal também já tentou adotar um português, de seu nome, Luís Marques Mendes (Portugalex, 20-04-2015).

Exemplo 9:

A Ministra da Justiça, Paula Teixeira da Cruz, teve uma nova ideia para tornar pública a lista de condenados por pedofilia e decidiu partilhá-la em primeira mão com o Portugalex:
 - (Paula Teixeira da Cruz) Muitas pessoas acharam que a ideia da lista pecava por defeito porque eram divulgados os nomes mas não as caras dos pedófilos. De maneira que decidimos lançar uma coleção de cromos que vai sair com o Correio da Manhã. Em cada semana saem os cromos de três pedófilos para as pessoas colarem na caderneta. Mas atenção! Não podem mostrar nem trocar cromos com ninguém. Se começarem a ter muito pedófilos repetidos podem pedir os que faltarem à Panini, de forma a completarem a caderneta. Muito obrigada. (Portugalex, 27-04-2015).

Se compararmos os dois programas do nosso estudo, verificamos que o recurso à incongruência é mais frequente no trabalho humorístico. Se compararmos a utilização dos mecanismos de superioridade constatamos que 46% das emissões humorísticas da Mixórdia de Temáticas são baseadas nas imperfeições ou vícios dos outros. Uma vez que o humor do Portugalex é baseado na caricatura, no exagero e no absurdo, como vamos ver de seguida, a teoria ali presente é a “incongruência”, que em 26% dos episódios coabita com a teoria da superioridade, visível em alguns apontamentos.

Mecanismos

Tabela 2.4. Mecanismos do humor usados no Portugalex

Programa	Mecanismos	Total %
Portugalex	Ironia	78%
	Sátira	100%
	Caricatura	98%
	Sonoplastia	100%
	Sotaques	12%
	Gírias	0%
	Expressões identitárias	4%
	Imitação de vozes	100%
	Caracterização de universos sociais	0%

Para além das teorias de enquadramento do humor antes referidas - a “superioridade”, “incongruência” e “libertação” - os humoristas utilizam outros mecanismos para que as histórias, verídicas ou fictícias se tornem cómicas. No Portugalex (tabela 2.4) a imitação é o mecanismo mais usado e está presente em todos os programas. Sendo um noticiário radiofónico, o programa inclui imitações de figuras mediáticas.

Esta rubrica recorre fundamentalmente à sátira, presente em 100% das emissões, à caricatura, presente em 98% dos episódios e à ironia, usada em 78% das emissões. Os trabalhos de sonoplastia, presentes em todas as emissões são fundamentais e têm a função de tornar mais real a caricatura de um noticiário radiofónico. O uso de sotaques e expressões identitárias têm menos expressão: aparecem apenas em 12% e 4% das emissões.

Os seguintes exemplos ilustram os mecanismos do humor mais usados nesta rubrica:

Exemplo 10

A Direção Geral do Património Cultural anunciou que está a preparar a candidatura do azulejo Português a Património da Humanidade. Segundo os promotores da candidatura o azulejo Português é o único no mundo e possui uma longa tradição que remonta ao século XVII pelo que merece ser reconhecido internacionalmente. Mas o Portugalex sabe que há mais materiais de construção portugueses também na calha para serem reconhecidos como Património Mundial pela UNESCO. É o que nos explica o mestre-de-obras Arnaldo Betoneira:

- [Arnaldo Betoneira] Neste momento, o que posso adiantar é que já entregamos as candidaturas a Património da Humanidade, do tijolo português, do tubo PVC português e do Pladur também ele, lá está, português. Estamos esperançados que a UNESCO reconheça o valor destes materiais. (...)

- [Portugalex] Pensa ficar por aqui ou há mais alguma coisa tipicamente portuguesa que vai querer deixar à consideração da UNESCO?

- [Arnaldo Betoneira] A gente, depois dito tudo, vamos parar um bocado, mas já temos em mente, para o ano, candidatar a marquise portuguesa a Património da Humanidade (Portugalex, 25-05-2015)

Neste exemplo estão presentes dois mecanismos que caracterizam o humor do Portugalex: a incongruência e a sátira. O absurdo ou a incongruência reside no tipo de materiais que são anunciados como candidatos a Património Mundial da UNESCO. Aquilo que parecia ser uma informação acrescida torna-se absurdo.

A caricatura, outro mecanismo que caracteriza o humor desta rubrica, pode ser visível neste exemplo:

Exemplo 11.

[...] Para comentar este assunto [as novas regras para a cobertura das eleições] temos connosco o Professor Marcelo de Sousa. Bom dia, o que acha das regras agora propostas?

- [Marcelo Rebelo de Sousa] Bom! Deixe-me começar por dizer que, ao que sei, o Portugalex já apresentou o seu programa. Até o tenho aqui comigo e diz assim: Plano de cobertura das legislativas - planeamos passar o máximo de tempo na praia, mas se algum candidato lá aparecer, fazemos-lhe perguntas daquelas mesmo para entalar, do género - “gosta mais de praia ou de campo?” ou “se fosse um gelado Olá qual seria?”, é isto não é?

- [Portugalex] Sim, é esse o nosso plano detalhado!
- [Marcelo Rebelo de souza] Parece-me muito bem. O problema da Nova Gente é fotografar a Joana Amaral dias em biquíni e pôr aquela legenda a dizer que exibiu uma silhueta invejável; o plano do Observador é fazer campanha pela direita e o plano do Correio da Manhã é dizer que a culpa dos incêndios é do Sócrates, e que os seis dirigentes do Bloco de Esquerda são gémeos mas não sabem.
- [Portugalex] E acha que esta lei põe em causa a liberdade de imprensa?
- [Marcelo Rebelo de souza] É bem capaz mas também protege os candidatos. Sei por exemplo, que Pedro Passos Coelho não quer que o fotografem de cima para não se ver a careca e que a Ana Drago fica doida se publicam imagens das suas orelhas porque parece o *Spock* da Guerra das Estrelas. E se a lei estiver em vigor na campanha para as presidenciais, espero que o Correio da Manhã planeie fazer um top dos candidatos mais sexies e com olhos mais azuis. Bom, vamos às notas finais. Parabéns ao atleta Carlos Silver que ganhou o terceiro Campeonato Internacional de salto ao pé-coxinho. É mais um português a dar provas no estrangeiro e a encher-nos de orgulho. Um destaque muito especial para Luzio Nóbrega, o português que inventou o corta-unhas que é também o corta relva e que demorou apenas um mês e meio a cortar a relva do seu quintal. E parabéns à pastelaria Carolinho por ter confeccionado o maior folhado de salchicha do mundo. É o primeiro folhado de salchicha que se vê do espaço e parece que é maior que a Muralha da China.
- [Portugalex] extraordinário professor. Obrigado por ter estado connosco mais uma vez.
- [Marcelo Rebelo de souza] Calma. Então? Pensava que eu vinha de mãos a abanar? Bom, eu estive em Miranda do Douro e aproveitei para trazer uma vaca mirandesa. Já tem jantar para hoje, ah Manuel?
- [Portugalex] obrigado professor. Era mesmo isto que eu queria (Portugalex, 29-04-2015).

Como vemos neste excerto, a caricatura é a base do humor deste programa, porque através da imitação de vozes são realçadas as características que melhor representam o alvo em questão. Neste caso é feita a caricatura de Marcelo Rebelo de Sousa, através da imitação da voz e do exagero no tipo de comentário. É do exagero dos traços caricaturados que resulta o riso.

Normalmente a caricatura é uma sátira a alguma coisa ou a alguém e Carvalho e Fonsaca consideram-na “uma síntese” que “amplia o grotesco” (2006, p.11). Como podemos ver neste exemplo, a caricatura faz-se acompanhar da ironia e da sátira encontradas nas falas de Marcelo Rebelo de Sousa. Este tipo de construção de textos livres e repletos de ironia são uma forma de ridicularizar ou criticar comportamentos ou costumes.

Manuel Marques e António Machado recorrem também muitas vezes (em 78% das emissões) a construções irónicas para que os assuntos ganhem piada. Nesta rubrica, o Presidente da República é quase sempre ironizado através de referências como esta: “Para nos ajudar a resolver esta polémica temos connosco o especialista em redes sociais e Internet, Aníbal Cavaco Silva” (Portugalex, 15-04-2015).

Ao olharmos para as tabelas 1.4 e 2.4 constatamos que a ironia e a sátira são os mecanismos mais usados em ambos os programas (76% das emissões da Mixórdia de Temáticas registam o recurso à ironia e 90% à sátira; no Portugalex 78% registam ironia e 100% a sátira). A caricatura e a imitação de vozes, que são os mecanismos que dão mais realismo ao Portugalex, presentes respetivamente em 98% e 100% dos episódios, não estão muito

presentes no trabalho humorístico de Ricardo Araújo Pereira, sendo o uso da caricatura contabilizado em 46% dos episódios. Não recorrendo à imitação, Ricardo Araújo Pereira recorre aos sotaques para criar os seus personagens fictícios, mecanismo usado em 48% dos episódios da Mixórdia e em apenas 12% dos programas Portugalex. A sonoplastia é outro mecanismo recorrente no Portugalex, presente em 100% das emissões e que lhe confere maior veracidade. Não sendo muito frequente na Mixórdia, este mecanismo é usado pontualmente, em 26 % das emissões, para criar o ambiente pretendido.

Em suma, o humor do Portugalex é feito com o recurso à atualidade mediática e para que os textos ganhem piada é usada a incongruência, a caricatura, a sátira e a ironia para criticar e ridicularizar, a imitação de vozes para tornar mais real o noticiário e a sonoplastia, também presente em todas as emissões. A função da sonoplastia é fundamental nesta rubrica humorística para produzir todo o tipo de sons durante a emissão, criando um ambiente adaptado às circunstâncias.

Funções

Tabela 2.5. Funções das mensagens humorísticas no Portugalex

Programa	Funções	Total%
Portugalex	Identificação	0%
	Esclarecimento	0%
	Execução	0%
	Diferenciação	70%
	Solidariedade	0%
	Poder	0%
	Função psicológica	0%
	Entretenimento	100%

As mensagens humorísticas podem ter várias funções: “identificar”, “esclarecer”, “executar”, “diferenciar”, de “solidariedade”, de “poder”, ter uma “função psicológica” ou, simplesmente “entreter”. Nesta rubrica, como se constata pela tabela 2.5 a função predominante, presente em todas as emissões, é a de entretenimento, presente em todos os episódios analisados. As mensagens humorísticas do Portugalex, baseadas na atualidade mediática são predominantemente incongruentes, de caricatura e imitação de vozes. O exagero resultante da caricatura, o contraste de ideias num mesmo plano e as particularidades realçadas têm a finalidade de fazer rir, logo, um dos objetivos é o de entreter. Em segundo plano, a escolha dos temas que servem ao trabalho humorístico é feita com o propósito de criticar e apontar erros àquilo que é feito (tabela 2.5): 70% das mensagens humorísticas deste programa tem a função de “diferenciar”. Esta função visa criticar ou ridicularizar e por isso a ironia, a sátira, a caricatura e o exagero dos discursos incongruentes

são também uma crítica aos discursos políticos, às leis impostas ou ao mediatismo criado em torno de certos acontecimentos.

Para que seja mais explícito apresentam-se dois exemplos em que há uma mensagem por trás de cada emissão:

Exemplo 12.

- [Portugalex] - Temos em estúdio o Cineasta António Pedro Vasconcelos, que nos vem dar a sua opinião sobre vencedores e vencidos [dos Óscares 2015]. Bom dia, António Pedro.
- [António Pedro Vasconcelos] - Tive alguma pena que o *Boyhood* só ganhasse um Óscar, acho que merecia mais, muito mais, não fosse pela trabalhadeira que deu filmar ao longo de 12 anos. Estou a pensar fazer um *remake* mas adaptado à realidade portuguesa.
- [Portugalex] - que interessante. Neste caso em vez de acompanhar um rapaz da infância à universidade, seria da infância até ao dia em que não tem outro remédio se não emigrar.
- [António Pedro Vasconcelos] - essa era a primeira ideia, mas depois achei que era mais português acompanhar a vida de um adulto desde o dia em que vai para a fila da segurança social até ser atendido. Entretanto passaram 12 anos.
- [Portugalex] - só mesmo no cinema. Na realidade ninguém consegue ser atendido em apenas 12 anos. (Portugalex, 6-03-2015).

Exemplo 13:

- [Portugalex] - Sobre as novas construções, [no Portugal dos Pequeninos], as que vão representar Portugal de hoje, o que nos tem a dizer?
- [Marquês Mendes] - Vão construir uma réplica da casa de Elvas...
- [Portugalex] - A do processo Casa Pia?
- [Marques Mendes] - Precisamente. Também vão fazer uma réplica do centro de emprego, com fila à porta e tudo, para ficar mais credível. E réplicas de estádios de futebol, para engolir o orçamento quase todo e não permitirem que se faça mais nada. O que sobra é para fazer estudos sobre a construção do mini aeroporto e uma mini linha de TGV. (Portugalex, 9-03-2015).

Apesar da incongruência entre o tema e o desfecho e o exagero do discurso dos personagens a caricatura é também uma crítica às opções políticas e à realidade do país. Apesar de ser uma emissão com a finalidade de entreter acaba por passar uma mensagem que visa criticar e ridicularizar as opções tomadas em Portugal.

A mesma tendência é verificada na Mixórdia de Temáticas. O trabalho humorístico de Ricardo Araújo Pereira é muitas vezes uma crítica aos comportamentos dos portugueses. A tabela 1.5 mostra que esta crítica está presente em 42% dos episódios com a função de diferenciar e em 24% das emissões com a função de identificar. Assim, a par do entretenimento e do objetivo principal de provocar o riso, estas duas rubricas recorrem a temas com a finalidade de deixar uma crítica social e/ou política.

Exemplo da dupla função das mensagens humorísticas (diferenciar e entreter) são os temas que foram alvo de humor por parte dos dois programas. A prova de amamentação, a entrada em vigor do novo acordo ortográfico e o problema dos exercícios de Física e Química foram alvo do trabalho humorístico quer na Mixórdia quer no Portugalex. Em ambos os programas, o humor tinha também a função de criticar, ridicularizando.

6.2 Discussão

Em Portugal, a ligação humor-rádio surge nos anos 30 do século XX mantendo-se até à atualidade. O surgimento de outros meios de comunicação levou o *blogger* Jorge Guimarães Silva a classificar os programas de humor como “os últimos resistentes da era de ouro da rádio em Portugal” (2005, s/p). Mas que temas abordam atualmente estes programas? É esta a primeira pergunta de investigação.

PI1: Os programas abordam assuntos aleatórios? Ou seguem a agenda mediática?

A *Mixórdia de Temáticas* recorreu apenas em 10% dos programas à agenda mediática: os restantes 90% foram baseados em assuntos aleatórios que caracterizam hábitos e pormenores do dia-a-dia dos portugueses.

Já o *Portugalex* segue sempre um padrão diferente porque baseia o seu noticiário humorístico em dois acontecimentos mediáticos: 98% dos episódios tem como alvo a informação política (42%), social (42%), desportiva (24%), económica (16%) ou até mesmo informação cor-de-rosa (16%). Todos estes temas são da agenda mediática e por isso, como refere Oliveira (2011), as rubricas humorísticas podem funcionar “como uma sátira dos espaços informativos” (p.8). Uma vez que o *Portugalex* se aproxima de um noticiário real tem também esta função.

Não há apenas um registo. Verificou-se que qualquer assunto pode ser alvo do trabalho humorístico, sejam temas aleatórios ou da agenda mediática. O que se conclui é que no geral, o tratamento de temas de índole política, social ou os pormenores do quotidiano, são assuntos mais usuais nas rubricas humorísticas da rádio portuguesa.

PI2: Quais são as modalidades de humor mais usadas nos programas humorísticos radiofónicos?

A comunicação humorística é enquadrada numa ou mais modalidades de humor - a teoria da superioridade, a teoria da incongruência ou teoria da libertação. Segundo a análise, que pode ser verificada pela tabela 1.3 e 2.3 a teoria mais usada é a “incongruência”, usada em 100% das emissões do *Portugalex* e em 54% das emissões da *Mixórdia de Temáticas*. Mas não podemos falar num padrão, uma vez que no caso da *Mixórdia de Temáticas*, há um equilíbrio entre o uso da teoria da incongruência e o uso da teoria da superioridade, tendo-se verificado o uso desta em 46% das emissões. Verificamos que as teorias de enquadramento variam consoante o tipo de humor de cada humorista.

Quando enquadrados na teoria da incongruência, os assuntos são tratados com base num discurso absurdo mas quando se enquadram na teoria da superioridade o humor adquire uma forma mais agressiva uma vez que ridiculariza aspetos e imperfeições de alguém de forma clara e direta.

PI3: Quais são os mecanismos mais usados nesses mesmos programas?

O Portugalex é uma rubrica mais equilibrada no que toca ao uso dos mecanismos do humor. Os autores fazem humor recorrendo à imitação de vozes, à sátira e à sonoplastia criadora de ambientes e cenários em todos os episódios, ou seja, em 100% das emissões. A caricatura é usada em 98% das emissões e a ironia em 78% dos episódios. O humor da Mixórdia de Temáticas é mais aleatório sendo que os mecanismos mais usados são a sátira e a ironia, presentes em 90% e 76% respetivamente. O humor da caricatura não é tão usado pelo Ricardo Araújo Pereira, tendo-se contabilizado o seu uso em apenas 46% dos episódios.

Enquanto no Portugalex se fazem a imitações de vozes das figuras públicas em todas as rubricas, na Mixórdia de Temáticas as personagens são construídas com sotaques em 48% das emissões, gírias em 22% das emissões, expressões identitárias em 22% das emissões ou outras que caracterizam universos sociais em 30% das emissões.

A sonoplastia também é um auxiliar na forma de fazer humor. A sua presença é constante no Portugalex, (100% das emissões), enquanto na Mixórdia de Temáticas se identificou apenas em 26% das emissões.

O tipo de construção cômica varia consoante o humorista e por isso a seleção dos mecanismos usados nessas mesmas narrativas também varia. Contudo, os mecanismos mais usados e que coincidem em ambos os programas são a utilização da ironia e da sátira. O uso da caricatura também é um recurso na forma de fazer humor de ambas as rubricas, contudo é um recurso mais constante no Portugalex (98%) do que na Mixórdia de Temáticas (46%). Os demais mecanismos do humor presentes nas tabelas 1.4 e 2.4 são usados na construção das narrativas de acordo com o critério de cada humorista.

PI4: Os autores procuram passar alguma mensagem ou os programas são meros conteúdos de entretenimento?

Como refere Carrol (2014), o humor é o objeto da diversão e por isso a diversão cômica acontece quando alguma piada ou situação se revelam caricatos para alguém. Nesta perspetiva, é verdade que os programas humorísticos da rádio servem para entreter e fazer rir, situação verificada em todas as emissões de ambos os programas. O absurdo, a incongruência, o exagero da imitação ou do contraste entre o real e aquilo que se quer passar conferem a estes programas uma imagem de paródia com a finalidade de divertir os ouvintes.

Ao mesmo tempo que o humor se traduz em diversão, representa também uma crítica consciente e explícita, ou seja, como refere Eco (1993), o cômico é ambíguo e por isso ao mesmo tempo que serve de entretenimento e faz rir consegue “jogar” com as regras sociais.

As tabelas 1.5 e 2.5 confirmam que, para além do entretenimento, as narrativas humorísticas pretendem outra mensagem. No caso da Mixórdia de Temáticas, os assuntos escolhidos

passaram em 42% das emissões uma mensagem de “diferenciação”, em 24% das emissões uma mensagem de “identificação”. No caso do Portugalex, em 70% dos programas passou-se uma mensagem de “diferenciação”.

Em 24% das mensagens humorísticas da Mixórdia de Temáticas, o humor tinha a função, ainda que de forma divertida, identificar aspetos do assunto em questão com a finalidade de despertar consciências. Em 42% das mensagens humorísticas da Mixórdia de Temáticas, e em 70% das mensagens humorísticas do Portugalex, o humor apresenta a função de diferenciar, ou seja, é uma crítica a comportamentos e problemas. Meyer (2000) refere que esta é a função mais eficaz porque se traduz numa crítica e na ridicularização de comportamentos, pessoas, posições ou grupos. A diferenciação permite criticar as ações dos outros e salientar a discórdia com normas ou questões cimentadas, de uma forma divertida e que é bem aceite pelos ouvintes.

Travaglia (1990) refere que, independentemente do enquadramento, o trabalho humorístico, por ser uma forma de comunicar, é também “uma forma de revelar e de flagrar outras formas de visão do mundo e das realidades naturais ou culturais que nos cercam e, assim, desmontar falsos equilíbrios” (p. 55). Por ser maioritariamente baseado em ações reais e do quotidiano, mediático ou não, o humor é usado para abordar temáticas transversais à sociedade.

Os humoristas servem-se do humor para vincarem as suas opiniões, criticarem comportamentos ou incitarem mudanças sem sofrerem os efeitos negativos. Graças às suas representações que transportam mensagens de uma forma diferente daquela que ocorre num ato comunicacional formal, são entendidas como divertidas produzindo assim uma resposta afetiva dos ouvintes.

Conclusão

Em Portugal, o humor surge na rádio nos anos 30 do século XX e desde aí constituiu-se como um dos mais importantes mecanismos interativos da rádio portuguesa. A chamada “rádio-espetáculo” era composta pelos folhetins humorísticos, pelo teatro radiofónico e pelos programas de humor, formatos que foram substituídos na rádio atual por programas e rubricas humorísticas de grande sucesso nas grelhas de programação das rádios nacionais.

Com o presente trabalho pretendia-se averiguar se existe um padrão na forma de fazer humor nas rádios portuguesas e perceber quais são os estímulos que desencadeiam o riso. Para atingir esse objetivo foram analisados os programas Mixórdia de Temáticas (RC) e Portugalex (A1) ambos com periodicidade diária.

Com base no estudo empírico concluímos que qualquer tema pode ser alvo de humor, mas o tratamento de temas de índole política, social ou os pormenores do quotidiano, são os mais usuais na rádio portuguesa. Concluiu-se igualmente que o género de espaços é mais do que uma mera narrativa humorística, constituindo-se como uma forma de crítica aos assuntos abordados, tal como ocorria no passado. Esta tendência já era visível nos personagens cómicas do humor de rua na antiguidade, o teatro de rua e o teatro de feira na cidade medieval ou as personagens presentes nas cortes e no teatro popular, como os Bobos, encenavam factos da atualidade com a intenção de divertir o público mas também com a intenção de criticar. Estas personagens caricaturavam, ironizavam e satirizavam aspetos da sociedade, alertando para aspetos sociais e políticos.

A ironia e a sátira são os mecanismos do humor mais utilizados em ambos os programas. Por não se desvincularem da vida real, estes programas satirizam a sociedade e ridicularizam assuntos comuns do dia-a-dia, mediáticos ou não, para criarem situações caricatas.

Para retratar os episódios do quotidiano ou os assuntos da agenda mediática, os humoristas recorrem à reinterpretação e à caricatura, dois desvios como se viu na parte teórica. No Portugalex caricaturam-se figuras públicas enquanto na Mixórdia de Temáticas a caricatura tem como alvo o dia-a-dia das pessoas.

As modalidades do humor baseadas nas três teorias humorísticas variam de programa para programa, consoante o tipo de humor de cada humorista. A teoria mais usada é a da incongruência, mas não se pode falar num padrão humorístico porque sendo a modalidade predominante no Portugalex, não é o único recurso na Mixórdia de Temáticas.

Os programas de humor assemelham-se na finalidade crítica das mensagens humorísticas pela preferência em reinterpretar factos reais ou ficcionados no registo satírico, irónico e caricaturado. Mas diferem nos demais mecanismos que podem variar entre a construção de narrativas cómicas, nos temas (simples episódios do quotidiano, acontecimentos mediáticos, etc) ou enquadramentos (agressivos, absurdos, etc).

Não é possível definir um padrão humorístico nas rádios portuguesas. Apesar das semelhanças entre as rubricas, cada humorista pode fazer o tipo de abordagem pessoal e usar os mecanismos e o enquadramento com que melhor se identifica. O humor é um desvio e por isso qualquer que seja a sua natureza é sempre humor.

O estudo comprova que esta forma de comunicação é usada para “entreter”, mas é também uma forma indireta, mas eficaz, de crítica social. Esta ideia é corroborada por Travaglia (1990) que defende que a função do humor ultrapassa o simples fazer rir e pode funcionar como ferramenta de denúncia para desmistificar assuntos sociais. Estas rubricas para além da finalidade de entreter traduzem-se numa forma indireta de tratar assuntos e por isso, como refere Carroll (2014) o humor representa a crítica consciente e explícita. As histórias humorísticas são análises críticas divulgadas de forma criativa, onde o humor permite apresentar problemas ou discutir episódios do quotidiano.

Conclui-se, pois, que não há um padrão rígido da forma de fazer humor em Portugal, nem um conjunto de mecanismos fixos responsáveis por causar o riso. A natureza do humor permite que este se adapte ao pretendido por cada humorista ou por cada programa. Apesar disso existe um ponto em comum: a crítica social. Independentemente dos mecanismos a que recorre, do enquadramento utilizado ou do tipo de tema abordado as representações humorísticas transportam sempre conhecimento e emitem pareceres de valor sob uma capa de brincadeira. O humor que se traduz numa crítica consciente é usado como estratégia de comunicação e serve como mecanismo de persuasão. De forma divertida e lúdica as narrativas humorísticas levantam questões que nos remetem à reflexão.

Referências Bibliográficas

Aguiar, M. (2012). A Produção do Teatro de Revista no Início do Século XX: O Texto Teatral e o seu uso para a Historiografia. In VI Simpósio Nacional de História Cultural, Universidade Federal do Piauí - UFPI, de 24 a 28 de junho de 2012, pp. 1-12. Consultado em 1 de agosto de 2015, em <http://gthistoriacultural.com.br/VIsimposio/anais/Mariana%20de%20Araujo%20Aguiar.pdf>.

Aristóteles. (1992). *Poética*. (Trad. de Eudoro de Sousa). 3ª Edição. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda.

Attardo, S. (1994). *Linguistic theories of humor*. Berlin: Mouton de Gruyter.

Attardo, S. (2003). Introduction: the pragmatics of humor. In *Journal of pragmatics of humour*, Elsevier, Vol.35, n.9, pp. 1287-1294.

Attardo, S. (2008). Semantics and Pragmatics of Humor. In *Language and Linguistics Compass*, Vol.2, n.6, pp. 1203-1215.

Bardin, L. (1997). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70.

Bergson, H. (1993). *O riso: Ensaio sobre o significado do cómico*. 2ª edição. Lisboa: Guimarães Editores. (Obra originalmente publicada em 1900).

Cabana dos Parodiantes. (2006). O Percurso Notável dos Parodiantes de Lisboa: História dos Parodiantes de Lisboa. Consultado em 9 de junho de 2015, em <http://www.cabanadosparodiantes.com/htmls/conteudos/EkFlZkulAARejJKpsf.shtml>.

Carreira, A. (2005). Reflexões sobre o conceito de teatro de rua. In Telles, N., & Carneiro, A. (Org.), *Teatro de Rua - Olhares e Perspectivas*, Rio de Janeiro: E-papers, pp. 20- 37.

Carroll, N. (2014). *Humour - A Very Short Introduction*. Oxford: Oxford University Press.

Carvalho, N., & Fonsaca, K. (2006). Animação em tempo e espaço do humor on-line: Estudo de site com charges e caricaturas. In *Iniciacom*. Revista Brasileira de Iniciação Científica em Comunicação, São Paulo, Vol.1, n.2, pp. 9-16.

Castanheira, P. (2015, 13 fevereiro). Rir e Fazer Rir na Rádio Chama-se Portugalex (Depoimento a Carlos Ramos). *Antena 1*. Consultado em 14 de julho de 2015, em http://www.rtp.pt/noticias/pais/rir-e-fazer-rir-na-radio-chama-se-portugalex_a804602.

Castro, A. (2005). *O Elogio da Bobagem - palhaços no Brasil e no mundo*. Rio de Janeiro: Editora Família Bastos. Consultado em 28 de julho de 2015, em <http://www.circonteudo.com.br/stories/documentos/article/3487/ELOGIO%20DA%20BOBAGEM.pdf>.

Cordeiro, P. (2004). A Rádio em Portugal: um pouco de história e perspectivas de evolução. Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação. Consultado em 9 de junho de 2015, em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/cordeiro-paula-radio-portugal.pdf>.

Cordeiro, P. (2005, novembro, 16). A Ficção na rádio moderna: o panorama comunicacional. *NetFM*. Consultado em 20 de junho de 2015, em <https://netfm.wordpress.com/2005/11/16/a-ficcao-na-radio-moderna-o-panorama-comunicacional/>.

Cordeiro, P. (2006, janeiro, 25). Breve apontamento sobre teatro radiofónico em Portugal. *NetFM*. Consultado em 20 de junho de 2015, em <https://netfm.wordpress.com/2006/01/25/breve-apontamento-sobre-teatro-radiofonico-em-port/>.

Cordes, R. (2007, junho, 21). Quem és tu, Zé Tó - Making of. *SapoVídeos*. Consultado em 12 de julho de 2015, em <http://videos.sapo.pt/quemestuzeto>.

Cruz, C. (2010, dezembro, 19). No Ar, História da Rádio em Portugal (Depoimento a João Paulo Diniz). *RTP memória*. Consultado em 8 de junho de 2015, em <http://tv2.rtp.pt/rtpmemoria/?t=NO-AR-HISTORIA-DA-RADIO-EM-PORTUGAL.rtp&article=571&visual=2&layout=5&tm=8>.

Cruz, C. (2012). Stand Up Comedy Portugal: Curiosidades. Consultado em 22 de julho de 2015, em <http://www.standupcomedyportugal.pt/curiosidades.html>.

Cruz, D. (2014, outubro, 1). O Teatro de Revista em Portugal. *70 Anos de Cultura: 1945-2015*. Consultado em 4 de Agosto de 2015, em <http://e-cultura.blogs.sapo.pt/o-teatro-de-revista-em-portugal-i-299708>.

Damaceno, E. R., & Nishizawa, L. K. (1999). Humor no rádio brasileiro. In Congresso *Brasileiro de Ciências da Comunicação, São Paulo, Intercom*, Vol. 22. Consultado em 1 de junho de

2015, em
<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/491c905fada79c39b6ebdc399c01ce11.PDF>.

Davis, D. (2008). Communication and humor. In Raskin, V. (Org.), *The Primer of Humor Research*, Berlin: Mouton de Gruyter, pp. 543- 568. Consultado em 19 de maio de 2015 em, https://www.academia.edu/6196205/The_Primer_of_Humor_Research_Edited_by_Victor_Raskin.

Descartes, R. (1992). *Discurso do Método - As Paixões da Alma*. (Trad. de Newton de Macedo). 17ª Edição. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora. (Obra originalmente publicada em 1649).

Eco, U. (1993). *Viagem na Irrealidade Quotidiana*. Lisboa: DIFEL.

Ermida, I. (2007). O Tempo e o Riso: Reflexões Diacrônicas sobre o Cômico de Linguagem. In *Diacrítica*, nº21, pp. 77-105. Consultado em 1 de Março de 2015, em http://ceh.ilch.uminho.pt/publicacoes/Diacritica_21-1.pdf.

Ferreira, P. (s/d). Programas Clássicos. *Clássicos das Rádio: Os anos dourados da telefonia em Portugal*. Consultado em 15 de junho de 2015, em <http://www.classicosdaradio.com/>.

Fonseca, N. (2009). Relembrando o Pão com Manteiga. *Inner Space*. Consultado em 10 de julho de 2015, em <https://innerspace22.wordpress.com/2009/08/12/relembrando-o-pao-com-manteiga/>.

Foucault, M. (1999). A ordem do discurso. (Trad. de Laura Fraga de Almeida Sampaio). 5ª edição. São Paulo: Edições Loyola. (Obra originalmente publicada em 1970). Acedido em 22 de Março de 2015, em <https://projetophronesis.files.wordpress.com/2009/08/foucault-michel-a-ordem-do-discurso-aula-inaugural-no-college-de-france.pdf>.

França, V., V. (2001). O objeto da comunicação/ a comunicação como objeto. In Hohlfeldt, A., Martino, L., C., & França, V., V. (Org.), *Teorias da Comunicação: conceitos, escolas e tendências*, Petrópolis: Editora Vozes, pp.39-60.

Freud, S. (1905). *Os Chistes e a sua relação com o Inconsciente*. Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol.III. Rio de Janeiro: Imago. Consultado em 25 de julho de 2015, em <http://conexoesclinicas.com.br/wp-content/uploads/2015/01/FREUD-Sigmund.-Obras-Completas-Imago-Vol.-08-1905.pdf>.

Freud, S. (1927). Humour, pp. 160-166. Consultado em 10 de abril de 2015, em <https://pt.scribd.com/doc/34515345/Sigmund-Freud-Humor-1927>.

Gama, A. (2010). O Riso no Universo mediático. *In XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste - Vitória, Intercom*, 13 a 15 de maio de 2010, pp.1-13. Consultado em 20 de dezembro de 2014 em, <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2010/resumos/R19-1349-1.pdf>.

Guilhoto, J. (s/d). O Teatro de Revista, a herança deixada por Raul Solnado. *Fora de Linha*. Consultado em 13 de junho de 2015, em <http://www.fcsh.unl.pt/cadeiras/plataforma/foralinha/cyber/www/view.asp?edicao=00&artigo=1302>.

Hay, J. (2000). Functions of humor in the conversations of men and women. In *Journal of Pragmatics*, Vol.32, n.6, pp.709-742. Consultado em 20 de maio de 2015 em, <https://www.ffri.hr/~ibrdar/komunikacija/seminari/Hay,%202000%20-%20Functions%20of%20humor%20in%20converstionas%20of%20men%20and%20w.pdf>.

HermanNet. (1999a, fevereiro 24). A Flor do Éter. *A Caixa da Sorte*. Consultado em 2 de julho de 2015, em http://www.citi.pt/hermanet/flor_eter.html.

HermanNet. (1999b, fevereiro 24). Rádio. *A Caixa da Sorte*. Consultado em 2 de julho de 2015, em <http://www.citi.pt/hermanet/radio.html>.

Hobbes, T. (2009). *Leviatã ou Matéria, Forma e Poder de um Estado Eclesiástico e Civil*. (Trad. de João Paulo Monteiro e Maria Beatriz Nizza da Silva). 4ª Edição. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda. (Obra originalmente publicada em 1651).

Hohlfeldt, A. (2001). As origens antigas: a comunicação e as civilizações. In Hohlfeldt, A., Martino, L., C., & França, V., V. (Org.), *Teorias da Comunicação: conceitos, escolas e tendências*, Petrópolis: Editora Vozes, pp.61-98.

Jeanneney, J. (2003). *Uma História da Comunicação Social*. 2ª Edição Portuguesa. Lisboa: Terramar.

José, H. (2010, dezembro, 27). No Ar, História da Rádio em Portugal (Depoimento a João Paulo Diniz). *RTP memória*. Consultado em 8 de junho de 2015, em <http://tv2.rtp.pt/rtpmemoria/?t=NO-AR-HISTORIA-DA-RADIO-EM-PORTUGAL.rtp&article=912&visual=2&layout=5&tm=8>.

Kant, I. (1998). *Crítica da Faculdade do Juízo*. (Trad. De António Marques e Valério Rohden). 2ª Edição. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda. (Obra originalmente publicada em 1793).

Kuipers, G. (2008). The sociology of humor. In Raskin, V. (Ed.), *The Primer of Humor Research*, Berlin: Mouton de Gruyter, pp. 365-402.

Lamarre, H., Landreville, K., & Beam, M. (2009). The Irony of Satire - Political Ideology and the Motivation to See What You Want to See in The Colbert Report. In *International Journal of Press/Politics*, Sage, Vol.14, n.2, pp. 212-231. Consultado em 15 de fevereiro de 2015, em http://theyesmenfixtheworld.com/guide/images/The_Irony_of_Satire.pdf.

Levino, R., & Martins, L. (2012, fevereiro, 28). A linha do tempo do humor. In *Veja*. Consultado em 1 de junho de 2015 em, <http://veja.abril.com.br/multimedia/infograficos/a-linha-do-tempo-do-humor>.

Lippitt, J. (1994). Humor and incongruity. In *The Journal of the Cogito Society*, Vol.8, n.2, pp.147-153. Consultado em 17 de Março de 2015, em http://www.pdcnet.org/pdc/bvdb.nsf/purchase?openform&fp=cogito&id=cogito_1994_0008_0002_0147_0153.

Lynch, O., H. (2002). Humorous communication: Finding a place for humor in communication research. In *Communication Theory*, Vol.12, n.4, pp.423-445. Consultado em 20 de Maio de 2015 em, <http://cc.shu.edu.tw/~tyu/CTA.pdf>.

Markl, N. (2015). Quem é Este Gajo?. *A Cave do Markl*. Consultado em 15 de julho de 2015, em <https://acavedomarkl.pt/quem-e-este-gajo/>.

Martin, R. A. (2007). *The Psychology of Humor: An Integrative Approach*. Burlington, MA : Elsevier Academic Press. Consultado em 4 de fevereiro de 2015, em https://ia601409.us.archive.org/7/items/psychologyofhumo00martrich/psychologyofhumo00martrich_bw.pdf.

Martino, L., C. (2001). O objeto da comunicação/ a comunicação como objeto. In Hohlfeldt, A., Martino, L., C., & França, V., V. (Org.), *Teorias da Comunicação: conceitos, escolas e tendências*, Petrópolis: Editora Vozes, pp.11-38.

Meyer, J. C. (2000). Humor as a double-edged sword: Four functions of humor in communication. In *Communication Theory*, Vol.10, n.3, pp.310-331. Consultado em 8 de

abril de 2015, em <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1468-2885.2000.tb00194.x/epdf>.

Morreall, J. (2009). *Comic Relief - A Comprehensive Philosophy of Humor*. Chichester- West Sussex: Wiley-Blackwell.

Morreall, J. (2013) Philosophy of Humor. In Zalta, E. (Ed.), *The Stanford Encyclopedia of Philosophy*, (spring ed.). Consultado em 10 de dezembro de 2014, em <http://plato.stanford.edu/archives/spr2013/entries/humor/>.

Mulder, M. & Nijholt, A. (2002). Humour Research: State of the Art. University of Twente, Center of Telematics and Information Technology, setembro de 2002, pp. 1- 24. Consultado em 1 de dezembro de 2014, em http://wwwhome.ewi.utwente.nl/~anijholt/artikelen/ctit24_2002.pdf.

Muñoz, J., J. & Gil, C. (1988). *La Radio - Teoría y Práctica*. Madrid: Instituto Oficial de Radio y Television.

Oliveira, M. (2011). Na frequência do riso: dos programas de humor nas rádios portuguesas à sociedade do espetáculo. In *IX Congresso Lusocom*, UNIP - São Paulo, 4 a 6 de agosto de 2011.

Pavan, R. (2013a). As Novas Velhas Estórias do Humor Radiofônico: Radicci e Wilmutt e o Revival das Identidades Étnicas no Sul do Brasil. Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação. Consultado em 25 de maio de 2015 em, <http://www.bocc.ubi.pt/pag/pavan-ricardo-2013-novas-velhas-estorias-humor-radiofonico.pdf>.

Pavan, R. (2013b). Retalhos de um tecido comunicativo: o humor radiofônico e a deflagração dos sentidos identitários. In *IX Encontro Nacional de História dos Mídia*, UFOP - Ouro Preto - Minas Gerais, 30 maio a 1 junho 2013, s/p. Consultado em 1 de junho de 2015 em, <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/9o-encontro-2013/artigos/gt-historia-da-midia-sonora/retalhos-de-um-tecido-comunicativo-o-humor-radiofonico-e-a-deflagracao-dos-sentidos-identitarios>.

Pavan, R., & Gattermann, L., C. (2007). Mídia e Entretenimento: o texto/linguagem de humor no rádio e as interações com o imaginário popular. In *IV Congresso Nacional de História da Mídia*, Intercom, São Paulo, 31 maio a 2 junho 2007, pp. 1-13. Consultado em 1 de junho de 2015 em, <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/5o-encontro-2007-1/Midia%20e%20Entretenimento%20o%20textolinguagem%20de%20humor%20no%20radio%20e%20as%20interacoes%20com%20o.pdf>.

Pearsall, J. (1998). *The New Oxford Dictionary of English*. Oxford: Clarendon Press.

Pereira, E. (2008, março 26). Herman regressa à rádio com “O Tal País”. *Jornal de Notícias*. Consultado em 14 de julho de 2015, em http://www.jn.pt/PaginalInicial/Interior.aspx?content_id=926170.

Portela, P. (2011). *Rádio na Internet em Portugal: A abertura à participação num meio em mudança*. Ribeirão: Edições Húmus/ Universidade do Minho, CECS.

Prado, E. (1985). *Estrutura da Informação Radiofónica*. 4ª Edição. São Paulo: Summus Editorial.

Provine, R. (1996). Laughter. In *American Scientist*, Vol.84, n.1, pp. 38-47. Consultado em 17 de Março de 2015, em http://cogweb.ucla.edu/Abstracts/Provine_96.html.

Quadros, C. (2008). Cebrián Herreros e a inovação radiofônica. In Meditsch, E., & Zuculoto, V. (Org.), *Teorias do Rádio - textos e contextos*, Vol. II, Florianópolis: Insular, pp. 349-363.

Ribeiro, J., & Ribeiro, L. (2013). Interação, interatividade e humor no rádio: estudo de caso sobre o programa Graffiti veiculado pela rádio 98 FM de Belo Horizonte. *Revista Tecer*, Vol.6, n.11, pp. 122- 138. Consultado em 24 de junho de 2015, em <http://www.bibliotekevirtual.org/revistas/Methodista-IH/RT/v06n11/v06n11a02.pdf>.

Rodrigues, A. D. (2000). *Dicionário Breve da Informação e da Comunicação*. Lisboa: Editorial Presença.

Romão, S. (2005). Onde está a graça: análise do nível (explícito, implícito e metaplícito) em que se processa a bissociação em textos humorísticos. In *Letras & Letras*, Uberlândia, Vol.21, n.1, pp.287-339. Consultado em 1 de Dezembro de 2014, em <http://www.seer.ufu.br/index.php/letraseletras/article/viewFile/25197/14013>.

Romero, E. J., & Cruthirds, K. W. (2006). The use of humor in the workplace. In *Academy of Management Perspectives*, Vol.34, n.3, pp.18-30. Consultado em 15 de Maio de 2015 em, <http://ww2.valdosta.edu/~mschnake/RomeroCruthirds2006.pdf>.

RTP. (2009, outubro, 6). Talismã FM: De Sobralinhos de Alhambra para o Mundo, do Mundo para o Futuro. *RTP*. Consultado em 15 de julho de 2015, em http://www.rtp.pt/antena3/artes/talisma-fm_7470.

RTP. (s/d). Aleixo FM - Bruno Aleixo e Companhia nas Manhas da 3.RTP. Consultado em 15 de julho de 2015, em <http://www.rtp.pt/programa/radio/p3869>.

Santos, R. (2004, abril, 18). Programas de Humor na Rádio. *Indústrias Culturais*. Consultado em 12 de junho de 2015, em <http://industrias-culturais.hypotheses.org/124>.

Santos, R. (2012, janeiro, 3). Teatro da Palmilha Dentada. *Indústrias Culturais*. Consultado em 12 de junho de 2015, em <http://industrias-culturais.hypotheses.org/19373>.

Santos, R. (2013, agosto, 12). A Voz dos Ridículos (1945 - 2013), um programa de humor na rádio do Porto. *Indústrias Culturais*. Consultado em 12 de junho de 2015, em <http://industrias-culturais.hypotheses.org/24982>.

Santos, S. (2009). *A Interpretação da Piada na Perspectiva da Teoria da Relevância*. Tese de doutoramento, Universidade Federal do Paraná, Curitiba. Consultado em 16 de fevereiro de 2015 em <http://dspace.c3sl.ufpr.br/dspace/bitstream/handle/1884/23417/Tese%20final.pdf?sequence=1>.

Sfez, L. (1991). *A Comunicação*. Lisboa: Instituto Piaget.

Silva, C. (2010a). “teatro de revista”, E- *Dicionário de Termos Literários (EDTL)*, coord. de Carlos Seia. Consultado em 10 de junho de 2015 em, http://www.edtl.com.pt/index.php?option=com_mtree&link_id=25:teatro-de-revista&task=viewlink.

Silva, J., G. (2010b, maio, 21). História da Rádio em Portugal: A rádio em datas em Portugal. *Telefonia sem fios*. Consultado em 18 de junho de 2015, em <http://telefonia.no.sapo.pt/datesportugal.htm>.

Silva, N., A. (2009, março, 28). Humoristas Portugueses dos Últimos Trinta Anos, Parte 2 - Os Novos Fadistas. *nunoartursilva.blogs.sapo.pt*. Consultado em 20 de junho de 2015, em <http://nunoartursilva.blogs.sapo.pt/26195.html>.

Sousa, J., P. (2006). *Elementos de Teoria e Pesquisa da Comunicação e dos Media*. Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação. Consultado em 25 de Maio de 2015, em <http://bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-elementos-teoria-pequisa-comunicacao-media.pdf>.

Spencer, H. (1966). *Essays on Education and Kindred Subjects*. London: Dent. (Obra originalmente publicada em 1861). Consultado em 22 de julho de 2015, em http://lfolll.s3.amazonaws.com/titles/2249/Spencer_1501_Bk.pdf.

Travaglia, L. (1990). Uma introdução ao estudo do humor pela linguística. In *DELTA*, Vol.6, n.1, pp.55-82. Consultado em 7 de fevereiro de 2015, em http://www.ileel.ufu.br/travaglia/artigos/artigo_uma_introducao_ao_estudo%20do_humor_pela%20linguistica.pdf.

TSF. (2009, junho, 8). 008- Missão Euro. *TSF*. Consultado em 16 de julho de 2015, em http://www.tsf.pt/Paginalnicial/Interior.aspx?content_id=953215.

TSF. (s/d). Tubo de ensaio. *TSF*. Consultado em 16 de julho de 2015, em http://www.tsf.pt/Programas/programa.aspx?content_id=904110&audio_id=4659350.

Watson, C. (2014). A Sociologist Walks into a Bar (and Other Academic Challenges): Towards a Methodology of Humour. In *Sociology*, Sage, pp.1-17. (Publicado online a 13 de janeiro de 2014). Consultado em 7 de janeiro de 2015, em <http://soc.sagepub.com/content/early/2014/01/13/0038038513516694.full.pdf+html>.

Anexos

Tabelas de análise dos programas humorísticos Mixórdia de Temáticas e Portugalex

Tabela1. Categorias de análise do Programa Mixórdia de Temáticas

MIXÓRDIA	Dia/Mês	Dia/Mês	Dia/Mês	Dia/Mês	Dia/Mês	TOTAL
	02.03.2015	03.03.2015	04.03.2015	05.03.2015	06.03.2015	
DURAÇÃO:	00:03:41	00:04:20	00:05:54	00:04:36	00:05:15	
TEMA:	Filme: "Musica no Coração"	Medicina Dentária	Bugigangas	Aulas de Zumba	Situações de suspense	
FICÇÃO OU REAL (F/R)	R	F	R	R	R	R=4 F=1
TÉORIAS						
Superioridade			X	X		2
Libertação						0
Incongruência	X	X			X	3
MECANISMOS						
Ironia	X	X				2
Sátira	X		X	X		3
Caricatura			X	X	X	3
Sonoplastia	X		X		X	3
Sotaques		X		X		2
Gírias		X				1
Expressões identitárias		X				1
Imitação de vozes						0
Caracterização de universos sociais		X		X		2
FUNÇÕES						
Identificação					X	1
Esclarecimento						0
Execução						0
Diferenciação			X	X		2
Solidariedade						0
Poder						0
Função psicológica						0
Entretenimento	X	X	X	X	X	5

MIXÓRDIA	Dia/Mês	Dia/Mês	Dia/Mês	Dia/Mês	Dia/Mês	TOTAL
	09.03.2015	10.03.2015	11.03.2015	12.03.2015	13.03.2015	
DURAÇÃO:	00:04:01	00:06:10	00:04:02	00:03:37	00:04:23	
TEMA:	“Santo Gregório”	Estupidezes do Ricardo	Vício da raspadinha	Modas linguísticas	Fazer conversa	
FICÇÃO OU REAL (F/R)	F	R	R	R	R	R=4 F=1
TÉORIAS						
Superioridade			X	X	X	3
Libertação		X				1
Incongruência	X					1
MECANISMOS						
Ironia			X	X	X	3
Sátira		X	X	X	X	4
Caricatura	X	X	X	X	X	5
Sonoplastia		X				1
Sotaques	X		X			2
Gírias	X					1
Expressões identitárias	X			X		2
Imitação de vozes						0
Caracterização de universos sociais	X		X	X	X	4
FUNÇÕES						
Identificação				X		1
Esclarecimento						0
Execução						0
Diferenciação			X	X	X	3
Solidariedade						0
Poder						0
Função psicológica		X				1
Entretenimento	X	X	X	X	X	5

MIXÓRDIA	Dia/Mês	Dia/Mês	Dia/Mês	Dia/Mês	Dia/Mês	TOTAL
		16.03.2015	17.03.2015	18.03.2015	19.03.2015	20.03.2015
DURAÇÃO:	00:04:42	00:03:50	00:04:59	00:03:18	00:04:00	
TEMA:	“Guerra das Estrelas”	Hábitos do dia-a-dia	Tipos de bêbados	Abolir o Dia do Pai	Sopas de legumes	
FICÇÃO OU REAL (F/R)	F	R	F	F	F	R=1 F=4
TEÓRIAS						
Superioridade		X	X		X	3
Libertação						0
Incongruência	X			X		2
MECANISMOS						
Ironia				X	X	2
Sátira	X	X	X	X	X	5
Caricatura		X	X	X		3
Sonoplastia	X					1
Sotaques	X		X	X	X	4
Gírias	X			X	X	3
Expressões identitárias	X		X		X	3
Imitação de vozes						0
Caracterização de universos sociais		X	X			2
FUNÇÕES						
Identificação			X	X	X	3
Esclarecimento						0
Execução						0
Diferenciação		X				1
Solidariedade						0
Poder						0
Função psicológica						0
Entretenimento	X	X	X	X	X	5

MIXÓRDIA	Dia/Mês	Dia/Mês	Dia/Mês	Dia/Mês	Dia/Mês	TOTAL
	23.03.2015	24.03.2015	26.03.2015	27.03.2015	13.04.2015	
DURAÇÃO:	00:06:53	00:03:39	00:04:55	00:05:09	00:04:03	
TEMA:	Prog. Você na TV	Chinês: precisa-se	Moderna estupidez	Detergentes da roupa	Ida ao veterinário	
FICÇÃO OU REAL (F/R)	R	F	F	R	F	R=2 F=3
TÉORIAS						
Superioridade	X	X		X		3
Libertação						0
Incongruência			X		X	2
MECANISMOS						
Ironia	X	X	X	X	X	5
Sátira	X	X	X	X		4
Caricatura				X		1
Sonoplastia	X		X			2
Sotaques		X	X		X	3
Gírias		X				1
Expressões identitárias		X				1
Imitação de vozes						0
Caracterização de universos sociais		X	X			2
FUNÇÕES						
Identificação						0
Esclarecimento		X				1
Execução						0
Diferenciação	X		X	X		3
Solidariedade						0
Poder						0
Função psicológica						0
Entretenimento	X	X	X	X	X	5

MIXÓRDIA	Dia/Mês	Dia/Mês	Dia/Mês	Dia/Mês	Dia/Mês	TOTAL
	14.04.2015	15.04.2015	16.04.2015	17.04.2015	20.04.2015	
DURAÇÃO:	00:04:08	00:05:03	00:03:51	00:06:42	00:03:28	
TEMA:	Orientação sexual	Roupa de andar em casa	Dietas	Momento vai lá tu	Mães fazem prova de amamentação	
FICÇÃO OU REAL (F/R)	F	R	R	R	R	R=4 F=1
TEORIAS						
Superioridade	X	X	X	X		4
Libertação						0
Incongruência	X				X	2
MECANISMOS						
Ironia	X	X	X		X	4
Sátira		X	X	X	X	4
Caricatura		X	X	X		3
Sonoplastia				X		1
Sotaques	X				X	2
Gírias	X					1
Expressões identitárias						0
Imitação de vozes						0
Caracterização de universos sociais	X					1
FUNÇÕES						
Identificação		X		X		2
Esclarecimento						0
Execução						0
Diferenciação			X		X	2
Solidariedade						0
Poder						0
Função psicológica						0
Entretenimento	X	X	X	X	X	5

MIXÓRDIA	Dia/Mês	Dia/Mês	Dia/Mês	Dia/Mês	Dia/Mês	TOTAL
	21.04.2015	22.04.2015	23.04.2015	24.04.2015	27.04.2015	
DURAÇÃO:	00:04:12	00:03:10	00:04:45	00:03:47	00:03:31	
TEMA:	Roupa interior	Folhetos	Arte de ensacar	Literatura infantil	Trocado por um porco	
FICÇÃO OU REAL (F/R)	F	F	R	F	F	R=1 F=4
TEORIAS						
Superioridade			X			1
Libertação						0
Incongruência	X	X		X	X	4
MECANISMOS						
Ironia	X	X	X	X	X	5
Sátira	X	X	X			3
Caricatura		X	X			3
Sonoplastia	X			X		2
Sotaques		X		X	X	3
Gírias				X	X	2
Expressões identitárias						0
Imitação de vozes						0
Caracterização de universos sociais						0
FUNÇÕES						
Identificação			X			1
Esclarecimento	X					1
Execução						0
Diferenciação						0
Solidariedade						0
Poder						0
Função psicológica						0
Entretenimento	X	X	X	X	X	5

MIXÓRDIA	Dia/Mês	Dia/Mês	Dia/Mês	Dia/Mês	Dia/Mês	TOTAL
	28.04.2015	29.04.2015	30.04.2015	06.05.2015	07.05.2015	
DURAÇÃO:	00:04:10	00:05:19	00:05:11	00:03:37	00:04:01	
TEMA:	Crítica de cinema	Música ambiente nos restaurantes	Cartões	Filmes de Super-heróis	Coisas do quotidiano	
FICÇÃO OU REAL (F/R)	R	F	R	F	R	R=3 F=2
TEORIAS						
Superioridade					X	1
Libertação						0
Incongruência	X	X	X	X		4
MECANISMOS						
Ironia	X	X	X	X		4
Sátira	X	X	X	X	X	5
Caricatura			X		X	2
Sonoplastia		X			X	2
Sotaques	X			X		2
Gírias	X					1
Expressões identitárias						0
Imitação de vozes						0
Caracterização de universos sociais						0
FUNÇÕES						
Identificação		X			X	2
Esclarecimento						0
Execução						0
Diferenciação	X		X			2
Solidariedade						0
Poder						0
Função psicológica						0
Entretenimento	X	X	X	X	X	5

MIXÓRDIA	Dia/Mês	Dia/Mês	Dia/Mês	Dia/Mês	Dia/Mês	TOTAL
	08.05.2015	11.05.2015	12.05.2015	13.05.2015	14.05.2015	
DURAÇÃO:	00:03:24	00:04:37	00:08:33	00:05:03	00:06:40	
TEMA:	As Férias	Instagram	Ir à praia	Ir à praia em casal	A Anita muda de nome	
FICÇÃO OU REAL (F/R)	F	R	R	F	R	R=3 F=2
TEORIAS						
Superioridade		X	X	X		3
Libertação						0
Incongruência	X				X	2
MECANISMOS						
Ironia	X	X	X	X	X	5
Sátira	X	X	X	X	X	5
Caricatura		X	X			2
Sonoplastia						0
Sotaques	X					1
Gírias						0
Expressões identitárias						0
Imitação de vozes						0
Caracterização de universos sociais		X				1
FUNÇÕES						
Identificação			X	X		2
Esclarecimento						0
Execução						0
Diferenciação	X	X			X	3
Solidariedade						0
Poder						0
Função psicológica						0
Entretenimento	X	X	X	X	X	5

MIXÓRDIA	Dia/Mês	Dia/Mês	Dia/Mês	Dia/Mês	Dia/Mês	TOTAL
	15.05.2015	18.05.2015	19.05.2015	20.05.2015	21.05.2015	
DURAÇÃO:	00:05:18	00:06:39	00:05:09	00:03:28	00:04:17	
TEMA:	Novo acordo ortográfico	Cacharolete de temas	O snooze	Como comer sardinhas	Entreter bebês	
FICÇÃO OU REAL (F/R)	R	F	F	F	R	R=2 F=3
TEORIAS						
Superioridade					X	1
Libertação						0
Incongruência	X	X	X	X		4
MECANISMOS						
Ironia	X	X	X	X	X	5
Sátira	X	X	X	X	X	5
Caricatura			X		X	2
Sonoplastia						0
Sotaques				X		1
Gírias						0
Expressões identitárias						0
Imitação de vozes						0
Caracterização de universos sociais						0
FUNÇÕES						
Identificação						0
Esclarecimento						0
Execução						0
Diferenciação	X				X	2
Solidariedade						0
Poder						0
Função psicológica						0
Entretenimento	X	X	X	X	X	5

MIXÓRDIA	Dia/Mês	Dia/Mês	Dia/Mês	Dia/Mês	Dia/Mês	TOTAL
	22.05.2015	25.05.2015	26.05.2015	27.05.2015	28.05.2015	
DURAÇÃO:	00:06:04	00:03:41	00:04:49	00:03:52	00:05:07	
TEMA:	O problema dos exercícios de Física e Química	O som da televisão	IRS	Robots de cozinha	Consultas de tarot da sic e tvi	
FICÇÃO OU REAL (F/R)	R	F	R	F	R	R=3 F=2
TEORIAS						
Superioridade	X				X	2
Libertação						0
Incongruência		X	X	X		3
MECANISMOS						
Ironia	X	X	X	X	X	5
Sátira	X	X	X	X	X	5
Caricatura					X	1
Sonoplastia				X		1
Sotaques	X		X			2
Gírias						0
Expressões identitárias						0
Imitação de vozes						0
Caracterização de universos sociais						0
FUNÇÕES						
Identificação						0
Esclarecimento						0
Execução						0
Diferenciação	X		X		X	3
Solidariedade						0
Poder						0
Função psicológica						0
Entretenimento	X	X	X	X	X	5

Tabela2. Categorias de análise do Programa Portugalex

PORTUGALEX	Dia/Mês	Dia/Mês	Dia/Mês	Dia/Mês	Dia/Mês	TOTAL
	02.03.2015	03.03.2015	04.03.2015	05.03.2015	06.03.2015	
DURAÇÃO:	00:04:42	00:04:33	00:03:23	00:04:49	00:04:40	
TEMA:	Religião; Moda	PT; Barbearia proíbe entrada de mulheres	Política; António Costa e os chineses	Futebol; Cavaco Silva e o Tugaleak	Barbearia que proíbe entrada de mulheres; Cinema	
FICÇÃO OU REAL (F/R)	R	R	R	R	R	R=5 F=0
TÉORIAS						
Superioridade				X		1
Libertação						0
Incongruência	X	X	X	X	X	5
MECANISMOS						
Ironia	X	X	X	X	X	5
Sátira	X	X	X	X	X	5
Caricatura			X	X	X	3
Sonoplastia	X	X	X	X	X	5
Sotaques						0
Gírias						0
Expressões identitárias						0
Imitação de vozes	X	X	X	X	X	5
Caracterização de universos sociais						0
FUNÇÕES						
Identificação						0
Esclarecimento						0
Execução						0
Diferenciação		X	X		X	3
Solidariedade						0
Poder						0
Função psicológica						0
Entretenimento	X	X	X	X	X	5

PORTUGALEX	Dia/Mês	Dia/Mês	Dia/Mês	Dia/Mês	Dia/Mês	TOTAL
	09.03.2015	10.03.2015	11.03.2015	12.03.2015	13.03.2015	
DURAÇÃO:	00:03:31	00:03:31	00:03:34	00:03:31	00:03:55	
TEMA:	Aniversário do Portugal dos pequeninos; Música	As desculpas do PM	Cavaco fala ao país; Mário Soares visita Sócrates; Estátua CR7	Henrique Granadeiro e a PT; Sporting	Futebol; partidos de esquerda	
FICÇÃO OU REAL (F/R)	R	R	R	R	R	R=5 F=0
TÉORIAS						
Superioridade					X	1
Libertação						0
Incongruência	X	X	X	X	X	5
MECANISMOS						
Ironia				X	X	2
Sátira	X	X	X	X	X	5
Caricatura	X	X	X	X	X	5
Sonoplastia	X	X	X	X	X	5
Sotaques						0
Gírias						0
Expressões identitárias						0
Imitação de vozes	X	X	X	X	X	5
Caracterização de universos sociais						0
FUNÇÕES						
Identificação						0
Esclarecimento						0
Execução						0
Diferenciação			X		X	2
Solidariedade						0
Poder						0
Função psicológica						0
Entretenimento	X	X	X	X	X	5

PORTUGALEX	Dia/Mês	Dia/Mês	Dia/Mês	Dia/Mês	Dia/Mês	TOTAL
	16.03.2015	17.03.2015	18.03.2015	19.03.2015	20.03.2015	
DURAÇÃO:	00:04:38	00:04:15	00:03:42	00:04:09	00:03:04	
TEMA:	Caso Grécia; Cinema	Sucessores de Cavaco e de Jorge Jesus	Ronaldo em <i>blackout</i> ; Governo aprova programa VEM	A lista VIP do fisco; O programa VEM	Dia de Eclipse solar; pedido de Habeas Corpus por causa das 50 sombras de Grey	
FICÇÃO OU REAL (F/R)	R	R	R	R	R	R=5 F=0
TÉORIAS						
Superioridade				X		1
Libertação						0
Incongruência	X	X	X	X	X	5
MECANISMOS						
Ironia		X			X	2
Sátira	X	X	X	X	X	5
Caricatura	X	X	X	X	X	5
Sonoplastia	X	X	X	X	X	5
Sotaques						0
Gírias						0
Expressões identitárias						0
Imitação de vozes	X	X	X	X	X	5
Caracterização de universos sociais						0
FUNÇÕES						
Identificação						0
Esclarecimento						0
Execução						0
Diferenciação	X		X	X	X	4
Solidariedade						0
Poder						0
Função psicológica						0
Entretenimento	X	X	X	X	X	5

PORTUGALEX	Dia/Mês	Dia/Mês	Dia/Mês	Dia/Mês	Dia/Mês	TOTAL
		23.03.2015	24.03.2015	26.03.2015	27.03.2015	13.04.2015
DURAÇÃO:	00:03:41	00:03:58	00:04:54	00:04:04	00:02:48	
TEMA:	Facebook já não deixa “sentir-se gordo”; Escolhas de Marcelo Rebelo de Sousa	Lista vip do fisco	Ricardo Salgado e o BES; constituição de uma lista de pedófilos	“Movimento Cívico José Sócrates, sempre”; os modelos de Kate Middleton	Lista de pedófilos; Governo Norte Coreano lança site de compras online;	
FICÇÃO OU REAL (F/R)	R	R	R	R	R	R=5 F=0
TÉORIAS						
Superioridade		X	X			2
Libertação						0
Incongruência	X	X	X	X	X	5
MECANISMOS						
Ironia	X		X	X	X	4
Sátira	X	X	X	X	X	5
Caricatura	X	X	X	X	X	5
Sonoplastia	X	X	X	X	X	5
Sotaques						0
Gírias						0
Expressões identitárias						0
Imitação de vozes	X	X	X	X	X	5
Caracterização de universos sociais						0
FUNÇÕES						
Identificação						0
Esclarecimento						0
Execução						0
Diferenciação	X	X	X	X	X	5
Solidariedade						0
Poder						0
Função psicológica						0
Entretenimento	X	X	X	X	X	5

PORTUGALEX	Dia/Mês	Dia/Mês	Dia/Mês	Dia/Mês	Dia/Mês	TOTAL
	14.04.2015	15.04.2015	16.04.2015	17.04.2015	20.04.2015	
DURAÇÃO:	00:03:37	00:03:41	00:03:50	00:04:03	00:03:28	
TEMA:	Taxa de desemprego; Candidatos às presidenciais	Movimento Raeliano; novo enigma da net: o gato desce ou sobe escadas?	A filha secreta de Carlos e Diana; Há droga nas viagens de finalistas	Marca de roupa acusada de sexismo; casos de leishmanios e a ameaçar de morte o Estado Islâmico	Angelina Jolie e Brad Pitt; Transplante de cabeça	
FICÇÃO OU REAL (F/R)	R	R	R	R	R	R=5 F=0
TEORIAS						
Superioridade	X	X			X	3
Libertação						0
Incongruência	X	X	X	X	X	5
MECANISMOS						
Ironia	X	X	X			3
Sátira	X	X	X	X	X	5
Caricatura	X	X	X	X	X	5
Sonoplastia	X	X	X	X	X	5
Sotaques						0
Gírias						0
Expressões identitárias				X		1
Imitação de vozes	X	X	X	X	X	5
Caracterização de universos sociais						0
FUNÇÕES						
Identificação						0
Esclarecimento						0
Execução						0
Diferenciação	X	X			X	3
Solidariedade						0
Poder						0
Função psicológica						0
Entretenimento	X	X	X	X	X	5

PORTUGALEX	Dia/Mês	Dia/Mês	Dia/Mês	Dia/Mês	Dia/Mês	TOTAL
	21.04.2015	22.04.2015	23.04.2015	24.04.2015	27.04.2015	
DURAÇÃO:	00:03:55	00:05:00	00:04:11	00:03:01	00:03:19	
TEMA:	Ricardo Quaresma; O filho secreto de Lady Di	Estado Islâmico; lei seca para menores de 18 anos	Festival Internacional do chocolate em Óbidos; Lincos envenenados	Associação 25 de abril; prova de amamentação; Candidatos à Presidência da República	Lista de pedófilos; Dilemas e ilusões óticas nas redes sociais	
FICÇÃO OU REAL (F/R)	R	R	R	R	R	R=5 F=0
TEORIAS						
Superioridade			X			1
Libertação						0
Incongruência	X	X	X	X	X	5
MECANISMOS						
Ironia	X	X	X	X	X	5
Sátira	X	X	X	X	X	5
Caricatura	X	X		X	X	4
Sonoplastia	X	X	X	X	X	5
Sotaques		X				1
Gírias						0
Expressões identitárias				X		1
Imitação de vozes	X	X	X	X	X	5
Caracterização de universos sociais						0
FUNÇÕES						
Identificação						0
Esclarecimento						0
Execução						0
Diferenciação	X		X	X	X	4
Solidariedade						0
Poder						0
Função psicológica						0
Entretenimento	X	X	X	X	X	5

PORTUGALEX	Dia/Mês	Dia/Mês	Dia/Mês	Dia/Mês	Dia/Mês	TOTAL
		28.04.2015	29.04.2015	30.04.2015	06.05.2015	07.05.2015
DURAÇÃO:	00:03:42	00:04:01	00:03:59	00:04:00	00:04:24	
TEMA:	O bebe de kate Middleton; Futebol	Propostas do Partido Socialista; Plano detalhado da cobertura da campanha eleitoral	FCP pede indemnizações à Alemanha; Prova de amamentação	Nascimento da princesa de Cambridge; fim da Uber	PSD envia carta com 29 perguntas ao PS; Nave espacial Russa	
FICÇÃO OU REAL (F/R)	R	R	R	R	R	R=5 F=0
TÉORIAS						
Superioridade						0
Libertação						0
Incongruência	X	X	X	X	X	5
MECANISMOS						
Ironia	X	X	X	X	X	5
Sátira	X	X	X	X	X	5
Caricatura	X	X	X	X	X	5
Sonoplastia	X	X	X	X	X	5
Sotaques				X	X	2
Gírias						0
Expressões identitárias						0
Imitação de vozes	X	X	X	X	X	5
Caracterização de universos sociais						0
FUNÇÕES						0
Identificação						0
Esclarecimento						0
Execução						0
Diferenciação		X	X		X	3
Solidariedade						0
Poder						0
Função psicológica						0
Entretenimento	X	X	X	X	X	5

PORTUGALEX	Dia/Mês	Dia/Mês	Dia/Mês	Dia/Mês	Dia/Mês	TOTAL
	08.05.2015	11.05.2015	12.05.2015	13.05.2015	14.05.2015	
DURAÇÃO:	00:03:57	00:03:38	00:03:15	00:03:34	00:03:49	
TEMA:	Aniversário do Portugalex	Marcha Global pela legalização da Marijuana; jogo das 72h;	A biografia autorizada de Pedro Passos Coelho; PM elogia publicamente Dias Loureiro	Pacote suspeito na ponte 25 de abril	O nome da princesa de Cambridge; o novo amor de Irina	
FICÇÃO OU REAL (F/R)	F	R	R	R	R	R=4 F=1
TÉORIAS						
Superioridade				X		1
Libertação						0
Incongruência	X	X	X	X	X	5
MECANISMOS						
Ironia	X	X	X	X	X	5
Sátira	X	X	X	X	X	5
Caricatura	X	X	X	X	X	5
Sonoplastia	X	X	X	X	X	5
Sotaques	X			X	X	3
Gírias						0
Expressões identitárias						0
Imitação de vozes	X	X	X	X	X	5
Caracterização de universos sociais						0
FUNÇÕES						0
Identificação						0
Esclarecimento						0
Execução						0
Diferenciação		X	X	X		3
Solidariedade						0
Poder						0
Função psicológica						0
Entretenimento	X	X	X	X	X	5

PORTUGALEX	Dia/Mês	Dia/Mês	Dia/Mês	Dia/Mês	Dia/Mês	TOTAL
		15.05.2015	18.05.2015	19.05.2015	20.05.2015	21.05.2015
DURAÇÃO:	00:03:22	00:02:27	00:04:08	00:03:21	00:02:52	
TEMA:	Clérigo Iraniano diz haver relação entre a modéstia e a atividade sísmica; greve da TAP	Estado Islâmico; Compra do Oceanário	Novo acordo ortográfico	Lançamento do livro de José Sócrates; Linhas aéreas Cristina Ferreira	Festival Eurovisão da Canção; Sporting	
FICÇÃO OU REAL (F/R)	R	R	R	R	R	R=5 F=0
TÉORIAS						
Superioridade	X			X	X	3
Libertação						0
Incongruência	X	X	X	X	X	5
MECANISMOS						
Ironia	X	X	X	X		4
Sátira	X	X	X	X	X	5
Caricatura	X	X	X	X	X	5
Sonoplastia	X	X	X	X	X	5
Sotaques						0
Gírias						0
Expressões identitárias						0
Imitação de vozes	X	X	X	X	X	5
Caracterização de universos sociais						0
FUNÇÕES						
Identificação						0
Esclarecimento						0
Execução						0
Diferenciação	X		X	X	X	4
Solidariedade						0
Poder						0
Função psicológica						0
Entretenimento	X	X	X	X	X	5

PORTUGALEX	Dia/Mês	Dia/Mês	Dia/Mês	Dia/Mês	Dia/Mês	TOTAL
	22.05.2015	25.05.2015	26.05.2015	27.05.2015	28.05.2015	
DURAÇÃO:	00:02:41	00:04:04	00:03:42	00:03:12	00:03:43	
TEMA:	Jornalista norte-americano apresenta nova versão da morte de Bin Laden; imagens chocantes nos maços de tabaco	Azulejo Português a património da Humanidade ; Execução do ministro Coreano	Agressões na Final do jogo Vitoria de Guimarães-Benfica; Cavala contra o Sporting	O problema dos exercícios de Física e Química	Buraco na camada do ozono está a fechar; Programação da SIC	
FICÇÃO OU REAL (F/R)	R	R	R	R	R	R=5 F=0
TÉORIAS						
Superioridade					X	1
Libertação						0
Incongruência	X	X	X	X	X	5
MECANISMOS						
Ironia		X	X	X	X	4
Sátira	X	X	X	X	X	5
Caricatura	X	X	X	X	X	5
Sonoplastia	X	X	X	X	X	5
Sotaques						0
Gírias						0
Expressões identitárias						0
Imitação de vozes	X	X	X	X	X	5
Caracterização de universos sociais						0
FUNÇÕES						
Identificação						0
Esclarecimento						0
Execução						0
Diferenciação	X	X	X	X		4
Solidariedade						0
Poder						0
Função psicológica						0
Entretenimento	X	X	X	X	X	5